

# **A *TERRA SIGILLATA* HISPÂNICA DA PRAÇA DA FIGUEIRA**

**Inês Sofia Amaro Alves Ribeiro**

---

DISSERTAÇÃO APRESENTADA PARA CUMPRIMENTO DOS REQUISITOS NECESSÁRIOS À  
OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUEOLOGIA, REALIZADA SOB A  
ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA DA PROFESSORA DR<sup>a</sup> ROSA VARELA GOMES E MESTRE  
RODRIGO BANHA DA SILVA

**SETEMBRO/2010**

Inês Alves Ribeiro  
*A Terra Sigillata* Hispânica da Praça  
da Figueira, 2010





*À minha mãe*

*À minha tia*

*Ao meu pai*

## AGRADECIMENTOS

O presente trabalho não é resultado do trabalho de alguns meses ou anos, nem de uma pessoa só. Para além do contributo dos vários trabalhos académicos, não seria realizado sem o apoio e o carinho que tantos amigos me deram numa fase na minha vida cheia de obstáculos. A todos agradeço!

Em primeiro lugar aos meus orientadores. À Professora Dr.<sup>a</sup> Rosa Varela Gomes, que ao longo dos meus anos de formação foi presença constante e entusiasmante, e cujos conhecimentos transmitidos muito valorizo e agradeço.

Ao Mestre Rodrigo Banha da Silva, cujo apoio desde o meu 2º ano da licenciatura me tem guiado e orientado. Sem a sua infinita paciência e atenção não teria chegado ao fim deste caminho que tantas vezes me desmoralizou.

Ao Rui Machado agradeço por ter cedido o seu trabalho, tão essencial para a elaboração desta síntese. Um colega com quem tive o maior prazer de trabalhar, que muito me ensinou e sempre esteve disponível para me ajudar.

O meu muito obrigado ao Eurico de Sepúlveda, pelas longas tardes a analisar pastas e a responder às minhas muitas questões e pela sua paciência e carinho com que me ajuda. Pelo companheiro de aventuras que é e com quem tenho o maior prazer de conhecer os segredos de Roma!

À Raquel Policarpo por ser a força que põe tudo em movimento, que me completa e não me deixa ir abaixo. Uma dupla que ainda tem provas a dar e com quem tenho o maior prazer de partilhar esta conquista.

Agradeço à Luísa Batalha, ao Severino Rodrigues, ao Guilherme Cardoso, ao Daniel, por toda a ajuda, pelas conversas estimulantes e que levaram a pensar “mais além”, por todo o apoio, por todos os bons momentos que passei e passo com eles. São amigos, colegas, professores e sei que seria muito menos feliz se não os tivesse ao meu lado...

O meu muito obrigado a Macarena Bustamante, com quem tive a oportunidade de trocar ideias e esclarecer dúvidas, que tão bem nos recebeu em Cádiz e que indirectamente me deu a conhecer alguns dos “actores principais” na investigação da *terra sigillata* hispânica.

Por último, o mais importante agradecimento de todos é dirigido à minha família, principalmente à minha mãe Mariana e à minha tia Natália, que sempre me apoiaram e incentivaram, mesmo não compreendendo esta minha paixão pelas “coisas velhas” e que nunca me irão deixar desistir.

...e ao meu pai, que tanto orgulho tinha na filha que não quis ser mais que uma simples arqueóloga, e cuja lembrança me faz querer ser mais e melhor! Ao melhor companheiro de trabalho que tive, obrigada!

## RESUMO

### A *TERRA SIGILLATA* HISPÂNICA DA PRAÇA DA FIGUEIRA

Inês Sofia Amaro Alves Ribeiro

**PALAVRAS-CHAVE:** Praça da Figueira, necrópole, *Olisipo*, *terra sigillata* hispânica

A *terra sigillata* hispânica da necrópole noroeste de *Olisipo* inclui vasos lisos e decorados, alguns dos quais com marca de oleiro. Estão representadas formas dos centros produtores de Peñaflores, Los Villares de Andújar e La Rioja, bem como de centros abastecedores de *terra sigillata* hispânica tardia, que abrangem um âmbito cronológico que se prolonga entre meados do século I d.C. e inícios do VI.

Da análise do conjunto é possível concluir a baixa representatividade das produções hispânicas em comparação com as produções sud-gálicas e africanas claras, decorrente da forte concorrência que estas exerciam nos mercados peninsulares. Mesmo assim, é de destacar a presença das produções precoces, como as de tipo Peñaflores, ou a *terra sigillata* hispânica tardia. Do conjunto das produções alto-imperiais é de salientar o predomínio das importações de La Rioja, a preferência pelos produtos de época flávia e a grande variedade formal.

*Olisipo* teria, na Lusitânia ocidental, um papel como centro redistribuidor destas produções, à semelhança de *Emerita Augusta*, reforçando a importância das comunicações marítimas sobre as terrestres durante o império romano. O predomínio de produções de *terra sigillata* hispânica tardia no norte e interior peninsular indica que o aprovisionamento de *Olisipo* durante os séculos III ao V também se realizou por via terrestre.

## ABSTRACT

### A *TERRA SIGILLATA* HISPÂNICA DA PRAÇA DA FIGUEIRA

Inês Sofia Amaro Alves Ribeiro

**KEYWORDS:** Praça da Figueira, necropolis, *Olisipo*, Hispanic *terra sigillata*

The Hispanic *terra sigillata* found in *Olisipo*'s NW necropolis includes both decorated and plain vessels, some of which present potters' stamps, dated from the first century A. D. to the sixth century A. D. They originate from the production centers of Peñaflor, Los Villares de Andújar and La Rioja, as well as other kilns that produced late Hispanic *terra sigillata*.

From the study of this collection we can conclude that the Hispanic ware is far less represented in the burial site than the southern Gaulish and the RSW products that successfully competed with the Hispanic productions in the peninsular markets. Even so, we find earlier productions such as those of Peñaflor, and late Hispanic *terra sigillata*. The earlier imperial productions originate mainly from La Rioja, and indicate a clear preference for the flavian ware and a great variety of forms.

*Olisipo*'s role in Western *Lusitania*, similar to that of *Emerita Augusta*, would be to redistribute the Hispanic *terra sigillata*, which reinforces the meaning of maritime communications over the terrestrial routes during the Roman Empire. The predominance of late Hispanic *terra sigillata* in the northern and inland sites of the peninsula indicates that *Olisipo*'s supplies during the III to V<sup>th</sup> century a.D. were also imported through land routes.

## Índice

Introdução .....	1
I. <i>Olisipo</i> e a Necrópole Noroeste .....	3
1. A Lisboa romana .....	3
2. As Intervenções Arqueológicas na Praça da Figueira .....	9
2.1. A Intervenção de 1960 a 1962 .....	9
2.2. A Intervenção Arqueológica de Urgência (I.A.U.) de 1999/2001 .....	11
3. A Necrópole Noroeste de <i>Olisipo</i> .....	12
II. A <i>terra sigillata</i> hispânica .....	17
1. Conceptualização de <i>terra sigillata</i> hispânica.....	18
2. Revisão dos Estudos sobre <i>terra sigillata</i> hispânica .....	21
2.1. Revisão dos Estudos sobre <i>terra sigillata</i> hispânica “clássica” .....	21
2.2. Revisão dos Estudos sobre <i>terra sigillata</i> hispânica Tardia .....	25
2.3. Revisão dos Estudos sobre <i>terra sigillata</i> hispânica de tipo Peñaflor.....	28
2.4. Revisão dos Estudos em Portugal.....	30
III. A <i>terra sigillata</i> hispânica da Praça da Figueira .....	34
1. Metodologia.....	34
2. Produções .....	38
2.1. Produção de Tipo Peñaflor .....	38
2.2. Centro Produtor de Los Villares, Andújar .....	40
2.3. Centro Produtor de La Rioja.....	46
2.4. <i>Terra sigillata</i> hispânica tardia .....	52
3. Análise Tipológica .....	54
3.1. Produções de tipo Peñaflor .....	54
3.2. Produções de <i>terra sigillata</i> hispânica “clássica” .....	55
3.2.1. Formas Lisas .....	55
3.2.2. Formas Decoradas.....	66
3.3. Produções de <i>terra sigillata</i> hispânica tardia.....	74
3.3.1. Formas Lisas .....	74
3.3.2. Formas Decoradas.....	75
3.4. As marcas de oleiro .....	76
4. Análise do conjunto.....	77



IV. O panorama lusitano.....	83
Conclusão .....	88
Bibliografia.....	88

Anexos:

Anexo 1 – Mapas e plantas

Anexo 2 – Estampas de *terra sigillata* hispânica da Praça da Figueira

Anexo 3 – Quadros da *terra sigillata* hispânica da Praça da Figueira

Anexo 4 – Base de dados

## LISTA DE ABREVIATURAS

**Aj.** – Tipologia formal das produções específicas de Los Villares de Andújar

**Drag.** – Tipologia formal de Dragendorff

**Dr.** – Tipologia formal de Dressel

**Hisp.** – Tipologia formal de Mezquíriz para produções específicas da *Hispania*

**Ritt.** – Tipologia formal de Ritterling

**T.S.H.** – abreviatura de *terra sigillata* hispânica

**U.E.** – Unidade Estratigráfica

## Introdução

A presente dissertação, intitulada *A Terra Sigillata Hispânica da Praça da Figueira*, é um trabalho de síntese que beneficia da investigação levada a cabo por Rodrigo Banha da Silva, com o estudo das marcas de oleiro em *terra sigillata*, por Rui Machado, com parte do conjunto da *sigillata* hispânica decorada, e o trabalho efectuado pela autora sobre a *sigillata* hispânica lisa e decorada. Todas as investigações foram realizadas no âmbito académico e tiveram como objecto de estudo uma pequena parte da realidade material resultante das intervenções arqueológicas ocorridas na Praça da Figueira entre os anos de 1960 a 62 e de 1999 a 2001. Neste sentido, não a considero um trabalho final, mas sim uma fracção, um “capítulo” da extensa narração da Praça da Figueira, que vai sendo composta através de vários trabalhos parcelares, tendo em conta o elevado volume de informação existente.

O espólio, gentilmente cedido pelo Museu da Cidade, enquadra-se nos contextos da necrópole romana de *Olisipo*, um espaço funerário associado a uma das principais vias da cidade – a “via norte” – e caracterizado pela sua monumentalidade típica dos inícios da nossa Era.

O estudo da *terra sigillata* hispânica que, como já foi referido, é só uma parte do espólio da Praça da Figueira, tem como objectivos principais na presente dissertação:

- conhecer os centros abastecedores de *terra sigillata* hispânica da cidade de *Olisipo*;
- perceber os fluxos de importação deste tipo de material, associados a lógicas de consumo promovidas pelas relações comerciais e pelos gostos e hábitos da população de *Olisipo*;
- definir diacronias de consumo de *terra sigillata* hispânica dentro dos contextos estratigráficos e que possam ser auxiliares de consulta nas futuras sínteses.
- compreender o papel de *Olisipo* como centro consumidor e como plataforma redistribuidora dos produtos de *terra sigillata* hispânica no panorama da Lusitânia, em contextos alto e baixo-imperiais;

O **I capítulo** é assim dedicado à história de *Olisipo* e à sua evolução como centro urbano e espaço municipal a partir dos finais do século I a.C., bem como à evolução da Necrópole noroeste da cidade romana, identificada nas intervenções arqueológicas de que foi alvo a Praça da Figueira e a sua importância como espaço funerário nos inícios da nossa era.

Sendo a *terra sigillata* hispânica o objecto material da nossa investigação, era de extrema importância rever toda a investigação feita até ao momento sobre ela, desde os centros produtores e as mais recentes descobertas, passando pelos centros receptores/centros de consumo e as problemáticas em torno do tema. À sua análise dedicamos o **capítulo II**, desde a conceptualização deste tipo de cerâmica, passando pela síntese dos estudos a nível peninsular e também nacional.

O **capítulo III** é o cerne deste trabalho, com uma breve apresentação dos centros produtores presentes no espólio da Praça da Figueira, a análise tipológica dos materiais em estudo e dos valores identificados.

A leitura dos dados aferidos leva-nos no **capítulo IV**, a interpretá-los no panorama da Lusitânia, em locais cuja investigação se encontra numa fase bastante evolutiva.

## I. *Olisipo* e a Necrópole Noroeste

### 1. A Lisboa romana

“Ponto de confluência”<sup>1</sup> entre o Mediterrâneo e o Atlântico e foz do maior rio da Península Ibérica, o Tejo, Lisboa desde cedo pôde beneficiar da sua localização geográfica.

Autores clássicos associavam *Olisipo* ao herói da mitologia grega Ulisses, entendido como responsável pela fundação da cidade<sup>2</sup>. Contudo, o termo “*Olisipo*” não tem origem indo-europeia. Cardim Ribeiro defende uma origem tartéssica para o topónimo<sup>3</sup>. Vasco Mantas também lhe atribui uma origem anterior à presença romana, mas associa-a antes a uma presença fenícia baseado em achados na região do vale do Tejo e no topónimo “Alis Ubo”, também atribuído à cidade e que demonstra ligações entre a península e o norte de África (onde também foram encontrados outros topónimos terminados em “Ubo”) durante a Idade do Ferro<sup>4</sup>.

Escavações no Castelo de São Jorge dirigidas por Ana Gomes e Alexandra Gaspar nos últimos anos puderam confirmar esta teoria. O resultado dos trabalhos demonstrou uma forte presença fenícia na Idade do Ferro<sup>5</sup> (ocupações mais antigas remontam aos séculos VII e VI a.C.), podendo Lisboa ter sido um importante entreposto comercial sidérico.

Foi este contacto, tanto na margem norte, como na margem sul do Tejo – no Almaraz, Almada – que permitiu o crescimento do povoado indígena.

O desenvolvimento das actividades marítimo-fluviais do porto de *Olisipo*, ficou a dever-se assim, à sua inclusão nas redes de comércio fenícias, uma vez que dispunha de excelentes condições naturais para a fixação de um entreposto comercial, ligando-se ao interior peninsular através do melhor meio de comunicação da época, o Tejo, o que permitia a comercialização dos recursos naturais do *hinterland* como os minérios, principalmente os auríferos<sup>6</sup>.

Foi também possível comprovar uma importante presença romana a partir do último quartel do século II a.C. associada claramente à guarnição militar instalada por

---

<sup>1</sup> CARDIM RIBEIRO, J. (1994), p. 75-76.

<sup>2</sup> SILVA, R. B. da (2005).

<sup>3</sup> CARDIM RIBEIRO, (1994), p. 78.

<sup>4</sup> MANTAS, V.G. (1999), p. 18.

<sup>5</sup> SILVA, R. B. da (2005), p. 20.

<sup>6</sup> MANTAS, V.G. (1999), p. 19-20.

*Decimus Iunius Brutus* durante as campanhas do general romano na Península Ibérica, que em 138 a.C. levariam à ocupação da cidade.

Esta passagem de influência para o poder romano fazia já parte de um processo iniciado em 206 a.C. com a integração da cidade sidérica de Cádis, o centro da actividade marítima fenícia para cá do Estreito de Gibraltar. Assim, as campanhas de *Decimus Iunius Brutus* não foram mais que campanhas de reconhecimento da faixa costeira atlântica<sup>7</sup>, não tendo havido assim uma “ocupação” no sentido de conquista da palavra, mas como defende Cardim Ribeiro, uma “progressiva romanização”<sup>8</sup>.

*Olisipo* passa então a fazer parte da República romana, um domínio que viria a durar mais de cinco séculos, e onde o porto viria a ter uma extrema importância, quer a nível comercial, quer a nível estratégico-militar.

Segundo Vasco Mantas, a presença em *Olisipo*, no séc. I a.C. de indivíduos da *gens Antónia* e com ligações a Júlio César, terá impulsionado a sua promoção por parte de Augusto, a *municipium ciuium Romanorum*<sup>9</sup>, **estatuto jurídico-administrativo** que conferia à *ciuitas* e ao indivíduo o direito de cidadania na República romana, com um certo nível de autonomia e independência. Contudo, a atribuição não é clara, e autores como Jorge Alarcão defendem que esta concessão terá sido feita por Júlio César ou Octaviano antes do ano 27 a.C.<sup>10</sup> Para Cardim Ribeiro, a atribuição do estatuto de município estaria enquadrada num “programa de intenções esboçado por Júlio César” e posto em prática por Octaviano cerca de 30 a.C.<sup>11</sup>, sendo talvez esta a proposta mais verosímil.

Cardim Ribeiro apresenta ainda uma evolução jurídico-administrativa da cidade<sup>12</sup> e que terá estado na base da sua promoção a município. Assim, na segunda metade do séc. II a.C. *Olisipo* terá integrado o *conuentus ciuium Romanorum*, actual cidade Santarém, tendo sido promovida a *oppidium ciuium Romanorum* em meados do séc. I a.C., e a *municipium ciuium Romanorum* em finais da Era, com Octaviano.

Após esta promoção, *Olisipo* recebe a designação de *Felicitas Iulia Olisipo*, seu nome oficial.

---

<sup>7</sup> MANTAS, V.G. (1999), p. 21.

<sup>8</sup> CARDIM RIBEIRO, J. (1994), p. 78.

<sup>9</sup> MANTAS, V.G. (1999), p. 22.

<sup>10</sup> ALARCÃO, J. (1994b), p. 58.

<sup>11</sup> CARDIM RIBEIRO, J. (1994), p. 77.

<sup>12</sup> CARDIM RIBEIRO, J. (1994), p. 77.

O **município olisiponense** abrangia então uma área vasta. A norte segundo J. Alarcão<sup>13</sup>, atingiria “o paralelo de Torres Vedras”, chegando a Alenquer. A sul abrangeria parte da península da Arrábida, não havendo contudo elementos suficientes para definir uma linha exacta. Segundo Cardim Ribeiro, só a faixa costeira da Costa da Caparica a Alcochete faria parte do município, uma vez que a escassez de elementos epigráficos ou achados arqueológicos de época romana no interior da península de Setúbal, faz com que esta pareça uma “terra de ninguém” ou com um conjunto populacional sócio-cultural bastante diferente de *Olisipo*<sup>14</sup>.

A sua linha a oriente também não é isenta de discussão. Se Alarcão defende a inclusão do território da margem esquerda do Tejo, já Cardim Ribeiro defende que este limite não chegaria sequer às margens direitas do rio, tendo por base um epitáfio supostamente encontrado na Póvoa de Santa Iria onde vem designado a *origo* do indivíduo, *Olisiponensis*, uma referência que só faria sentido se *Iulius Rufinus* tivesse sido sepultado fora da sua *ciuitas*<sup>15</sup>. Outra hipótese está relacionada com a fertilidade dos campos junto à na linha do Tejo, o que levaria à sua assimilação ao território de *Scallabis*.

O aumento de importância jurídico-administrativa de *Olisipo* deu-lhe um novo impulso, o que resultou também no desenvolvimento urbano da cidade imperial.

Como resultado das várias intervenções arqueológicas levadas a cabo na cidade de Lisboa, a cidade romana, vai sendo aos poucos definida<sup>16</sup>, trazendo novos elementos e “desmistificando” várias teorias já obsoletas.

Assim, através do estudo da zona do Castelo de São Jorge, dos trabalhos sobre as oficinas de transformação de pescado (principalmente os trabalhos de Clementino Amaro e Jacinta Bugalhão)<sup>17</sup>, e das intervenções efectuadas nas áreas funerárias, é possível definir um provável perímetro para a área urbana de *Olisipo*, reduzindo-a para 15 hectares, como defende Rodrigo Banha da Silva<sup>18</sup>.

---

<sup>13</sup> ALARCÃO, J. (1994b), p. 61.

<sup>14</sup> CARDIM RIBEIRO, J. (1994), p. 81-82.

<sup>15</sup> CARDIM RIBEIRO, J. (1994), p. 80.

<sup>16</sup> Ver figura 1, Anexo 1.

<sup>17</sup> SILVA, R. B. da (2005), p. 21.

<sup>18</sup> SILVA, R. B. da (2005), p. 21.

A **área urbana** da cidade seria então definida por uma muralha, edificada com a municipalização de Augusto<sup>19</sup>. Vieira da Silva propôs como traçado a linha da “Cerca Velha” medieval, tendo Alarcão questionado se esta não seria uma reutilização do traçado da muralha romana tardia, construída nos finais do séc. III d.C.<sup>20</sup>. Uma hipótese confirmada em 2004 com os trabalhos arqueológicos na Casa Sommer, onde esta muralha tardia foi identificada e enquadrada no traçado medieval, tendo ainda sido descoberta parte de uma estrutura anterior, correspondente à muralha alto-imperial<sup>21</sup>.

Tendo em conta o que se conhece do seu traçado podemos delimitar uma hipótese para o perímetro da muralha alto-imperial<sup>22</sup>. A sul coincidiria com o traçado da “Cerca Velha”, deixando no seu exterior as cetárias identificadas na Casa dos Bicos. O traçado seguia a oriente até ao Chafariz d’el Rei em Alfama, onde subia até São João da Praça, alcançando depois as Portas do Sol da “Cerca Velha”.

A oeste passaria entre o actual largo da Madalena, onde foi identificado o “Templo de Cibele”, avançado como parte do fórum municipal, e as cetárias descobertas na Rua dos Fanqueiros por Dias Diogo<sup>23</sup>. A norte incluiria as *Termas dos Cássios*, flectindo na direcção da Porta da Alfôfa da “Cerca Velha”. Actualmente, não é ainda possível determinar o seu fecho a norte, uma vez que não tem havido intervenções arqueológicas na zona.

O que se conhece hoje sobre o **traçado urbano de Olisipo** ainda é pouco para se poder definir os critérios urbanísticos da cidade alto-imperial. Contudo, gradualmente, a Arqueologia tem vindo a esclarecer esta questão.

Uma das evidências arqueológicas mais importantes para a compreensão do urbanismo olisiponense é o da concepção tendencialmente ortogonal do traçado urbano que, apesar dos condicionalismos geográficos, tem-se apresentado fidedigno do idealismo romano<sup>24</sup>. É interessante observar que grande parte dos edifícios públicos até agora identificados ou propostos como tal, apresentam uma orientação de c. 6º para NO, como veremos mais adiante.

---

<sup>19</sup> ALARCÃO, J. (1994b), p. 58.

<sup>20</sup> ALARCÃO, J. (1994b), p. 58.

<sup>21</sup> SILVA, R. B. da (2005), p. 22; GASPAR, M. A.; GOMES, A. M.; SEQUEIRA, M. J.; SILVA, R. B. (2000), p. 62

<sup>22</sup> SILVA, R. B. da (2005), p. 22.

<sup>23</sup> DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L. (2000).

<sup>24</sup> SILVA, R. B. da. (1999), p. 58-59.



De entreposto comercial, *Olisipo* passa a ser uma das mais influentes cidades da Lusitânia, adquirindo em época imperial uma nova importância estratégica. Beneficiando com o alargamento do império romano ao norte Atlântico e o estabelecimento de novas rotas, *Olisipo* vai crescer, quer a nível económico, político e monumental<sup>25</sup>.

Na primeira metade do séc. I d.C. vai ser palco de uma reforma urbanística que lhe vai dotar o **centro urbano** de um conjunto de edifícios públicos que, gradualmente têm vindo a ser identificados e estudados, desde o séc. XVIII<sup>26</sup>.

Um dos edifícios mais emblemáticos, é o **Teatro**, identificado durante as obras de reconstrução de Lisboa após o Terramoto 1755. É provavelmente uma obra augustea tendo em conta os elementos arquitectónicos e decorativos que ostenta<sup>27</sup>, sofrendo campanhas de remodelação em época de Nero. Apresenta ainda uma orientação de 6º NO, e terá sido abandonado em finais do séc. IV e inícios do séc. V, tendo sido a silharia aproveitada, provavelmente para o reforço da muralha.<sup>28</sup>

Não tendo sido ainda confirmada a sua existência, calcula-se que o **fórum municipal**, segundo as hipóteses lançadas por Alarcão, Mantas ou Cardim Ribeiro, situava-se entre o eixo “Catedral – Teatro Romano”<sup>29</sup>, e segundo uma orientação de 6º NE à semelhança da orientação das cetárias da Casa dos Bicos. É ainda de salientar, as coincidências do traçado urbano romano desta zona, com o traçado medieval e moderno<sup>30</sup>.

Nos Claustros da Sé de Lisboa foram também identificadas várias construções e uma via, que se avança com a proposta de ser um dos **cardines** secundários da cidade<sup>31</sup>. A sua orientação de 6/7º NO torna provável uma relação urbanística com o Teatro.

Outro equipamento identificado da cidade alto-imperial é a designada Termas dos Cássios, com uma orientação de 22/28º NE, “destoando” dos edifícios anteriores.

---

<sup>25</sup> MANTAS, V.G., (1999), p. 25.

<sup>26</sup> SILVA, R. B. da. (1999), p. 43.

<sup>27</sup> FERNANDES, L. (2007).

<sup>28</sup> SILVA, R. B. da. (1999), p. 47.

<sup>29</sup> SILVA, R. B. da (2005), p. 24; e CARDIM RIBEIRO, J. (1994), p. 84.

<sup>30</sup> SILVA, R. B. da (2005), p. 24; e CARDIM RIBEIRO, J. (1994), p. 84.

<sup>31</sup> SILVA, R. B. da (2005), p. 23.

Apresenta uma cronologia com inícios em época de Cláudio, tendo sofrido profundas alterações em 336 d.C.<sup>32</sup> Terá sido abandonada em finais do séc. IV/ inícios do séc. V.

Outros vestígios do interior da cidade romana, têm vindo a ser identificados como já foi referido, na Casa Sommer, onde apareceu uma “estrutura criptoporticada, um fontanário, uma área lajeada” e resumindo, as muralhas romanas de *Olisipo*<sup>33</sup>.

No **exterior do pomerium** encontravam-se as indústrias de preparação de pescado, o circo e as necrópoles.

Foi a identificação gradual de vários **conjuntos de cetárias**, que permitiu considerar *Olisipo* como um centro produtor e exportador de preparados piscícolas. É importante referir os locais dos achados ainda que resumidamente: na Casa dos Bicos, Rua Augusta, R. dos Correeiros, R. dos Fanqueiros e que daria origem ao Núcleo Arqueológico da R. dos Correeiros, Mandarin Chinês, R. da Conceição, R. da Prata, R. dos Douradores e por último, talvez no Largo das Alcaçarias<sup>34</sup>. Estes ocupam assim uma área extensa, que ficaria fora das muralhas, e junto às margens do Tejo e do Esteiro da Baixa.

Um dos monumentos mais controversos tem sido o **criptopórtico** da Rua da Prata, cuja função ainda não foi identificada. Com uma cronologia do séc. I d.C., a opinião mais corrente e que tem ganho mais credibilidade, é a de que fosse um fórum comercial instalado junto à zona portuária<sup>35</sup>.

O **circo de Olisipo** encontrado em 1961 por Irisalva Moita, só viria a ser identificado como edifício público de lazer, em 1997. Contudo, os dados disponíveis não chegam para atribuir uma cronologia<sup>36</sup>.

As **necrópoles** também se encontravam no exterior do *pomerium*, e tendo como único fundamento referências antigas, é possível localizar duas necrópoles no lado oriental de *Olisipo* e que “desenvolviam-se ao longo de um espaço próximo ao da via *Olisipo – Scallabis*”<sup>37</sup>, uma na actual Calçada do Cardeal e outra na actual estação de Santa Apolónia.

---

<sup>32</sup> SILVA, R. B. da. (1999), p. 48.

<sup>33</sup> SILVA, R. B. da. (2005), p. 25.

<sup>34</sup> SILVA, R. B. da. (2005), p. 27.

<sup>35</sup> CARDIM RIBEIRO, J. (1994), p. 83.

<sup>36</sup> SEPÚLVEDA, E.; *et Al.* (2002), p. 245-275.

<sup>37</sup> SILVA, R. B. da. (2005), p. 28.

Mais a norte, achados de epígrafes funerárias levam a crer a existência de outro espaço funerário junto do actual Mosteiro de São Vicente. A ocidente de *Olisipo*, na R. dos Correeiros, são escavadas várias sepulturas de inumação e incineração por Jacinta Bugalhão, que atribui uma cronologia de época republicada romana.<sup>38</sup>

Entre 1962 e 2000 é identificada a necrópole NO de *Olisipo*, numa área que vai desde a Praça da Figueira, a São Domingos, Encosta de Sant’ana, Martim Moniz e Calçada do Garcia<sup>39</sup>.

## **2. As Intervenções Arqueológicas na Praça da Figueira**

### **2.1. A Intervenção de 1960 a 1962**

Em 1960 tem lugar na Praça da Figueira a primeira intervenção arqueológica de prevenção da cidade de Lisboa. O perigo da destruição de património monumental e arqueológico da cidade pela instalação do novíssimo meio de transporte, o comboio subterrâneo – o Metropolitano – obrigou a Câmara Municipal de Lisboa a um acompanhamento arqueológico nas áreas que viriam a ser afectadas, atribuindo ao Museu da Cidade a responsabilidade pelos trabalhos.

A Praça da Figueira não foi excepção já que faria parte do plano do traçado das obras que viriam a ser efectuadas, e sendo a riqueza arqueológica do seu subsolo já conhecida, visto que em 1953, numa das lojas<sup>40</sup> do quarteirão que separa a Praça da Figueira do Rossio foi identificada a escadaria da igreja do Hospital Real de Todos os Santos, por Irisalva Moita, arqueóloga do Museu da Cidade que também viria a ser responsável pelos trabalhos seguintes.

Teve assim início um período de três anos de acompanhamentos e escavação do local que, como já foi referido, foram coordenados por Irisalva Moita<sup>41</sup>. Entre 1960 e inícios de 1962 a investigadora escavou o antigo Hospital, bem como parte do desaparecido convento de São Domingos e a capela da Nossa Senhora do Amparo. Entretanto em 1961, no Rossio é descoberta uma grande estrutura de época romana que só em 1997 foi identificada como o problemático circo de *Olisipo*<sup>42</sup> e, no mesmo

---

<sup>38</sup> BUGALHÃO, Jacinta, (2001), p. 32.

<sup>39</sup> SILVA, R. B. da. (2005); ver figura 2, Anexo 1.

<sup>40</sup> “Irmãos Unidos”.

<sup>41</sup> SILVA, R. B. da. (2005), p. 8.

<sup>42</sup> VALE, A; FERNANDES, L. (1997).

intervalo de tempo, são identificadas na Praça da Figueira, três sepulturas de incineração romana a que a investigadora designou de “Conjunto I”, tendo sido enumerados até ao final desse mesmo ano catorze conjuntos, com material associado que lhe permitiu identificar para além das sepulturas previamente descobertas, mais vinte e cinco e um conjunto de estruturas supostamente associadas. Alertada pelo cada vez maior número de achados, Irisalva Moita levou a cabo a primeira escavação sistemática no local, já que até então os seus trabalhos tinham sido unicamente de acompanhamento de obra.

É pois, na metodologia de trabalho aplicada dos registos, que recaem a grande parte das críticas ao trabalho desta investigadora feitos por Bandeira Ferreira. Ao assumir a coordenação dos trabalhos em 1962 descreve no seu *Diário das Escavações* o “estado deplorável” da escavação, para além de denominar os trabalhos da sua antecessora como “escavações catastróficas”<sup>43</sup>. Rodrigo Banha da Silva, cuja tese de mestrado incidiu sobre materiais da intervenção de urgência na Praça da Figueira entre 1999 e 2001<sup>44</sup>, também critica a “falta de rigor” dos registos, e as “limitações metodológicas” em função do trabalho exigido, embora este investigador reconheça que Irisalva Moita tinha plena consciência de que o seu trabalho dava lugar, para a época, uma visão pouco precisa da necrópole romana.

Contudo, não podemos esquecer que Irisalva Moita foi uma das pioneiras na investigação arqueológica em Lisboa e que, tal como refere Rodrigo Banha da Silva, tornou “acessível a um público alargado uma parcela importante do passado da cidade...”<sup>45</sup>.

O crescente interesse das autoridades competentes pelo local e pelas descobertas feitas, levou a Junta Nacional de Educação a assumir a responsabilidade dos trabalhos, e substituir na direcção da escavação a arqueóloga, encarregando Bandeira Ferreira, que recomeça a escavação em Fevereiro de 1962, como afirmámos anteriormente.

Ao contrário da sua predecessora, Bandeira Ferreira vai contar com a participação de arqueólogos experientes como Eduardo Prescott Vicente, Fernando Castelo Branco, Rodrigues Miguéis entre outros, e alunos da Faculdade de Letras de Lisboa.

---

<sup>43</sup> BANDEIRA FERREIRA *Diário das Escavações Sistemáticas na Praça da Figueira em Lisboa*, Junta Nacional da Educação, Lisboa, (manuscrito- exemplar policopiado a partir de microfilme), p. 4, *apud* SILVA, R. B. da. (2005), p. 11.

<sup>44</sup> SILVA, R. B. da. (2005).

<sup>45</sup> SILVA, R. B. da. (2005), p. 10.

Infelizmente, a zona a ser intervencionada já se encontrava bastante reduzida pela continuação das obras, limitando-se à área onde seria construída a estação de Metro do Rossio. Apesar das limitações foi possível descobrir uma via de origem romana, através da qual se organizava a necrópole, bem como várias estruturas que definiam ambientes separados, ou seja, e como ficou definido, vários compartimentos.

Limitado também pelo plano das obras, Bandeira Ferreira não pôde levar a cabo a escavação integral da área, ficando confinado aos poços de sustentação para a estação e ao desmantelamento das estruturas depois da sua escavação total<sup>46</sup>.

## **2.2. A Intervenção Arqueológica de Urgência (I.A.U.) de 1999/2001<sup>47</sup>**

De carácter preventivo, ocorre entre 1999 e 2001 a última intervenção arqueológica na Praça da Figueira, enquadrada num projecto de requalificação do espaço e que implicaria a construção de um parque de estacionamento subterrâneo, tendo em conta as necessidades de estacionamento da própria cidade. Tal como ocorreu em 1960, a Câmara Municipal de Lisboa entrega a coordenação científica do projecto de escavação ao Museu da Cidade, sob a direcção de Rodrigo Banha da Silva que após dois anos de acompanhamento processual dá início aos trabalhos de escavação sistemática do local, programados com os meios necessários e enquadrados num espaço temporal que se coadunava com um trabalho de tal envergadura e de importância arqueológica.

De acordo com as directivas do I.P.A. foi aplicado o princípio da “prevenção pelo registo”, sendo para aquele local o único meio possível.

A intervenção arqueológica foi então estruturada em função da estratigrafia já conhecida, ou seja, dos níveis medievais e modernos do Hospital Real de Todos os Santos, e dos da presença romana nomeadamente a necrópole, a “Via Norte” e o circo, tendo-se desenvolvido em três fases: numa primeira (entre Fevereiro e Junho de 1999) através de sondagens geotécnicas que permitiram uma primeira leitura da potencialidade estratigráfica do sítio; uma segunda (entre Setembro de Dezembro de 1999) de acompanhamento da implantação da estrutura de contenção e que se revelou ineficaz; e

---

<sup>46</sup> SILVA, R. B. da. (2005), p. 12.

<sup>47</sup> A informação deste capítulo foi gentilmente cedida pelo Dr. Rodrigo Banha da Silva.

finalmente uma última fase de escavação arqueológica integral da área delimitada, entre Dezembro de 1999 e Março de 2001.

A nível de metodologias de escavação foram empregues tanto as soluções “open-area” de Barker-Harris, como a implantação de uma malha quadricular de 5x5 com a utilização de banquetas para uma melhor leitura estratigráfica. É de salientar que esta metodologia mista deriva das vicissitudes da própria área a intervencionar, e foi utilizada de modo a garantir dados mais exactos. Foi utilizada assim a Unidade Estratigráfica (U.E.) bem como várias “matrizes de Harris”, para além da identificação de interfaces relevantes e registo planimétrico das U.E.’s mais significativas. A malha quadricular como já foi referido, é ordenada de Oeste para Este de forma alfabética, e de Norte para Sul de forma numérica.

Infelizmente, os resultados da intervenção não foram os desejados, tendo em conta os horizontes crono-estratigráficos propostos a alcançar.

Obteve-se no entanto para o Hospital Real de Todos os Santos uma leitura completa da sua ocupação e previvência no espaço. O mesmo já não foi possível para o período medieval islâmico e para o romano, devido aos procedimentos limitativos levados a cabo pelos engenheiros e projectistas da obra, por razões de segurança perimetral. Porém, estas expectativas foram coroadas de um êxito relativo pois foi possível identificar a presença de um bairro com cronologia que está inserida dentro de balizas correspondentes ao período de ocupação islâmica da cidade.

### **3. A Necrópole Noroeste de *Olisipo***

A referência mais antiga à necrópole noroeste da Lisboa romana aparece no século XVI com a menção no *Anonimus Napolitanus*, a uma epígrafe dedicada a *Q. Caesius Fundanus*<sup>48</sup>, a qual fazia parte como bloco integrante da fachada da antiga igreja de S. Domingos. Mais tarde, em inícios do século XVII, Frei Luís de Sousa narra na sua *História de S. Domingos*, a descoberta efectuada em 1571 de estruturas, aquando se procedia à abertura dos alicerces para o dormitório do convento, as quais na sua época foram identificadas como cais fluvial, pois era já consensual a ideia da existência de esteiros navegáveis no local em épocas anteriores à implantação do convento.

---

<sup>48</sup> SILVA, R. B. da. (2005), p. 32.

Hoje em dia, à luz dos conhecimentos arqueológicos que possuímos, é provável que este relato se relacione com a necrópole romana e não com estruturas de apoio fluvial.

Em finais do século XIX, o olisipógrafo José Valentim de Freitas identifica três sepulturas de incineração na Calçada do Garcia que já neste século são associadas a um espólio e a outras sepulturas descobertas<sup>49</sup>. Neste mesmo último quartel do século XIX, obras efectuadas no largo de S. Domingos põem a descoberto duas inscrições romanas, ossadas humanas e estruturas, estes dois últimos vestígios provavelmente associados a um cemitério medieval/moderno, irão ser intervencionados em 1991 por Dias Diogo e Laura Trindade<sup>50</sup>.

Em meados do século XX têm início as já referidas intervenções na Praça da Figueira por Irisalva Moita. Contudo e apesar dos vários achados de época romana e de características funerárias, só foi possível identificar o local como necrópole de grandes proporções, relativamente mais tarde, ou seja, em Abril de 1961 são efectuados os primeiros achados de sepulturas romanas, mas só em finais desse mesmo ano é que foi possível confirmar a existência de uma necrópole extensa.

Perante a relevância cada vez maior dos achados, Irisalva Moita como referimos, é substituída por Bandeira Ferreira, que em 1962 continua os trabalhos, de forma mais sistemática e abrangente. Como resultado da sua intervenção, identifica a necrópole e uma via secundária que a estrutura.

Dos trabalhos destes dois anos (1961/1962), resultou uma grande variedade de espólio material, algum ainda inédito e por estudar, e de registo volumoso. O mesmo ocorreu com a intervenção de 1999/2001, o que limita uma leitura geral do espaço funerário e dos materiais recolhidos.

Outra dificuldade na interpretação dos dados, é a incompatibilidade que demonstram os registos das intervenções de Moita e de Bandeira Ferreira, principalmente a nível do registo planimétrico, sendo em alguns casos difícil concluir se a área escavada, pelos dois investigadores, se sobrepõe e é a mesma, havendo poucas referências mútuas. Como consequência desta discrepância, foi dada pela equipa da I.A.U. uma preferência pelos registos do *Diário das Escavações*, de Bandeira Ferreira.

---

<sup>49</sup> SILVA, R. B. da. (2005).

<sup>50</sup> DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L. (2000b).

Da junção dos dados das intervenções de 1960/1962 e dos resultados obtidos com a escavação de emergência de 1999/2001 foi possível elaborar uma periodização para a ocupação romana, ainda que seja só uma primeira abordagem e de modo incipiente, dado o volume do espólio de materiais recolhido e a demora no seu estudo, que vem a ser feito gradualmente ao longo destes anos.

Tendo por base o trabalho arqueológico realizado na Praça da Figueira, Rodrigo Banha da Silva elabora a sua tese de mestrado, *As “marcas de oleiro” em terra sigillata da Praça da Figueira: uma contribuição para o conhecimento da economia de Olisipo (séc. I a.C. – séc. II d.C.)*, onde lhe foi possível estabelecer os **limites** da necrópole bem como as suas **fases** de ocupação.

A extensão original da necrópole ainda é uma incógnita tendo sido contudo possível rectificar algumas propostas e teorias existentes até então.

Relativamente ao seu limite Norte, e levando em linha de conta as epígrafes exumadas no largo de São Domingos devemos considerar este como o limite setentrional conhecido da necrópole romana, não havendo até à data qualquer indício de um desenvolvimento mais a norte. A Sul, a intervenção de 1999/2001 pode comprovar a sua presença para além da “zona mediana da praça actual”<sup>51</sup>, teoria proposta anteriormente por Vasco Mantas<sup>52</sup>, não tendo podido contudo, delimitar a sua máxima extensão visto estar circunscrita à estrutura do parque em construção.

Limitada a Oeste pelo circo, a necrópole desenvolve-se em torno de uma via identificada em 1962 por Bandeira Ferreira, que percorre a base da Encosta de Sant’ana e à qual estariam associadas as sepulturas da Calçada do Garcia bem como outras sepulturas datadas do século I e II d.C. Este caminho secundário estaria ligado à “Via Norte” na zona do Largo de S. Domingos.

A “Via Norte” seria a linha estruturante da própria necrópole, tendo sido observado uma hierarquização do próprio espaço funerário em função da proximidade a este caminho principal.

Foi também constatada uma utilização contínua do espaço da Praça da Figueira nos primeiros séculos da presença romana, o mesmo já não ocorrendo na encosta de Sant’ana.

---

<sup>51</sup> SILVA, R. B. da. (2005), p. 31.

<sup>52</sup> MANTAS, V.G. (1999).



Relativamente à **periodização** da ocupação romana foram definidas cinco fases<sup>53</sup>:

- Fase I: fase anterior à ocupação romana, com vestígios de cerâmica e líticos da Idade do Bronze Final e Idade do Ferro, mas apresentando já evidências de uma presença romana devido à exumação de fragmentos de cerâmica campaniense Classe A.

- Fase II: período de “instalação do primeiro urbanismo alto-imperial”, verificando-se uma maior dinâmica na estruturação do espaço, que se caracteriza principalmente com a construção da primeira pavimentação da “Via Norte” de *Olisipo*. Foi também possível identificar a existência de um caminho secundário a esta via, provavelmente um acesso ao circo e a várias estruturas, as quais não foi possível identificar a sua função, excluindo-se a hipótese de ser um espaço funerário. Calcula-se que a área da Praça da Figueira tenha sido inicialmente utilizada na época do principado de Tibério, mas só terá sofrido uma mudança urbanística nos inícios do principado de Cláudio.

- Fase III: esta fase corresponde à instalação e período de funcionamento da necrópole “monumentalizada”<sup>54</sup>, um fenómeno – o da monumentalidade organização urbana dos espaços funerários – que ocorre nas cidades da Hispânia em finais do período Republicano mas principalmente no início dos principados dos Júlios-Cláudios, elemento que remete os inícios da necrópole para os primeiros anos da nossa era. Como já foi anteriormente referido, a “Via norte” era a linha estruturante da necrópole, à excepção dos sepultamentos junto da “entrada porticada” e do muro. Apesar da inumação ser a prática funerária com maior expressão em *Olisipo* dos séculos I a.C. e I d.C., fenómeno observável na necrópole da Rua dos Correeiros, na necrópole noroeste da cidade era a prática da incineração que era mais frequente. É ainda de referir a utilização constante de alguns edifícios funerários até aos séculos II/III d.C.

Num segundo momento, entre os séculos II e III d.C. ocorre um período de acentuação desta monumentalidade, uma ocorrência que tem lugar nas cidades mais romanizadas do ocidente. Ocorre também uma reorientação da “Via Norte” (inclinação a mais 30° a NO), que foi possível datar entre os principados de Cláudio e Nero. É ainda

---

<sup>53</sup> SILVA, R. B. da. (2005).

<sup>54</sup> Ver figura 3, Anexo 1.

de salientar o encerramento da via secundária com um portão e um ferrolho já no século III, um condicionamento que poderia estar associado à entrada de um edifício público (circo).

- Fase IV: período de “desmonumentalização” da necrópole com o roubo de pedra, levando à sua destruição<sup>55</sup>. Um fenómeno rápido e ligado provavelmente à necessidade de amuralhamento da cidade. Através de alguns numismas foi possível definir o ano de 270 d.C. como data inferior para o início deste fenómeno, bem como a exumação de um caixão em madeira com espólio associado e com paralelos na península para a segunda metade do século III. Outro indicador de abandono destas estruturas é o *bustum* encontrado no centro da via secundária e assinalado com um silhar estucado, exemplo da desactivação daquele caminho.

- Fase V: esta fase marca o abandono gradual e lento da necrópole e do espaço da Praça da Figueira<sup>56</sup>, tendo ainda sido identificados seis sepultamentos mas dispersos e dissociados entre si. Data também da última reforma efectuada à “Via Norte” que terá ocorrido em inícios do século V tendo em conta dois numismas de Arcádio (385-409 d.C.) exumados por baixo deste novo pavimento. É provável que tenha sido com a cristianização da cidade e com as novas crenças e práticas funerárias que a necrópole tenha sido abandonada e desactivada.

---

<sup>55</sup> Ver figura 4, Anexo 1.

<sup>56</sup> Ver figura 5, Anexo 1.

## II. A *terra sigillata* hispânica

*Terra Sigillata* é um termo aplicado a um conjunto cerâmico variado, de características muito particulares, produzido numa vasta área do “mundo antigo”<sup>57</sup> e comercializado em todas as províncias do Império Romano, entre os séculos II a.C. e o VII d.C.<sup>58</sup>

A sua primeira utilização ocorre em 1779 com Francesco Rossi acabando por não ter muito impacto, dado que os investigadores já utilizavam termos como “vasos arretinos”, “vasos samianos” ou “vasos saguntinos”.

Só no século XIX é que *terra sigillata* passa a fazer parte do vocabulário científico devido a Hans Dragendorff que reutiliza o termo em 1895, para o aplicar às cerâmicas itálicas e gálicas decoradas a punção, ferramenta que em latim se designa por “sigillum”. Outra referência para Dragendorff foram as cerâmicas usadas nas festas religiosas “sigillaria”. Gradualmente, o termo passou também a designar a cerâmica lisa, apesar de não ter marca de punção.

Actualmente a sua conceptualização passa também pelos processos de fabrico, que lhe confere as características tão específicas e que permitem a sua identificação. Para além da cozedura a altas temperaturas, o que lhe confere uma textura mais dura e compacta, é de realçar as características do seu engobe, como o brilho, a aderência, a coloração que, em muitas das produções, diferencia-se da tonalidade da pasta (ex.: as produções de tipo itálico com pastas claras e engobes vermelhos e acastanhados). Muitas vezes designado por engobe ou verniz, o revestimento da *terra sigillata* não é mais que “uma solução argilosa e não oleosa”<sup>59</sup> que durante a cozedura passa por um processo de sinterização<sup>60</sup> conferindo-lhe o brilho tão vítreo. Para esta película os investigadores alemães desenvolveram um termo aproximado, o *glanztonfilm*.

No presente trabalho optámos por designar este revestimento (que na prática também não é um revestimento) de engobe, uma vez que este é uma fina camada de argila que consolida e adquire o seu brilho no referido processo de cozedura, e não a película oleosa e resinosa do verniz.

---

<sup>57</sup> SILVA, R. B. da. (2005), p. 59.

<sup>58</sup> Baseado nas produções africanas claras.

<sup>59</sup> SILVA, R. B. da. (2005), p. 59.

<sup>60</sup> SILVA, R. B. da. (2005), p. 62.

Outra característica deste grupo ceramológico é a sua difusão, havendo produções tanto a Oriente como a Ocidente, a Norte e a Sul no império romano. Exemplo desta expressão romanizadora são as produções hispânicas, objecto deste estudo.

### 1. Conceptualização de *terra sigillata* hispânica

Segundo a descrição de Mezquíriz de Catalán a *terra sigillata* hispânica é «...a cerâmica de superfície roja fabricada durante los cuatro primeros siglos de nuestra era en toda la Península Ibérica.»<sup>61</sup>. Trazida para a península através do processo de romanização, a *terra sigillata* encontra na Hispânia uma tradição oleira que vai permitir o início da sua produção em território peninsular, não tendo sido este um processo rápido. Para a autora, a presença dos produtos de origem gálica nos mercados peninsulares, produtos estes mais baratos e acessíveis em comparação com as produções itálicas, levou a um certo desinteresse pela produção de uma *sigillata* hispânica<sup>62</sup>. No entanto, passou-se a produzir imitações de formas de *terra sigillata* de tipo itálico em olarias localizadas em *Celti* (tipo Peñaflor), a partir dos anos 40/50 a.C.<sup>63</sup>.

Das influências sud-gálicas e itálicas, os centros produtores hispânicos começam a desenvolver formas já com características ibéricas, ocorrendo o mesmo com os motivos decorativos<sup>64</sup>.

Voltando às definições, é interessante ver a caracterização que Françoise Mayet faz da *terra sigillata* hispânica: «Par sigillée hispanique nous entendons les céramiques à vernis rouge ou orangé, certaines présentant une marque d'officine, d'autres un décor moulé, guilloché, ou à la barbotine, imitant les productions similaires d'Italie et de Gaule sous le Haut-Empire, influencées par les sigillées africaines et paléochrétiennes sous le Bas-Empire.»<sup>65</sup>

No decorrer da evolução dos centros produtores é possível então diferenciar três produções principais distintas: a da *terra sigillata* hispânica precoce, ou *sigillata* de tipo Peñaflor, de clara influência itálica; a *terra sigillata* hispânica alto-imperial (também

---

<sup>61</sup> MEZQUÍRIZ CATÁLAN, M.A. (1961), p. 9.

<sup>62</sup> MEZQUÍRIZ CATÁLAN, M. A. (1985), p. 109.

<sup>63</sup> AMORES, F.; KEAY, S. J. (1999), p. 241-242.

<sup>64</sup> MAYET, F. (1984), p. 11.

<sup>65</sup> MAYET, F. (1984), p. 15.

designada por “Clássica”), caracterizada pelas imitações e derivações das formas itálicas e gálicas, mas já com uma tipologia formal estritamente hispânica; e as produções baixo-imperiais como a designada *terra sigillata* hispânica tardia, uma produção com fortes influências das *sigillatas claras* do Norte de África.

A difusão local e muito restrita dos produtos precoces dos oleiros *L. Terentius*, *M.C.R.*, *Maternus*, *Asiaticus*, entre outros, não nos leva a aprofundar a análise que gostaríamos de efectivar. Contudo, não deixamos de referi-los pois marcam o início da produção de *terra sigillata* na península. Oleiros gauleses, que terão procurado no território os melhores locais para a produção, e se instalam em locais já com alguma tradição oleira, segundo Carlos Sáenz Preciado, durante o principado de Cláudio<sup>66</sup>.

A nível tecnológico a definição de *terra sigillata* hispânica complexifica-se e não só pelo grande número de centros produtores<sup>67</sup>, apesar do predomínio de La Rioja (na província romana da Tarraconense) e Los Vilarres de Andújar (na Bética). A grande variedade de pastas e engobes que são possíveis de classificar como produção hispânica depende de vários factores e características muito peculiares, como são exemplo o centro de produção e/ou o período de fabrico. Por exemplo, neste presente estudo da Praça da Figueira serão apresentados três tipos de fabricos para as produções de Los Villares e quatro para as produções de La Rioja, tendo em conta critérios de análise macroscópica das pastas, como sejam, a sua textura, a presença de elementos não plásticos, a fractura, bem como do engobe, o brilho, cor, aderência. Outro exemplo complexo é o das produções de tipo Peñaflor (*Celti*) onde os investigadores identificaram mais de cem tipos diferentes de grupos cerâmicos, tendo de uma maneira “irónica” apenas atribuído à *terra sigillata* hispânica de fabrico não local, apenas um tipo (F. 111), enquanto que para as produções de *terra sigillata* local foram atribuídos dez tipos<sup>68</sup>.

A primeira diferenciação de pastas foi feita em 1965 por Jean Boube, através do estudo da *sigillata hispânica* exumada na província da Mauritânia Tingitana, onde definiu dois grandes grupos:

- Hispânica A : «La glaçure rouge orangé, en tout cas très claire, est habituellement assez mince. Les pâtes, qui varient de manière peu sensible d’atelier à

---

<sup>66</sup> SÁENZ PRECIADO, J. C. (2007), p. 388.

<sup>67</sup> Ver figura 6, Anexo 1.

<sup>68</sup> F.2; F.4/15; F.6; F.8; F.15; F.15/18; F.18; F.18/19; F.32; F.85.

atelier, présentent des caractères hispaniques très nets : peu de dureté, apparence spongieuse e mousseuse, couleur rose saumon, dégraissant assez gros.»<sup>69</sup>

- Hispânica B : «Les vases de la série B offrent des contrastes très net avec ceux de la catégorie précédent. La glaçure de couleur mastic sombre, rouge, marron ou même brune, est toujours très épaisse et, en général, assez mate. La pâte mal cuite, préparée sans soin, très tendre, est franchement grossière, son dégraissant abondant et très gros, et les noyaux de marne calcaire d'un module au moins tout aussi gros.»<sup>70</sup>

Com a escavação do centro produtor de Los Villares de Andújar, Boube identifica a Hispânica B com esta produção. Contudo, a presença de cerâmica do tipo A no mesmo centro produtor, levou este investigador a considerar que ambas as séries tinham a mesma proveniência, sendo a Hispânica A uma cerâmica de melhor qualidade e a Hispânica B uma cerâmica mais grosseira.<sup>71</sup>

Actualmente, muito temos que acrescentar a estas primeiras distinções.

A conceptualização da *terra sigillata* hispânica não foi nem é, um processo rápido e preciso, e tal como qualquer tema de discussão e investigação continua em constante mutação, desde os primeiros estudos até à actualidade.

A identificação de um centro produtor unicamente pelas características tecnológicas das pastas e engobes, ou pelos motivos decorativos é falaciosa, pois não podemos ignorar que nesta realidade peninsular, a troca de matérias-primas bem como de moldes ou a mobilidade dos oleiros podiam ser práticas vulgares. Um problema que ganha força quando não existem investigações sistemáticas e com resultados expressivos sobre os centros produtores.

O estudo das marcas de oleiro é assim, uma importante ferramenta, contudo nem sempre garantido.

---

<sup>69</sup> BOUBE, J. (1965), p. 45.

<sup>70</sup> BOUBE, J. (1965), p. 50.

<sup>71</sup> MAYET, F. (1984), p. 36-42.

## 2. Revisão dos Estudos sobre *terra sigillata* hispânica

### 2.1. Revisão dos Estudos sobre *terra sigillata* hispânica “clássica”

A primeira referência a uma possível produção peninsular de *terra sigillata* aparece em 1912 com Auguste Oxé, que a localiza na cidade romana de *Tritium Magallum* (Trício) em finais do século I d.C.<sup>72</sup>

Ramón Mélida, em 1918<sup>73</sup> identifica esta nova produção hispânica no espólio de Numância, sendo só em 1924 que se prova de forma irrefutável a sua existência com a localização dos fornos e moldes de Abella e Solsona por Sierra Villaró<sup>74</sup>.

Contudo, estes novos avanços não vão ter um impacto imediato, continuando a *terra sigillata* hispânica a não se identificar claramente, sendo apenas de referenciar a primeira tentativa de síntese por Vázquez de Parga em 1943<sup>75</sup>.

Só a partir da década de 50 do século XX, com a publicação de várias colecções, não só espanholas como também portuguesas, o estudo da produção hispânica ganha um novo relevo. São publicadas as colecções do Museu de Barcelona e Baltimore por Balil; de Iruña por G. Nieto; Uxama e Santerbas del Burgo por Ortego; Liédena, Andión e Pamplona por Mezquíriz; as do norte de Portugal por Adília Alarcão e talvez a mais importante, por P. Atrián que, em 1958, escava e publica a descoberta das oficinas de Bronchales, situando a sua produção entre o ano de 70 d.C. e meados do século II d.C.<sup>76</sup>. São também conhecidas as primeiras listas de marcas de oleiro através dos trabalhos efectuados em Portugal por Bairrão Oleiro e Nunes Ribeiro, e em Espanha por Ventura Solsona com as marcas do Museu de Tarragona<sup>77</sup>.

Neste mesmo período são efectuadas escavações na cidade de Ampúrias por Almagro e Lamboglia e, cujos dados da estratigrafia do *Decumanus A* foram essenciais, juntamente com os dados de Pamplona e Bronchales, para definir as primeiras cronologias e tipologias evolutivas da *terra sigillata* hispânica<sup>78</sup>.

---

<sup>72</sup> MEZQUÍRIZ CATÁLAN, M.A. (1983a), p. 133-136.

<sup>73</sup> ROCA ROUMENS, M. (1998a), p. 16.

<sup>74</sup> MEZQUÍRIZ CATÁLAN, M.A. (1983a).

<sup>75</sup> ROCA ROUMENS, M. (1998a), p. 16.

<sup>76</sup> ROCA ROUMENS, M. (1998a), p. 16; e SILVA, R. B. da (2005), p. 206.

<sup>77</sup> MEZQUÍRIZ CATÁLAN, M.A. (1983a).

<sup>78</sup> MEZQUÍRIZ CATÁLAN, M.A. (1983a); SILVA, R. B. da (2005), p. 206; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I. e ROCA ROUMENS, M. (2008), p. 307.

É nesta atmosfera de grande optimismo científico que, em 1961, Maria Angéles Mezquíriz publica a primeira grande síntese do tema<sup>79</sup>. Em a *Terra Sigillata Hispánica*, Mezquíriz organiza a primeira tipologia formal específica para a produção hispânica a partir das tipologias de Dragendorff, Ritterling, Hermet e Ludowici, mas também com novas formas que define por “hispánicas”<sup>80</sup>. Define cronologias formais tendo em conta os estudos estratigráficos de Ampúrias, Pamplona e Bronchales, apresenta uma lista de marcas de oleiro, faz um estudo sobre os motivos decorativos e reúne informação sobre os tipos de fornos utilizados, bem como os processos de fabrico envolvidos. Mezquíriz dá também a conhecer os centros produtores conhecidos e ou estudados até à época: Trício, Liédena, Pamplona, Abella e Solsona, e Bronchales, e dá início ao estudo da difusão e áreas de comercialização da produção hispânica, uma abordagem que não é presentemente, fiável atendendo aos conhecimentos actuais<sup>81</sup>.

A década de 60 é então impulsionada por novos trabalhos e descobertas, destacando-se alguns como os de G. Martim sobre Valência, Sagunto e Liria, de Françoise Mayet sobre as marcas de oleiro de *Conimbriga*, de J. Boube sobre a *terra sigillata* hispânica da Mauritânia Tângitania, e de M. Sotomayor Muro sobre a olaria de Cartuja em Granada<sup>82</sup>.

É na viragem de década que aparecem os arqueólogos a quem Mezquíriz chama de “nueva generación” e que pelo seu esforço e dedicação à *terra sigillata* hispânica apresentam resultados que vão ser de extrema importância para o conhecimento desta produção<sup>83</sup>, como sejam Manuel Sotomayor Muro que publica sobre as primeiras escavações levadas a cabo em Los Vilares, Andújar em 1972, e Tomás Garabito e Solovera que iniciam os trabalhos nas olarias riojanas. É ainda de referir o trabalho de Mezquíriz em Bezares, na região de La Rioja.

Entretanto em Portugal são publicadas as *Fouilles de Conimbriga*, um projecto franco-português de grande envergadura, coordenado por Jorge Alarcão e Robert Étienne, que em vários volumes vão dar a conhecer a realidade arquitectural e material da cidade romana de *Conimbriga*. É de salientar o volume dedicado exclusivamente ao

---

<sup>79</sup> MEZQUÍRIZ CATÁLAN, M.A., (1961).

<sup>80</sup> FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I. e ROCA ROUMENS, M. (2008), p. 307.

<sup>81</sup> ROCA ROUMENS, M. (1998a), p. 18-19.

<sup>82</sup> FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I. e ROCA ROUMENS, M. (2008), p. 308.

<sup>83</sup> MEZQUÍRIZ CATÁLAN, M.A. (1983a).



estudo da *sigillata*, e em especial o trabalho de Françoise Mayet dedicado à *terra sigillata* hispânica<sup>84</sup>.

Em 1978, Garabito viria a reunir os dados das várias intervenções de Trício, Bezares e Arenzana de Arriba para publicar uma síntese monográfica sobre o complexo de La Rioja<sup>85</sup>.

Seguir-se-ia um novo período de sínteses impulsionado pelas descobertas dos grandes centros produtores na década anterior. Em 1982 tem lugar no Museu Nacional de Arqueologia de Madrid uma Mesa Redonda com a participação de especialistas em *terra sigillata* hispânica<sup>86</sup>, onde Mezquíriz apresenta uma revisão à sua tipologia formal que viria a ser publicada em 1985 na “Enciclopédia Dell’Arte Antica” mais conhecida como o *Atlante*. No mesmo encontro, L. C. Juan Tovar publica os dados preliminares da primeira olaria conhecida na Lusitânia e situada em Talavera de la Reina<sup>87</sup>.

Em 1984, Françoise Mayet viria a publicar a sua importante monografia sobre *terra sigillata* hispânica<sup>88</sup>, onde não só nos dá a conhecer a história e produção de todas as oficinas hispânicas até então identificadas, como também direcciona o seu trabalho para o estudo da história económica, para a estrutura social e organização do trabalho nas oficinas e estruturas de mercado<sup>89</sup>.

O sul peninsular dá ainda a conhecer novas descobertas como as oficinas de El Carmen de la Muralla em Granada por Sotomayor, e os centros produtores de *Singilia Barba*, *Antikaria* e Alameda na região de Málaga por Serrano Ramos. A norte Romero Carnicero publica sobre os materiais de Numância a sul e Escribá sobre Valência<sup>90</sup>.

Uma referência dos primeiros anos de ‘90 é a publicação dos trabalhos de *Baelo* por Bourgeois e Mayet<sup>91</sup> e o ressurgimento de novos estudos sobre os grandes centros produtores da península, como as oficinas riojanas por parte de P. Sáenz Preciado e Los Villares de Andújar pelo projecto dirigido por M<sup>a</sup>. I. Fernández Garcia que, em 1998,

---

<sup>84</sup> MAYET, F. (1975).

<sup>85</sup> GARABITO GOMEZ, T. (1978).

<sup>86</sup> AA.VV. (1983).

<sup>87</sup> JUAN TOVAR, J. C. (1983).

<sup>88</sup> MAYET, F. (1984).

<sup>89</sup> SILVA, R. B. da (2005), p. 207-208.

<sup>90</sup> FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I.; ROCA ROUMENS, M. (2008), p. 308.

<sup>91</sup> ROCA ROUMENS, M. (1998a), p. 23.

daria origem a uma publicação de revisão do estado do conhecimento sobre as produções hispânicas<sup>92</sup>.

Em 1995 é publicado o artigo de Buxeda i Garrigós e Tuseu i Bertran, onde os autores fazem uma importante revisão crítica das cronologias para a *terra sigillata* hispânica, pondo em causa os métodos utilizados nas escavações arqueológicas, e as estratigrafias daí resultantes e que estão na base das cronologias atribuídas aos centros produtores<sup>93</sup>.

Com o objectivo de actualizar conhecimentos é realizada em Andújar, no ano de 1997, mais uma Mesa Redonda à semelhança da realizada em 1982 em Madrid e desta feita, dedicada a Maria Ángeles Mezquíz<sup>94</sup>. O estado da questão dos diferentes centros produtores é actualizado, bem como a tipologia da produção e a sua cronologia.

A primeira década do século XXI continuou a ser fértil em novas descobertas, com a apresentação de novos estudos e novos encontros científicos.

É de referir os dois capítulos dedicados à produção de *sigillata* hispânica no livro síntese, *Introducción al Estudio de la Cerámica Romana – Una Breve Guía de Referencia*, coordenado por Mercedes Roca Roumens e Maria Isabel Fernández Garcia, em que a última autora apresenta com Ruíz Montes as produções da antiga *Baetica* e Romero Carnicero, mais uma vez com Ruíz Montes, as da *Tarraconensis*<sup>95</sup>. Em ambos os capítulos, os autores actualizam as informações sobre os vários centros produtores, bem como a sua vasta bibliografia.

Em 2007 Carlos Sáenz Preciado publica um artigo em que desenvolve o tema do porquê da instalação de oficinas no território peninsular, as suas produções e reestruturações face às exigências do mercado, bem como as redes de distribuição e comercialização. Uma interpretação que visa ir além da simples leitura ceramológica, abordando as questões económicas e de estrutura de produção.

A última publicação a ter impacto sobre o estudo da *terra sigillata* hispânica é lançada em 2008 no âmbito do *XXVI Congreso Internacional de la Asociación Rei Cretariae Romanae Fautores*<sup>96</sup>, dedicado exclusivamente às várias produções cerâmicas

---

<sup>92</sup> FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., ed. (1998a).

<sup>93</sup> BUXEDA i GARRIGÓS, J.; TUSEU i BERTRAN, F. (1995).

<sup>94</sup> ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., coords. (1999).

<sup>95</sup> ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., coords. (2005).

<sup>96</sup> BERNAL CASASOLA, D.; RIBERA I LACOMBA, A., eds. (2008).

da Hispânia antiga. As produções de *terra sigillata* ganham especial atenção ao serem alvo de vários artigos, desde as cerâmicas de tipo Peñaflor, à *terra sigillata* hispânica brilhante, à *terra sigillata* hispânica intermédia e tardia, numa revisão e compilação de bibliografia há muito desejada.

É da autoria de M.<sup>a</sup> Isabel Fernández García e Mercedes Roca Roumens o artigo das «Producciones de *Terra sigillata* Hispánica»<sup>97</sup>, onde é feita uma síntese da historiografia dos estudos, das tipologias e cronologias, das produções precoces e dos dois centros de maior expressão, Los Villares de Andújar e de La Rioja. As problemáticas e linhas de investigação são também revistas, sendo claro que para uma melhor compreensão da *terra sigillata* hispânica é necessário investir mais nos centros produtores e nas relações estratigráficas dos centros receptores, estabelecendo assim fluxos de exportação/importação, preferências de consumo, entre outros elementos.

Por último, já em 2010, Macarena Bustamante defende a sua tese de doutoramento sobre o vasto espólio de *terra sigillata* hispânica de uma das necrópoles de Mérida (cerca de 10 000 fragmentos), onde apresenta uma revisão tipo-cronológica, tendo por base a estratigrafia do sítio e que, após a sua publicação, será sem dúvida uma obra de referência.

O estudo da *terra sigillata* hispânica desde o início do século XXI não se limita a este breve apontamento, sendo de destacar várias obras monografias, académicas ou artigos que, por todo o território peninsular vão surgindo e sendo disponibilizadas. Investigações, principalmente de cariz local, mas que dão a conhecer novos locais de distribuição, novas formas, novos materiais<sup>98</sup>.

## **2.2. Revisão dos Estudos sobre *terra sigillata* hispânica Tardia**

É em 1909 com a escavação da necrópole de Galiana, Jalón, dirigida pelo Marquês de Cerralbo, que se tem conhecimento, pela primeira vez, de uma produção hispânica tardia, reconhecida não como produção peninsular mas sim mediterrânica oriental<sup>99</sup>. É de salientar que a hipótese de uma produção de *terra sigillata* de origem

---

<sup>97</sup> FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I.; ROCA ROUMENS, M. (2008), p. 307-332.

<sup>98</sup> Ver Bibliografia

<sup>99</sup> PAZ PERALTA, J. A. (2008), p. 501.

hispânica só viria a ser corroborada em 1924, com a descoberta dos fornos de Abella e Solsona<sup>100</sup>.

Só anos mais tarde é que foi possível situar estes materiais, como uma produção do Baixo-Império, através da estratigrafia da necrópole paleo-cristã de Tarragona, intervencionada por M. Gomez Moreno<sup>101</sup>.

Tal como acontece com a *terra sigillata* hispânica, só a partir dos anos 50 do século passado, é que a *sigillata* hispânica tardia vai ganhar um novo interesse por parte dos investigadores, e mais uma vez, tanto por espanhóis como por portugueses. É de salientar os trabalhos de Pedro Palol sobre o vale do Douro, de Serrano Pérez sobre Cespedosa de Toremes, Salamanca, e de Fernando Russel Cortez, que faz o primeiro estudo sobre a *terra sigillata*, enquanto adjectivada de tardia encontrada em Portugal<sup>102</sup>.

Embora de maneira pouco aprofundada, não podemos excluir e passar ao lado da síntese de Mezquíriz, que já faz referências a esta produção tardia, bem como das várias investigações que leva a cabo, tanto em *Pompaelo* como na região de Navarra<sup>103</sup>.

Em 1974 é publicado um dos trabalhos mais importantes do decorrer desta investigação. Pedro Palol e Javier Cortes dão a conhecer os resultados dos trabalhos em La Olmeda, Pedrosa de La Vega, uma *uilla* romana dos finais do Império e que apresentava um conjunto significativo de *terra sigillata* hispânica tardia. O aparecimento de formas não existentes na tipologia de Mezquíriz levou mesmo à inclusão de tipologias equivalentes às de Lamboglia e Hayes<sup>104</sup>.

Em Portugal, Manuela Delgado, e no seguimento dos «*Á propôs*»<sup>105</sup> sobre as cerâmicas de *Conimbriga*, apresenta como hipótese a possibilidade de formas da *sigillata* africana Clara D serem imitadas na Península, dando assim origem a estas produções hispânicas tardias, considerando também que se trata de uma produção de cariz regional, motivo pela qual a designou de “*sigillata* tardia regional”<sup>106</sup>.

---

<sup>100</sup> Ver capítulo anterior.

<sup>101</sup> MAYET, F. (1984), p. 247.

<sup>102</sup> CORTEZ, F. R. (1951).

<sup>103</sup> PAZ PERALTA, J. A. (2008), p. 501

<sup>104</sup> PALOL, P.; CORTES, J. (1974), p.121.

<sup>105</sup> DELGADO, M.; MAYET, F.; ALARCÃO, A. M. (1975).

<sup>106</sup> DELGADO, M.; MAYET, F.; ALARCÃO, A. M. (1975), p. 48.

No entanto, para Mayet que considerava a síntese de Palol e Cortez sobre a *terra sigillata* hispânica tardia<sup>107</sup> uma produção autónoma dos fornos de La Rioja e não uma produção de tipo regional, na mesma Mesa Redonda defendeu a hipótese da inexistência de um tipo de regionalismo mas sim numa alteração da produção hispânica que se verificava ao nível das pastas, dos engobes, da decoração e até da própria forma.

A mesma autora, em 1983, na sua tese<sup>108</sup> sobre as *sigillatas* hispânicas, já dá um lugar de destaque à cerâmica do Baixo-Império, enquadrando algumas formas da *sigillata* hispânica tardia no repertório das *sigillatas* do norte de África, levantando a questão da correcta utilização do conceito de “*terra sigillata*” para todas estas produções, quer se tratem das de origem hispânica, quer das norte-africanas, quer das chamadas *sigillatas* paleo-cristãs<sup>109</sup>.

No mesmo ano, Garabito Gómez publica sobre o centro produtor de Nájera<sup>110</sup>.

Em 1985, López Rodríguez publica sobre a *terra sigillata* hispânica tardia decorada a molde, onde o investigador apresenta um catálogo vasto de tipos decorativos e, em 1991, Paz Peralta lança a sua monografia sobre a cerâmica de mesa romana dos séculos III a IV d.C. da província de Saragoça<sup>111</sup>.

Um ano depois, Juan Tovar publica o espólio de *terra sigillata* hispânica tardia de Arcóbriga e, mais recentemente em 2000, o referente à *terra sigillata* hispânica tardia exumada na *uilla* romana de Quintanilla de la Cueva, a partir da qual apresenta uma tipologia comparativa entre as várias formas definidas até ao momento, discutindo também, alguns acertos cronológicos obtidos através de escavações efectuadas em outros arqueossítios que forneceram espólios tardios.

A necessidade de algumas correcções cronológicas já tinha surgido alguns anos antes com Mayet (1984), Paz Peralta (1991) e Buxeda i Garrigós e Tuseu i Bertran (1995), que puseram em causa, principalmente, os materiais dos níveis do século III.

Só no ano de 1992 é que surge em Portugal um estudo dedicado exclusivamente à *terra sigillata* hispânica tardia, referente ao espólio da *uilla* romana de Santo André de

---

<sup>107</sup> MAYET, F. (1984), p. 247.

<sup>108</sup> MAYET, F. (1984), p. 247.

<sup>109</sup> MAYET, F. (1984), p.249.

<sup>110</sup> GARABITO GOMEZ, T. (1983).

<sup>111</sup> PAZ PERALTA, J. A. (1991).

Almoçageme, Sintra, de autoria de Élvio Melim de Sousa<sup>112</sup>. Desde a década de 70 e das *Fouilles de Conimbriga*, que não se publicava sobre o tema.

Feito que só é repetido em 2004 com André Carneiro e Eurico de Sepúlveda, ao publicarem os materiais exumados na região do concelho de Fronteira, uma síntese da difusão em território actualmente português de *terra sigillata* hispânica tardia<sup>113</sup>.

Em 2008, no âmbito do *XXVI Congreso Internacional de la Asociación Rei Cretariae Romanae Fautores*, Paz Peralta apresenta um artigo síntese «Las Producciones de *terra sigillata* hispánica intermedia y tardía»<sup>114</sup>, com revisão dos grupos de pastas, da historiografia, das tipologias e cronologias.

### 2.3. Revisão dos Estudos sobre *terra sigillata* hispânica de tipo Peñaflor

Apesar das suas cronologias em alguns casos serem anteriores às hispânicas do alto-império, o seu estudo só começa anos mais tarde em relação à hispânica clássica. E essa é a razão desta ordem de apresentação, pois só assim podemos contextualizar os trabalhos que têm sido levados a cabo desde então.

A primeira alusão sobre este tipo de cerâmica foi feita em 1967, quando Domergue, nas Minas de Diógenes, identifica aquilo a que designou por *céramique à vernis rouge tardive*. Dois anos mais tarde, em *Baelo Claudia*, volta a identificá-las e a apresentá-las, não sendo contudo, capaz de as identificar como uma produção peninsular e considerando-as importações, principalmente por estas imitarem algumas formas de *sigillata* de tipo itálico e pratos de engobe vermelho pompeiano<sup>115</sup>.

No início dos anos 70, Garcia y Bellido faz a primeira contextualização cronológica com os materiais de Córdova, estabelecendo a primeira metade do I a.C. como início desta produção, até este momento não identificada.

Porém, o prosseguimento dos trabalhos e investigação não se focalizou no estudo da *sigillata* que, nesta década, passa para um segundo plano em detrimento da cerâmica comum que é identificada em vários contextos terrestres como Munígua, e subaquáticos como Port Vendres e nas costas de Ampúrias.

---

<sup>112</sup> SOUSA, É. M. de (1992).

<sup>113</sup> CARNEIRO, A.; SEPÚLVEDA, E. (2004).

<sup>114</sup> PAZ PERALTA, J. A. (2008).

<sup>115</sup> BUSTAMANTE ÁLVAREZ, M.; HUGUET ENGUITA, E. (2008), p. 298.

É no seguimento destas várias descobertas que a Casa de Velázquez promove uma série de campanhas de onde sai publicada a primeira tipologia baseada no tipo de engobe, bem como novas cronologias enquadradas entre o século I a.C. e meados do I d.C. Foi também comprovado a existência deste tipo de produção em mais contextos do sul peninsular e norte de África<sup>116</sup>.

Em 1984 Françoise Mayet propõe a existência de um centro produtor deste tipo em Andújar<sup>117</sup>, e em 1988 Serrano Ramos considera-o uma imitação arretina através de materiais de região de Málaga<sup>118</sup>.

A descoberta do sítio arqueológico de Peñaflor, a cidade romana de *Celti*, nos inícios dos 80 levou F. Amores, Martínez Rodríguez e, alguns anos mais tarde, S. J. Keay, a identificarem e a investigarem o primeiro centro produtor destes materiais de imitação<sup>119</sup>. Peñaflor vai ser o ponto de charneira para o estudo desta cerâmica, dando origem à publicação dos resultados obtidos.

Em 1989, Martínez Rodríguez faz a primeira grande organização tipológica e cronológica, tendo por base os materiais do único sítio até ao momento confirmado como centro produtor. Passa a designá-las por *Béticas de imitação tipo Peñaflor*, e define quatro Tipos, os dois primeiros para formas que imitam *terra sigillata* de tipo itálico e sud-gálico, o terceiro para as que imitam as cerâmicas de verniz vermelho pompeiano, e o quarto para as imitações de paredes finas<sup>120</sup>. Outra importante característica do seu trabalho foi a elaboração do quadro de difusão que, apesar de já se encontrar desatualizado, não deixa de ter o seu valor<sup>121</sup>.

A confirmação desta produção e a sua crescente aceitação levou a que Beltrán Lloris a incluisse no seu *Guía de la Cerámica Romana*, como cerâmica de imitação de verniz vermelho Júlio-Cláudio<sup>122</sup>.

Em 1999, no colóquio da *Terra Sigillata Hispánica: centros de fabricación y producciones altoimperiales*<sup>123</sup>, F. Amores e S. J. Keay criam uma nova terminologia de modo a uniformizar as várias designações atribuídas a este tipo cerâmico. Contudo, o

---

<sup>116</sup> BUSTAMANTE ÁLVAREZ, M.; HUGUET ENGUITA, E. (2008), p. 299.

<sup>117</sup> MAYET, F. (1984), p. 15.

<sup>118</sup> BUSTAMANTE ÁLVAREZ, M.; HUGUET ENGUITA, E. (2008), p. 299.

<sup>119</sup> AMORES, F.; KEAY, S. J. (1999), p. 239-240.

<sup>120</sup> AMORES, F.; KEAY, S. J. (1999), p. 236-237.

<sup>121</sup> BUSTAMANTE ÁLVAREZ, M.; HUGUET ENGUITA, E. (2008), p. 299.

<sup>122</sup> BELTRÁN LLORIS, M. (1990), p. 67-68.

<sup>123</sup> ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., coords. (1999).

termo *Hispanicas Precoces* não levou a um consenso e, em 2001, os mesmos autores, juntamente com J. Creighton, publicam a monografia sobre *Celti*, onde a designam por *Terra Sigillata Itálica Local*<sup>124</sup>.

Tal como nos grupos anteriores, a cerâmica tipo Peñaflor também foi incluída no *XXVI Congreso Internacional de la Asociación Rei Cretariae Romanae Fautores*, com um capítulo escrito por Macarena Bustamante Álvarez e Esperanza Huguet Enguita<sup>125</sup>, cujas principais valências são a revisão das cronologias, os novos dados da distribuição e as problemáticas que recaem sobre este tema ainda tão pouco explorado a nível português.

#### 2.4. Revisão dos Estudos em Portugal

Tal como já foi referido, o estudo da *terra sigillata* hispânica só começa a ganhar relevo na década de 50 do século passado, com a publicação e divulgação de vários trabalhos, quer em Espanha como em Portugal. É interessante constatar que, neste campo, os investigadores portugueses e estrangeiros, que se interessaram pela realidade portuguesa, tiveram um papel de relevo para um maior conhecimento sobre o tipo de cerâmica que nos encontramos a estudar.

Em 1951, Fernando Russel Cortez publica um primeiro trabalho sobre a *terra sigillata* a qual classificou como “*sigillata tardia*”, enquadrada num estudo genérico sobre Portugal<sup>126</sup>. Este estudo pioneiro engloba diversos tipos de produções, apresentando alguns exemplos de *terra sigillata* hispânica tardia que era considerada pela maioria dos investigadores como “uma evolução decadente da *terra sigillata*” em época paleo-cristã<sup>127</sup>.

No mesmo ano, Bairrão Oleiro publica *Marcas de oleiro encontradas no País*<sup>128</sup>, uma das primeiras sínteses sobre o tema das marcas de oleiro, incluindo as de oleiros hispânicos.

Em 1954, o mesmo investigador dá o mote para o estudo da *terra sigillata* em Portugal com a sua obra *Elementos para o Estudo da «Terra sigillata» em Portugal*<sup>129</sup>,

---

<sup>124</sup> KEAY, S.; CREIGHTON, J.; REMESAL RODRÍGUEZ, J. (2000), p. 93.

<sup>125</sup> BERNAL CASASOLA, D.; RIBERA I LACOMBA, A.; eds. (2008).

<sup>126</sup> CORTEZ, F. R. (1951).

<sup>127</sup> CORTEZ, F. R. (1951), p.7.

<sup>128</sup> BAIRRÃO OLEIRO, J.M. (1951).



seguido em 1958 por Adília Alarcão que dá a conhecer a *terra sigillata* hispânica dos museus do norte de Portugal<sup>130</sup>, e em 1959 por Fernando Nunes Ribeiro que publica a *Terra sigillata de Represas-Beja*<sup>131</sup>, contendo mais uma lista de marcas de oleiro de grande importância, no que concerne à produção hispânica exumada em território português.

A primeira monografia dedicada ao estudo da *terra sigillata* originada nas olarias da Bética e da Tarraconense é publicada em 1964 por Nunes Ribeiro com *A Terra sigillata Hispânica de Represas*, na continuação da sua investigação nesta *uilla* romana na região de Beja.

A década de 70 é então “dominada” pelas *Fouilles de Conimbriga*, com um volume inteiramente dedicado ao estudo da *terra sigillata*, no qual Françoise Mayet analisou de forma exaustiva o referente à produção hispânica<sup>132</sup> encontrada nesta cidade.

No mesmo volume, é de referir o capítulo em que Manuela Delgado apresenta um estudo inovador relativamente à *sigillata* tardia e que a autora propõe designar por “regional tardia”<sup>133</sup> filiando esta produção em formas tradicionais da produção hispânica, assim como em pratos derivados das produções africanas em Clara D<sup>134</sup>.

Em 1973, Mayet apresenta ainda uma nova listagem de marcas de oleiro em peças de *terra sigillata* hispânica de Conimbriga.

Este foi um momento de viragem, levando os investigadores a darem uma atenção especial às produções hispânicas, e dando origem a uma proliferação de trabalhos dedicados ao estudo da *terra sigillata*.

Em 1971, Maria Maia dá início às publicações sobre materiais de Tróia, e anos mais tarde, José Caeiro dá a conhecer as marcas de oleiro do Castelo das Guerras e a *terra sigillata* hispânica da necrópole da Herdade do Reguengo, Vaiamonte (1976/1977).

Luísa Ferrer Dias apresenta os resultados da investigação de Miróbriga, em 1977 e, no ano seguinte, estuda os materiais de Alcácer do Sal.

---

<sup>129</sup> BAIRRÃO OLEIRO, J.M. (1954).

<sup>130</sup> MOUTINHO ALARCÃO, A. (1958).

<sup>131</sup> NUNES RIBEIRO, F. (1959).

<sup>132</sup> MAYET, F. (1975).

<sup>133</sup> AA.VV. (1975).

<sup>134</sup> Ver *supra*.

Para a década de 80, só há a destacar o trabalho de Manuela Delgado sobre as marcas de oleiro identificadas em Braga.

Os anos 90 vão trazer novos trabalhos e investigações. Em 1990, Jeannette Nolen estuda as *sigillatas* do Alto da Cidreira e em 1994, a mesma investigadora dá a conhecer os materiais da cidade romana de *Balsa*. Aliás, o ano de 1994 foi intenso na publicação de trabalhos. Para além do estudo de Nolen, Teresa Pires de Carvalho dá início aos estudos de *terra sigillata* do Monte Mozinho, com duas publicações subsequentes: uma em 1998, e outra em 2002.

Em 1991 é publicada a monografia sobre o porto romano da Ilha do Pessegueiro por Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares.

Há a destacar, o trabalho de Élvio Melim de Sousa<sup>135</sup> que, em 1992, publica o primeiro estudo dedicado exclusivamente à análise da *terra sigillata* hispânica tardia, exumada na Vila de Santo André, Almoçageme, como já foi referido anteriormente.

Ainda em 1994, Maria da Conceição Lopes dá a conhecer o tratamento informático do estudo da *sigillata* de Represas<sup>136</sup>.

Em 1999, José Carlos Quaresma publica os primeiros resultados da sua investigação em Miróbriga, apresentando as *sigillatas* africanas, hispânicas, focenses tardias e a cerâmica africana de cozinha e, em 2002, o mesmo autor apresenta a sua tese de mestrado sobre a *terra sigillata* sud-gálica de Chãos Salgados, onde inclui um pequeno capítulo dedicado à *sigillata* hispânica aí exumada<sup>137</sup>.

A partir de 2000, assistimos a uma nova “vaga” de publicações. Logo nesse ano Eurico Sepúlveda, João Carlos Faria e Marisol Faria apresentam a *terra sigillata* de Alcácer do Sal<sup>138</sup> e, três anos mais tarde, Sepúlveda, Nuno Gomes e Rodrigo Banha da Silva estudam a *terra sigillata* da Rua dos Douradores<sup>139</sup>. Entretanto, são publicadas as *sigillatas* do circo de *Olisipo* por um grupo de investigadores<sup>140</sup> e, um ano depois as cerâmicas finas romanas do Museu Municipal Leonel Trindade, em Torres Vedras, um artigo dedicado à *terra sigillata*<sup>141</sup>.

---

<sup>135</sup> SOUSA, É. M. de (1992).

<sup>136</sup> LOPES, M.C. (1994).

<sup>137</sup> QUARESMA, J. C. (1999); e QUARESMA, J. C. (2003).

<sup>138</sup> SEPÚLVEDA, E.; FARIA, J.C.; FARIA, M. (2000).

<sup>139</sup> SEPÚLVEDA, E.; GOMES, N.; SILVA, R. B. (2003).

<sup>140</sup> SEPÚLVEDA, E.; *et Al.* (2002).

<sup>141</sup> SEPÚLVEDA, E.; SOUSA, E.M.; SOUSA, V.C. (2003)

Em 2004, é publicado o segundo estudo dedicado exclusivamente à *terra sigillata* hispânica tardia, com os materiais de Fronteira, por André Carneiro e Eurico Sepúlveda<sup>142</sup>. E Catarina Viegas dá também a conhecer as *sigillatas* da Alcáçova de Santarém e, em 2006, os materiais de Balsa, onde pela primeira vez é criado um capítulo exclusivo à análise dos materiais de tipo Peñaflores<sup>143</sup>.

As teses académicas têm tido nos últimos anos um lugar de destaque na investigação da *terra sigillata* em Portugal.

A primeira é apresentada em 2005 como tese de mestrado de Rodrigo Banha da Silva<sup>144</sup>, sobre as marcas de oleiro identificadas na necrópole Noroeste da cidade de *Olisipo*. E a segunda é a monografia dedicada à *terra sigillata* de *Bracara-Augusta* por Rui Morais, em 2005.

Segue-se em 2009, a defesa da tese de doutoramento de Catarina Viegas, sobre a ocupação romana no Algarve oriental, onde apresenta um conjunto de *terra sigillata*, entre as quais a *terra sigillata* hispânica<sup>145</sup> e já em 2009, José Carlos Quaresma defende a sua tese de doutoramento sobre a *terra sigillata* e africana de cozinha de Chãos Salgados<sup>146</sup>, concluindo o trabalho iniciado anos antes.

Gostaríamos de salientar que esta breve sinopse do “estado da arte” em Portugal, sobre a *terra sigillata* hispânica deixa de parte alguns artigos ou catálogos de colecções que, por todo o país vão sendo publicados. O nosso objectivo foi salientar as obras de certa forma mais relevantes que permitiram e contribuíram para o desenvolvimento do conhecimento sobre o tema.

---

<sup>142</sup> CARNEIRO, A.; SEPÚLVEDA, E. (2004).

<sup>143</sup> VIEGAS, C. (2003); e VIEGAS, C. (2006).

<sup>144</sup> SILVA, R. B. da (2005).

<sup>145</sup> VIEGAS, C. (2009).

<sup>146</sup> QUARESMA, J. C. (2009).

### III. A *terra sigillata* hispânica da Praça da Figueira

#### 1. Metodologia

A *terra sigillata* hispânica em estudo no presente trabalho faz parte do conjunto de materiais provenientes das duas escavações efectuadas no espaço da actual Praça da Figueira: a intervenção de 1960 a 1962, e a I. A. U. que teve lugar entre 1999 e 2001.

O método de quantificação é baseado no *Protocole de Quantification des Céramiques*, da direcção de Patrice Arcelin e Marie Tuffreau-Libre<sup>147</sup>, havendo contudo, algumas adaptações ao conjunto em estudo<sup>148</sup>.

Neste sentido foi utilizado a contagem total de fragmentos, considerando como um só indivíduo todos os fragmentos passíveis de colagem ou que pudessem ser da mesma peça. No cálculo dos exemplares classificáveis foi tido em conta todos os fragmentos que permitissem a atribuição de uma tipologia ou cronologia. Para a obtenção do MNI (número mínimo de indivíduos) ficaram desde logo excluídos os fragmentos de paredes com características específicas de determinadas formas, como são exemplos as paredes das Drag. 15/17 e das Drag. 27, uma vez que a sua contagem iria criar falsos resultados tendo em conta o elevado nível de fragmentação destas peças. Só foram contabilizadas paredes que introduzissem formas novas ou sem outro tipo de amostragem.

O tratamento inicial do conjunto passou pela elaboração de uma base de dados em folha de cálculo de Excel, onde foram introduzidos os vários elementos descritivos da peça: número de inventário, proveniência (quadricula e UE), componente do fragmento (bordo, parede, fundo), tipologia, centro produtor, dimensões (altura, largura e diâmetro), colagens, grafitos e observações<sup>149</sup>.

O estudo dos materiais foi realizado através da sua análise formal e da análise dos diferentes fabricos. Em termos formais, a classificação das peças teve como base a tipologia de Mezquíríz<sup>150</sup> de 1961, corrigida e alterada em 1985, pela mesma

---

<sup>147</sup> ARCELIN, P.; TUFFREAU-LIBRE, M. (1998).

<sup>148</sup> Uma situação prevista pelos referidos investigadores.

<sup>149</sup> Anexo 4.

<sup>150</sup> MEZQUÍRIZ CATÁLAN, M.A. (1961).

investigadora na Enciclopédia *Atlante*<sup>151</sup>, sendo esta a “base tipológica” mais actualizada até ao momento. Foram também utilizadas outras tipologias, nomeadamente as de Martínez Rodrigues<sup>152</sup> e as de Keay, Creighton e Amores<sup>153</sup> para as produções de Peñaflores.

A sua proveniência foi feita com a análise das pastas e dos engobes através de uma observação macroscópica com recurso a uma lente de 10x, não tendo sido possível outro tipo de abordagem científica, tão necessária na actual linha de investigação, mas tão difícil de obter.

Através da bibliografia existente e dos conhecimentos trocados com outros investigadores, foi possível identificar 4 tipos de produções de *terra sigillata* hispânica: as produções de tipo Peñaflores, as produções do complexo de Los Villares de Andújar, as produções de La Rioja e ainda produções hispânicas tardias.

Dentro destes quatro grupos foram definidos vários tipos de fabricos tendo em conta as características diversificadas das pastas e dos engobes existentes, a que foi atribuída uma sigla (PÑF para as produções de tipo Peñaflores, A para Andújar, T para La Rioja, HT para as hispânicas tardias) e um número, identificando assim os distintos fabricos dentro de cada centro produtor.

### **Descrição dos grupos de fabrico:**

#### Peñaflores

PÑF1- pasta muito porosa, em tom vermelho acastanhado (5YR 5/6), com abundantes elementos não plásticos como calcites, quartzos leitosos, sílica e micas brancas e douradas, de grão médio. O engobe apresenta uma tonalidade vermelho escuro (2.5YR 5/8) e é espesso e pouco brilhante. É visível em algumas peças, o espatulado utilizado para tornar o engobe mais brilhante no seu interior, uma característica desta produção<sup>154</sup>.

PÑF2- pasta porosa mas mais compacta e homogénea que a anterior, em tons rosa claro (5YR 7/4) com algumas calcites de pequena dimensão, bem como sílica e mica branca, também de pequena granulometria. O engobe é pouco brilhante e apresenta-se muito desgastado e com manchas, tanto no interior como exterior das peças. No seu interior apresenta uma coloração vermelha escura (2.5YR 5/8) e no

---

<sup>151</sup> MEZQUÍRIZ CATÁLAN, M.A. (1985).

<sup>152</sup> MARTÍNEZ RODRÍGUEZ, F. (1989).

<sup>153</sup> KEAY, S.; CREIGHTON, J.; REMESAL RODRÍGUEZ, J. (2000).

<sup>154</sup> AMORES, F.; KEAY, S. J. (1999), pp. 236.

exterior um vermelho acastanhado (2.5YR 4/6). Corresponde à Pasta A definida por Macarena Bustamante e Esperanza Enguita, com uma cronologia que vai de Augusto a Nero<sup>155</sup>. É também semelhante ao fabrico descrito por Jerez Linde, apesar de o autor admitir a existência de vários tipos de fabricos resultantes da cozedura<sup>156</sup>.

PÑF3- pasta semelhante à pasta PÑF1, mas mais depurada, de tom vermelho amarelado (5YR 6/6), com pequenos vacuólos e fendas, e bastante mica branca de grão finíssimo, visível contra a luz. O engobe é espesso e brilhante mas em mau estado de conservação, em tons vermelho-alaranjado (2.5YR 6/8).

### Los Villares de Andújar

A1- pasta de tonalidade castanha (5YR 5/6), textura granulosa, com grande quantidade de calcites de cor amarelada e de grandes dimensões. O engobe de tons vermelho escuro (2.5YR 4/8) é espesso e na maioria das peças ainda brilhante.

A2- pasta de textura granulosa e muito porosa apresenta dois sub-tipos de fabricos onde a única diferença é a tonalidade das pastas e do engobe:

- um sub-fabrico com pasta de tons vermelhos alaranjados (5YR 6/6) e engobe em tons laranja (10R 5/8);

- e outro de tons mais escuros, com pasta também em tons vermelhos (5YR 5/6) e engobe vermelho escuro (10R 5/6).

Ambos apresentam calcites de pequeno e médio grão, uma considerável percentagem de micas brancas e pequenos vacuólos e fendas. O engobe é fino e sem brilho. Os exemplares deste fabrico são de má qualidade e estão em mau estado de conservação, deixando vestígios na mão ao serem manuseados.

A3- o elevado número de calcites de médias dimensões atribui a esta pasta uma tonalidade rosa amarelado (7.5YR 8/4) e uma textura granulosa com pequenos vacuólos e fendas, que facilmente se desfaz. Para além da calcite também podemos identificar de forma muito gradual, micas brancas de finíssimo grão, em muitos casos só identificada sob luz directa. O engobe é de tom vermelho escuro (2.5YR 4/8), fino e mate e em alguns casos mal conservado ou com manchas. Podemos comparar este fabrico com o fabrico 4a de Chãos Salgados, não havendo uma certeza absoluta por parte do autor sobre a sua origem em Andújar<sup>157</sup>.

---

<sup>155</sup> BUSTAMANTE ÁLVAREZ, M.; HUGUET ENGUITA, E. (2008), p. 297.

<sup>156</sup> JEREZ LINDE, J. M. (2004), p. 162.

<sup>157</sup> QUARESMA, J. C. (2009), p. 105-107.

### La Rioja

T1- pasta compacta em tons rosa avermelhado (2.5YR 6/6), com uma presença muito reduzida de calcites de pequenas dimensões, apresentando ainda alguns vacuólos e fendas de dimensões mínimas. O engobe é espesso, brilhante e de tonalidade vermelho escuro (2.5YR 4/8).

T2- pasta de boa qualidade em tons vermelhos (2.5YR 5/6), compacta mas com uma textura mais porosa e uma factura mais irregular que a pasta anterior. Com pouca quantidade de calcite e de reduzidas dimensões. O engobe é espesso, num tom mais escuro que o da pasta (2.5YR 4/8), e brilhante na maioria dos exemplares. É o fabrico com maior número de exemplares decorados, demonstrando bem a sua boa qualidade.

T3- pasta de características semelhantes às produções gálicas. De tons rosa-avermelhado (2.5YR 6/6), é uma pasta bem depurada, dura e apresenta calcites de finíssimo grão e só visíveis à lupa. O engobe é espesso, de tom vermelho escuro (10R 4/8) e brilhante. Alguns dos exemplares deste fabrico na Praça da Figueira apresentam formas próximas das formas sud-gálicas, sendo um conjunto quantitativamente pouco expressivo e muito residual.

T4- pasta de aspecto granuloso de cor rosa escuro (2.5YR 6/6) com bastante calcite de pequena e média dimensão e pequenos vacuólos. O engobe é castanho, vermelho claro (2.5YR 5/6), aderente, brilhante e com algumas manchas na maior parte dos casos.

### Terra Sigillata Hispânica tardia

Ht- pasta em tom rosa avermelhado (2.5YR 6/6), compacta, com calcites de grão fino, com presença residual de micas brancas e pequenos vacuólos. O engobe é de cor laranja (varia entre o 2.5YR 6/6 e o 2.5YR 5/6), pouco aderente e em mau estado de conservação na maioria dos exemplares, deixando nas mãos de quem os manuseia uma fina camada de pó.

A organização do catálogo segue uma ordem crono-tipológica seguida da tipologia de Dragendorff e das formas tipicamente hispânicas. A sua representação gráfica teve em conta dois aspectos:

- a selecção de um conjunto de exemplares representativos das tipologias existentes;

- a presença de desenhos de vários autores, todos devidamente assinalados.

Por último, apresentamos no fim do catálogo as marcas de oleiro estudadas e apresentadas por Rodrigo Banha da Silva na sua dissertação de Mestrado<sup>158</sup>, bem como os seus desenhos em anexo<sup>159</sup>.

## 2. Produções

### 2.1. Produção de Tipo Peñafior

Desde a primeira tentativa de classificação em 1967 até à actualidade, ainda pouco se sabe sobre esta produção peninsular precoce em comparação, por exemplo, às produções “clássicas” alto-imperiais. Uma das principais razões parte da falta de uniformidade na própria terminologia pelos investigadores e passa pela pouca informação existente relativa aos seus centros produtores.

“Cerâmica de verniz vermelho tardio”, “imitação de vaso de mesa”, “imitação de tipo Peñafior”, “verniz vermelho Júlio-cláudio”, “produção hispânica precoce” e “*terra sigillata* itálica local” foram as várias denominações que esta produção já conheceu<sup>160</sup>, e que ainda não atingiu um consenso. No recente artigo de 2008, Macarena Bustamante e Esperanza Enguita propõem uma nova definição: *Verniz Vermelho de Tradição Hispânica*, justificando a sua escolha pela forte ligação destas produções à tradição oleira indígena e por esta se distanciar das *sigillatas* precoces do norte peninsular, como são exemplo as assinadas por *L.TERENTIVS*, *M. CORNELIVS REBVRRVS*, *ASIATICVS* ou *MATERNVS*<sup>161</sup>.

Contudo, e apesar de em termos tecnológicos, estas produções não serem propriamente *sigillatas*, apresentando uma maior semelhança com a denominada cerâmica “tipo Kuass” (cerâmica de verniz vermelho fenício-púnico), reproduzem o seu repertório, sendo reflexo de um novo gosto romanizado.

---

<sup>158</sup> Ver *supra*.

<sup>159</sup> Anexo 2.

<sup>160</sup> BUSTAMANTE ÁLVAREZ, M.; HUGUET ENGUITA, E. (2008), p. 297, onde as autoras apresentam as referências bibliográficas para cada termo.

<sup>161</sup> BUSTAMANTE ÁLVAREZ, M.; HUGUET ENGUITA, E. (2008), p. 304.



Dos **centros produtores** conhecidos, são poucos os que estão comprovados arqueologicamente, como *Celti* (Peñaflor) e o mais bem estudado até ao momento, *Isturgi* em Andújar, e *Corduba*, Córdova<sup>162</sup>. Jerez Linde propõe ainda uma possível actividade oleira em *Emerita Augusta*<sup>163</sup>, e ainda se espera a confirmação de Cádiz<sup>164</sup>.

Em **termos tecnológicos**, as pastas e engobes são variados e optamos pela definição das características gerais de Macarena Bustamante e Esperanza Enguita: “...pastas van desde tonalidades rosáceas (M-35) hasta marrónáceas (M-25), con abundantes desgrasantes que varían en función de su taller de producción. Entre los desgrasantes...encontramos micas, calizas o sílices, que además de imprimirle porosidad a la pieza generan una superficie poco adherente para el barniz que la recubre y que es la característica primordial de estas producciones.”<sup>165</sup> Na maioria dos casos, o resultado final é um engobe “aguado” e áspero e uma espécie de “craquelado” que pode levar ao seu próprio desaparecimento.

As autoras apresentam ainda um conjunto de quatro grupos de pastas que podem corresponder a outros tantos centros produtores<sup>166</sup>.

Como já referimos anteriormente<sup>167</sup>, a primeira **organização tipológica** contava com quatro Tipos formais: Tipo I e II imitações de *terra sigillata* de tipo itálico e sud-gálica, Tipo III imitações de cerâmicas de verniz vermelho pompeiano, e o Tipo IV imitações de paredes finas<sup>168</sup>. Com a descoberta e o desenvolvimento das investigações sobre *Celti*, foi criada uma nova tabela de 14 formas e suas variantes<sup>169</sup>, a que se seguiram outras tipologias criadas por vários autores, numa amálgama de paralelos formais.

No estado actual dos conhecimentos, tem vindo a ser seguida, de forma a uniformizar tipologias, a proposta de grupos imitativos que tem por base as características formais da cerâmica. Neste sentido dividimos esta produção em<sup>170</sup>:

---

<sup>162</sup> Ver capítulo da Revisão dos Estudos sobre *Terra Sigillata* Hispânica de “tipo Peñaflor”.

<sup>163</sup> JEREZ LINDE, J. M. (2004), p.174.

<sup>164</sup> BUSTAMANTE ÁLVAREZ, M.; HUGUET ENGUITA, E. (2008), p. 298.

<sup>165</sup> BUSTAMANTE ÁLVAREZ, M.; HUGUET ENGUITA, E. (2008), p. 297.

<sup>166</sup> BUSTAMANTE ÁLVAREZ, M.; HUGUET ENGUITA, E. (2008), p. 297.

<sup>167</sup> Ver *supra*.

<sup>168</sup> AMORES, F.; KEAY, S. J. (1999), p. 236-7.

<sup>169</sup> AMORES, F.; KEAY, S. J. (1999), p. 249-50.

<sup>170</sup> BUSTAMANTE ÁLVAREZ, M.; HUGUET ENGUITA, E. (2008), p. 300.

- grupo imitativo das produções de *terra sigillata* de tipo itálico, onde se inserem as 14 formas identificadas em *Celti* e com correspondência no *Conspectus* e nos Tipos I e II de Martínez. São também as formas com maior expressão nesta produção.

- grupo imitativo das produções de *terra sigillata* sud-gálica, com as formas Drag. 33, 35-36, Ritt. 8-9, 22 e 37.

- grupo imitativo das produções de vasilhas de mesa e cozinha, sendo as mais representativas as do Tipo III.

- grupo imitativo das produções de *terra sigillata* Hispânica onde são exemplo a Hisp. 4-5.

- grupo imitativo das produções de paredes finas com o tipo Mayet XLIII-XLIV encontrados em *Celti*.

As **cronologias** mais fiáveis são as de *Celti*, em que os investigadores propõem para o início da actividade os meados do século I a.C., tendo por base o início da produção da forma *Consp. I*<sup>171</sup>. No mesmo artigo, prolongam o tempo de laboração até ao século V com a existência de imitações de *terra sigillata* africana clara A, C e D<sup>172</sup>.

Se observarmos o mapa de Macarena Bustamante e Esperanza Enguita, o mais actualizado até ao momento, é clara a grande concentração na zona meridional da Península Ibérica, uma distribuição que seria feita através da rede fluvial. Contudo, também são expressivos, apesar de em menor quantidade, as ocorrências na Mauritânia Tingitana, no sul da Gália e na península itálica, nomeadamente Pompeia<sup>173</sup>.

## 2.2. Centro Produtor de Los Villares, Andújar

É na actual província espanhola de Jaén (sul de Espanha) que se situa um dos maiores centros produtores de *terra sigillata* hispânica alto-imperial. Andújar, também conhecido e designado por complexo de Los Villares de Andújar, está localizado na margem direita do rio Guadalquivir, entre os afluentes Martingordo e Martinmolino, e encontra-se a 5 km Este da cidade de Andújar e a 1 km Oeste de Los Villares.

---

<sup>171</sup> AMORES, F.; KEAY, S. J. (1999), p. 241-2.

<sup>172</sup> AMORES, F.; KEAY, S. J. (1999), p. 240 e 244.

<sup>173</sup> BUSTAMANTE ÁLVAREZ, M.; HUGUET ENGUITA, E. (2008), p. 303.

A sua proximidade leva a crer que estaria relacionado com a cidade romana de *Isturgi*<sup>174</sup>.

É dado a conhecer à comunidade científica em 1971 por Manuel Sotomayor no XII Congresso Nacional de Arqueologia em Jaén<sup>175</sup>. Numa breve exposição, o investigador apresenta um conjunto composto por vários moldes, alguns fragmentos decorados e algumas marcas de oleiro, encontrados ocasionalmente por um habitante local. Sotomayor considera ainda estar perante a conhecida produção hispânica de série B proposta por Boube<sup>176</sup>.

O ano seguinte marca o início de uma jornada intensa de dez anos de escavações, interrompida unicamente nos anos de 1976 e 1980.

Este foi um projecto que entre muitos outros investigadores, também contou com a participação de Mercedes Roca Roumens, investigadora convidada a estudar o espólio de *terra sigillata* produzida localmente, o que deu origem à sua tese de doutoramento, a *Sigillata Hispánica producida en Andújar*<sup>177</sup>.

A obra de Françoise Mayet<sup>178</sup> na década de 80 é, tanto para Andújar como para qualquer outro centro produtor até então conhecido, uma obra de referência, pela síntese que faz sobre os conhecimentos, pela sua revisão tipológica, cronológica, e das marcas de oleiro.

Actualmente, o conhecimento que se tem deste arqueossítio é vasto e a sua bibliografia também, sendo de destacar os nomes de M. Roca Roumens, e Isabel Fernández García<sup>179</sup>, como pudemos ver no capítulo do “Estado da Arte”.

Durante os anos de investigação foi possível identificar várias estruturas entre as quais os fornos, bem como estabelecer cronologias e fases de produção.

O estudo dos materiais tanto da *terra sigillata*, das paredes finas, das lucernas ou da cerâmica comum também permitiu estabelecer evoluções crono-morfológicas, linhas essenciais para a datação de contextos.

---

<sup>174</sup> SOTOMAYOR, MURO; ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, I. (1999), p. 19.

<sup>175</sup> SOTOMAYOR MURO, M. (1998), p. 34-35.

<sup>176</sup> Ver *supra*.

<sup>177</sup> ROCA ROUMENS, M. (1976).

<sup>178</sup> MAYET, F. (1984).

<sup>179</sup> Ver bibliografia.

Em **termos estruturais** foram identificados até ao momento quatro fornos, de planta circular e com pilar central de sustentação. Três deles apresentam um diâmetro de cerca de 2 m, enquanto que o quarto apresenta um diâmetro de 4m.

Em contraste pouco mais se conhece das restantes instalações uma vez que a forma parcelada com que se procedeu às escavações não permitiu um alargamento da área intervencionada.

A **realidade material** é bem diferente da estrutural e, à produção de *terra sigillata*, podemos juntar o fabrico de cerâmica ibérica pintada, cerâmica comum romana, cerâmica de paredes finas e de lucernas como já tínhamos referido, o que potencializa Andújar como um importante centro produtor e centro exportador cerâmico na Hispânia alto-imperial.

Existem assim evidências de um fabrico de cerâmica ibérica anterior e contemporâneo à mais antiga produção de *sigillata*. Este seria então um local já com alguma tradição oleira que, no século I d.C., mais concretamente no principado de Tibério e, segundo Mayet<sup>180</sup>, adopta as técnicas e formas da cerâmica romana de paredes finas mantendo paralelamente a produção de cerâmica de tradição ibérica. Seguir-se-ia um período de intensa produção já com características tecnológicas da *sigillata*.

É assim pouco provável que o início da **produção local de sigillata** seja anterior ao principado de Cláudio<sup>181</sup>, pelo menos na opinião de Mayet e perante as propostas iniciais de Sotomayor e Roca Roumens que estabeleciam o início da produção em época de Tibério. Actualmente, estes investigadores têm uma perspectiva mais abrangente e mais próxima de ambas as leituras, propondo uma baliza inicial entre os principados de Tibério e de Cláudio<sup>182</sup>.

Teve então início a produção de *terra sigillata* em Andújar, produção esta definida em três fases, que poderão corresponder a três gerações de oleiros<sup>183</sup>.

Uma fase inicial provavelmente centrada no período cláudio, ou seja, em finais do segundo quartel do século I d.C., e que se caracteriza pela diversidade forma,l quer

---

<sup>180</sup> MAYET, F. (1984), p. 54.

<sup>181</sup> MAYET, F. (1984), p. 54.

<sup>182</sup> SOTOMAYOR, MURO; ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, I. (1999), p. 32; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I.; ROCA ROUMENS, M. (2008), p. 312.

<sup>183</sup> FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I.; RUIZ MONTES, P. (2005), p. 141; GARCIA E ROUMENS (2008), pp. 312.

em “vasos” lisos quer em “vasos” decorados, e de influência itálica e, pelo início das produções das oficinas de M.S.M. (*M. Satrius Montanus*), CVDAS e QVARTIO, entre outros. É ainda de salientar, neste período, a produção intensa de cerâmica comum, de cerâmica ibérica, de paredes finas e lucernas que chega a ser exportada para o norte de África<sup>184</sup>.

Em termos decorativos predomina, tanto a decoração a molde, com as composições contínuas e metopadas, com bastantes motivos vegetais, como a decoração a barbotina.

Um segundo momento centrado no período flávio (último quartel do século I d.C.) e que corresponde ao período de maior actividade do centro, que o obrigou a um grande esforço económico e terá levado à criação de olarias relacionadas, olarias satélites, tanto na região de Málaga (Antequera, *Singilia Barba*, Alameda) como em Granada (Albaizin e Cartuja)<sup>185</sup>.

Em termos formais já não apresenta uma grande variedade, sendo as formas mais comuns as taças Drag. 29, as Drag. 37, as Drag. 27 e os pratos Drag. 15/17. Contrastando, a produção de cerâmica ibérica e de paredes finas vai decrescendo. Na decoração predominam as composições metopadas e as alternadas, e generalizam-se os motivos circulares, tão característicos das produções peninsulares.

Por último, a fase de decadência do centro produtor e da qualidade das peças produzidas, com pastas, formas e decorações medíocres. Rapidamente vão desaparecendo os “vasos” decorados e passam a dominar as formas hispânicas de cronologia mais baixa como a Hispânica 44 ou a Hispânica 46/49.

Roca Roumens estabelece os meados ou a segunda metade do século II d.C. como cronologia final para esta produção<sup>186</sup>, que tem como causa principal a concorrência da *sigillata* clara africana (principalmente A) que passam a dominar o mercado mediterrânico nos inícios do século II.

Um declínio rápido que justifica a ausência de formas tardias, mas que não se justifica a si próprio, o que leva Mayet<sup>187</sup> a interrogar-se da possibilidade de um centro

---

<sup>184</sup> ROCA ROUMENS, M. (1998b), p. 110.

<sup>185</sup> Para melhor compreensão do conceito das olarias satélites, ver: FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I.; RUIZ MONTES, P. (2005).

<sup>186</sup> MAYET, F. (1984), p. 55 ; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I.; ROCA ROUMENS, M. (2008), p. 313.

<sup>187</sup> MAYET, F. (1984), p. 55.

oleiro com tradição em imitações (como foi o caso da cerâmica comum romana, das paredes finas, das lucernas e da *terra sigillata*) não conseguir fazer face à concorrência através da sua experiência inicial em imitação de formas em voga, então no mercado.

Relativamente às marcas de oleiro, existe um considerável número de diferentes tipos<sup>188</sup>. Nas formas lisas e principalmente no prato Drag. 15/17 e na taça 27, encontramos marcas em cartela rectangular ou em menor número, em *tabula ansata*, com o nome do fabricante quase sempre abreviado e seguido por vezes pela fórmula EX OF. Em alguns casos apresentam *tria nomina*.

Um segundo tipo, intradecorativo, é característico nas formas Aj. 1, Drag. 29 e 39., e pode ser em cartela rectangular em relevo com letras incisas, ou com estas últimas, feitas à mão livre no molde ou feitas em pequenas luas mas sem cartela. Em ambos os casos, a marca insere-se na própria decoração da peça. Ou ainda, em inscrição decorativa, que é utilizada por exemplo, por *M.S.M.* e que é característica da fase de fabrico mais recuada.

Por último, as marcas anepígrafas, que aparecem nos fundos das taças Drag. 46 e pratos Drag. 15/17, e são características da última fase de actividade<sup>189</sup>.

Até ao momento são conhecidos seguramente, 46 fabricantes de Andújar. Na sua maioria são oleiros que só marcaram os “vasos” lisos, excluindo entre eles, *M.S.M.*, *C.P.F.*, *CVDAS* e *TITVS OPPIVS* que marcaram tanto lisos como decorados, e *QVARTIO Q.S.P. M.T.F.* só decorados<sup>190</sup>.

Em **termos tecnológicos**, a *sigillata* produzida em Andújar é bem diferenciada das restantes produções hispânicas.

A primeira definição ocorre, como já foi referido, com Sotomayor quando a identifica com a série B de Boube.

A melhor descrição é a que Mayet faz para a maior parte do conjunto: « ... la plupart des vases ont une pâte foncée, brun rouge, contenant de très nombreuse (et souvent de très grosses) particules jaunes argilo-calcaires, présentant d’assez larges vacuoles qui lui donnent un aspect spongieux et parfois grossier ; en général peu dure et fracture irrégulière (...). Le vernis varie du rouge au brun rouge ; la plupart du temps

---

<sup>188</sup> SOTOMAYOR, MURO; ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, I. (1999), p. 21.

<sup>189</sup> FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I.; ROCA ROUMENS, M. (2008), p. 309-310.

<sup>190</sup> FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I.; ROCA ROUMENS, M. (2008), p. 310.

terne et mat, il peut être parfois brillant et même irisé ; il est assez homogène mais peu adhérent parfois (...). »<sup>191</sup>

Entretanto, Roca Roumens identifica também a série A na produção de Los Villares bem como vários tipos intermédios. É então descrita uma pasta «...rosada-amarillenta, más clara que la anterior [série B], de la gama de los ocre ; igualmente con partículas amarillentas, vacuolas pequeñas, más clara en general que la anterior y con fractura de aspecto granuloso. El color del barniz es también ocre, más o menos rojizo y de calidad más o menos brillante; a veces ligeramente granuloso al tacto, poco espeso pero muy homogéneo y adherente ; descripción que coincide en líneas generales con la serie A de Boube.»<sup>192</sup>

Françoise Mayet, por outro lado, considera antes que a série B corresponde às produções de Andújar, enquanto a série A corresponde à produção de Trício (La Rioja).

Contudo, esta investigadora define os dois grandes grupos de pastas produzidos em Andújar como o “antigo” e o “tardio”, tendo por base análises laboratoriais. Ambos se caracterizam por uma argila não micácea, mas com uma elevada quantidade de grãos de calcite. É a presença de calcário na maior parte das pastas que confere ao grupo “antigo” um engobe escuro e em tons acastanhados, enquanto que a pouca quantidade deste componente no grupo “tardio” lhe dá um engobe menos brilhante, mais mate e uma pasta mais frágil.

Outro aspecto interessante nas produções de Los Villares é a sua forte **influência** itálica, muito maior que a sud-gálica. Se inicialmente Roca Roumens relaciona esta preponderância com a possível presença de “sucursais” itálicas na Bética<sup>193</sup>, à semelhança do que ocorre em Lyon, La Murette, já Mayet considera esta situação muito pouco provável, uma vez que a única semelhança com as produções itálicas encontra-se nas tipologias formais<sup>194</sup>. Aspectos tão caracteristicamente itálicos como as marcas de oleiro em *planta pedis* ou a utilização da *tria nomina*, conhecidas nos produtos finais das olarias do norte da Hispânia (La Rioja) não aparecem nas produções de Andújar.

Mayet atribui assim à contínua colonização da Bética pelos povos latinos esta forte presença de gosto por “vasos” de tipo itálico.

---

<sup>191</sup> MAYET, F. (1984), p. 41.

<sup>192</sup> ROCA ROUMENS, M. (1976), p. 28.

<sup>193</sup> ROCA ROUMENS, M. (1976), p.102.

<sup>194</sup> MAYET, F. (1984), p. 56.

Relativamente à sua **difusão** pelo mundo antigo, à semelhança de toda a produção hispânica, limitou-se essencialmente ao território peninsular e ao norte de África onde contudo, se encontra muito bem representada.

A Bética foi o seu consumidor principal, provavelmente devido a gostos tradicionais relacionados com as formas itálicas, como referimos anteriormente, e também da sua proximidade ao Guadalquivir, sua principal via de difusão e escoamento, o que tornava, tendo em conta os baixos custos de transporte, os seus produtos mais acessíveis quando comparados com as produções setentrionais da Hispânia e dos “vasos” oriundos da Gália.

Novos trabalhos têm vindo a revelar a sua presença, mesmo parca, por todo o território da Península Ibérica.

No actual território português apresenta uma tendência para a sua diminuição à medida que se avança para Norte, uma vez que aqui passa a competir com os produtos do outro grande complexo produtor, La Rioja, situado no vale do Ebro.

### 2.3. Centro Produtor de La Rioja

*Tritium Magallum*, considerado o produtor e fornecedor mais importante de *terra sigillata* hispânica<sup>195</sup> da península Ibérica, localiza-se na actual região de La Rioja e é um dos maiores complexos “industriais” da sua época.

Na margem direita do rio Ebro, encontra-se estruturado ao longo do vale do afluente Najerilla e caracteriza-se pela profusão de oficinas como as de Bezares, Trício, Arenzana de Arriba ou Arenzana de Abajo. Relativamente à cidade romana de *Tritium Magallum* pouco se conhece, apenas que existia já antes da chegada dos romanos e que ganha o estatuto de município em época flávia.<sup>196</sup>

A sua **descoberta** foi feita em três momentos distintos. A primeira por Mélida quando identifica uma nova produção hispânica, após as descobertas de Oxé em 1912, no acervo do Museu Nacional de Arqueologia de Madrid.

Contudo, o desconhecimento da localização do centro produtor levou-as ao esquecimento até 1948, onde o aparecimento de um fragmento de molde ditou novas

---

<sup>195</sup> MAYET, F. (1984), p. 59.

<sup>196</sup> ROMERO CARNICERO, M.; RUIZ MONTES, P. (2005), p. 185.



coordenadas. Mesmo assim, só voltaria a ser alvo de um estudo aprofundado com Mezquíriz e a sua síntese<sup>197</sup>.

Tem então início as **primeiras prospecções** feitas ao terreno, na zona de Arenzana por esta investigadora que publica os seus resultados em 1975.

Desde logo, Mezquíriz fica com ideia de que não está perante uma única oficina, mas sim de um vasto complexo dedicado à produção oleira. Em 1976, publica sobre um forno em Bezares, no qual dá conta de um espólio, em grande quantidade, de material cerâmico no qual se inclui marcas de oleiro. Nos mesmos anos T. Garabito e M. E. Solovera procedem a novas prospecções em Trício e publicam três volumes dedicados aos moldes, às formas decoradas e às marcas encontradas, elaborando ainda um estudo inovador sobre a difusão destas<sup>198</sup>.

Em 1978, Garabito publica a **primeira síntese** dedicada exclusivamente ao complexo de La Rioja<sup>199</sup>, apresentando as oficinas de Bezares, de Trício e de Arenzana de Arriba. Contudo, este continuava a ser um trabalho principalmente baseado em prospecções.

As **primeiras escavações** têm lugar em 1974, em Trício, e são coordenadas por J.C. Elorza que infelizmente não publica resultados. Mais tarde, Garabito escava Arenzana de Arriba e em outros locais de Trício, e Mezquíriz o centro produtor de Bezares, onde descobre mais fornos e material dos séculos I e II d.C.

Em finais da década de 90, a criação de estradas levou à identificação de mais olarias, como Arenzana de Abajo ou El Quemao, estudados por Pilar Sáenz Preciado<sup>200</sup>

Em comparação com Los Villares, o nível de conhecimento que se tem desta produção é muito limitado e apesar do gradual “levantar do véu” deste vasto complexo com o aparecimento das oficinas mais pequenas, ainda existe uma tendência para se atribuir a esta produção a designação de Trício, o que desvaloriza a complexidade do centro e a sua diversidade.

Mesmo assim, já são várias as **oficinas** identificadas. Trício, Bezares e Arenzana de Arriba são as mais bem conhecidas e também as que apresentam maior volume de produção.

---

<sup>197</sup> MEZQUÍRIZ CATÁLAN, M.A. (1961).

<sup>198</sup> ROMERO CARNICERO, M.; RUIZ MONTES, P. (2005), p. 185.

<sup>199</sup> GARABITO GOMEZ, T. (1978).

<sup>200</sup> SÁENZ PRECIADO, M. (2000a); SÁENZ PRECIADO, M. (2000b).

Arenzana de Abajo, Baños de Rio Tobio, Camprovín, Manjarrés, Hornos de Moncalvillo, Entrena, Nájera, Estollo, Badarán e El Quemao são mais alguns nomes a conhecer nesta produção. É provável que estas oficinas mais pequenas estivessem de algum modo relacionadas com os centros maiores.

Actualmente, ainda se questiona a vinda de oleiros gauleses para o vale do Ebro, com o objectivo de aí iniciarem uma actividade oleira que permitisse o abastecimento directo dos mercados peninsulares<sup>201</sup>, trazendo consigo as técnicas de fabrico da *sigillata* bem como a prática da sua comercialização e distribuição<sup>202</sup>. Considerando tal hipótese, são vários os factores que levaram a esta escolha. Em primeiro lugar, a existência de matéria-prima: solos ricos em calcário, a base da *terra sigillata*, e vastas florestas para alimentar as fornadas contínuas. Um segundo factor, as óptimas vias de comunicação de que a região disponibilizava, composta por uma boa rede viária e pelo porto fluvial de *Varea* que permitia a ligação ao Ebro. Tudo condições que levaram à escolha do local, não esquecendo ainda a sua tradição oleira e que também permitiu o seu desenvolvimento e expansão<sup>203</sup>.

Relativamente ao aspecto cronológico, Pilar e Carlos Sáenz Preciado estabelecem o início das produções riojanas tendo como pólo inicial o centro de Arrenzana de Arriba<sup>204</sup> em meados do séc. I d.C., contrariando o que Mayet propõe na sua obra onde considera uma data comum para o início dos três centros maiores<sup>205</sup>. Estabelecem ainda **fases de produção**, com um primeiro momento com olarias de tradição e para consumo local.

A segunda fase é caracterizada por uma reestruturação do próprio sistema de produção. Em finais do século I d.C. aumenta a procura por loiça de mesa de qualidade, o que levou a um aumento da produção nestas pequenas oficinas. Esta necessidade em aumentar a produção deve também estar ligada à criação de sucursais, explicando igualmente a proliferação das pequenas oficinas e da semelhança formal e decorativa existente entre elas. Estas associações, como Sáenz Preciado define no seu artigo «Nuevas Perspectivas en el estudio de la *terra sigillata* hispánica»<sup>206</sup> terão levado ao

---

<sup>201</sup> SÁENZ PRECIADO, J. C. (2007), p. 388.

<sup>202</sup> SÁENZ PRECIADO, M. (1998), p. 135-136.

<sup>203</sup> SÁENZ PRECIADO, J. C. (2007).

<sup>204</sup> SÁENZ PRECIADO, M. (1998), p. 135.

<sup>205</sup> MAYET, F. (1984), p. 94.

<sup>206</sup> SÁENZ PRECIADO, J. C. (2007).

aumento da produção e à sua grande difusão por todo o território, chegando a ser predominantes em locais de proximidade a Andújar, como é exemplo *Baelo*.

A presença dos mesmos punções em várias *officinae* ou de moldes dos grandes centros nos centros mais pequenos estaria assim explicada e interpretada como uma dependência não só das pequenas oficinas em relação às maiores, assim como o inverso - uma espécie de “linha de montagem”.

Contudo, este aumento de produção teve como consequências a perda de qualidade do produto final, bem como o fim de outras olarias de distribuição local ou a sua limitação produtiva à cerâmica comum ou aos materiais de construção, como sejam os casos de Bronchales ou *Bilbilis*.<sup>207</sup>

Mayet, através da estratigrafia de *Pompaelo* e de *Conimbriga*, identifica este “boom” da produção nos finais do século I e inícios do século II d.C., mais precisamente na época dos Flávios.

O porquê deste fenómeno, que ocorre em toda a produção de *terra sigillata* na península Ibérica, está relacionado com a vitalidade que a nova “dinastia” flávia trouxe para o Império. Este é um período de grande dinâmica económica e política com a acção vigorosa dos mercadores e negociantes e com a promoção política de muitos municípios, o que também promove o seu desenvolvimento e evolução, conceitos que levam a mudanças de hábitos, por exemplo, e a novas exigências<sup>208</sup>.

É nesta altura que começam a aparecer em maior número, as produções hispânicas, em detrimento das itálicas ou sud-gálicas, nas estratigrafias dos centros consumidores. Podemos dizer então, que esta data marca o início da sua difusão na Hispânia.

Em meados do século II, a produção estagna, havendo um abrandamento da sua comercialização e uma redução do próprio repertório formal<sup>209</sup>. As causas serão os preços bem mais acessíveis das importações norte africanas que, à semelhança do que aconteceu em Andújar, alteram os hábitos de consumo.

---

<sup>207</sup> SÁENZ PRECIADO, J. C. (2007), p. 388.

<sup>208</sup> MAYET, F. (1984), p. 293.

<sup>209</sup> ROMERO CARNICERO, M.; RUIZ MONTES, P. (2005), p. 187.

Se inicialmente Mayet propôs o fim desta produção para os finais do século I<sup>210</sup>, actualmente podemos afirmar que esta previveu, com um repertório formal limitado às Ritt. 8, Drag. 27, Drag. 15/17 e Drag. 37 decorada. As olarias de Nájera e Trício, prolongam a actividade oleira até ao século V, não havendo um hiato de tempo entre as produções alto-imperiais e as baixo-imperiais<sup>211</sup>.

Em **termos descritivos**, a *sigillata* de *Tritium Magallum* caracteriza-se pela sua proximidade às produções gálicas, quer em termos formais, quer em termos de pastas e engobes. Contudo, convém salientar que também as produções riojanas têm pastas e engobes de pior qualidade, desmistificando um pouco, a ideia de que a série A corresponde a peças de boa qualidade e a série B de má.

Actualmente, é conhecimento geral de que boas e más produções aparecem em todos os centros produtores, bem como as peças de boa qualidade não são necessariamente do início das produções<sup>212</sup>.

Segundo a descrição de Pilar e Carlos Sáenz Preciado, a *sigillata* de *Tritium Magallum* caracteriza-se por «...arcilla es de color rojizo o beige con vacuolas, porosa y de aspecto granuloso, mientras que el barniz presenta una tonalidad marrón-rojiza, volviéndose más anaranjado conforme avanza el II-III d.C., brillante y a veces de aspecto vítreo.»<sup>213</sup>

É preciso ter em atenção que uma produção tão vasta apresenta diferentes variantes. O trabalho de M. Picon, na obra de Mayet, apresenta esta diversidade ao mostrar várias diferenças e variações nas análises químicas, feitas sobre uma amostra de várias oficinas da região tritiense<sup>214</sup>.

Apesar da produção de outras cerâmicas, como a comum, a engobada, lucernas e material de construção, a *sigillata* foi o principal produto destas oficinas. O seu **repertório formal** é dos mais vastos, tendo sido produzidas quase todas as formas conhecidas até ao momento de *terra sigillata* hispânica, sendo na sua maioria e com maior presença nos contextos arqueológico, as de influência sud-gálica, seguida de

---

<sup>210</sup> MAYET, F. (1984), p. 94.

<sup>211</sup> ROMERO CARNICERO, M.; RUIZ MONTES, P. (2005), p. 187.

<sup>212</sup> MAYET, F. (1984), p. 66.

<sup>213</sup> SÁENZ PRECIADO, M. (1998), p. 153.

<sup>214</sup> PICON, M. (1984), p. 306-308; e ROMERO CARNICERO, M.; RUIZ MONTES, P. (2005), p. 188.

formas inspiradas na cerâmica céltica, na cerâmica comum, nas paredes finas, nos recipientes em vidro e nos de metal<sup>215</sup>.

Havendo formas que previvem mais de dois séculos é característica a existência de uma evolução tipológica em que, num primeiro momento, encontramos perfis bem delineados, com os ressaltos e caneluras bem definidos, pés altos com a típica moldura hispânica no fundo externo, seguidos por formas mais simples, mais abertas e mais altas, pés mais baixos e largos, com a moldura do fundo a desaparecer<sup>216</sup>.

Nas formas lisas predominam o prato Drag. 15/17 e a taça 27, fabricadas desde o início da produção até ao século III. Mas também com forte presença da taça Drag. 35 e do prato 36 com a decoração na aba em barbotina, as Hisp. 4, Drag. 46, Hisp. 17, Drag. 24/25, Drag. 33, Drag. 18, Drag. 44, e as versões lisas das taças Drag. 29, 30 e 37, que também predominam nas versões decoradas, sendo a Drag. 37 a mais abundante e que continua a ser produzida até épocas mais tardias. As taças Drag. 40 e 41 e as formas fechadas Hisp. 1 e 20 são também muito comuns.

O **repertório decorativo** também é bastante amplo e diversificado e este pode ser disposto em um ou dois frisos (mais raramente três), tendo sido organizado em três estilos que gradualmente vão se substituindo<sup>217</sup>: o de imitação, o de métopas, e o de círculos. O primeiro, característico das produções mais antigas, imita a decoração da *sigillata* sud-gálica com grinaldas, arcarias, festões e cruciformes, estando atestado nas oficinas de Arenzana de Arriba, La Puebla, La Cereceda, Trício e Bezares. O estilo metopado é característico de época flávia, quando o anterior começa a perder expressão, e aparece na maioria das oficinas de *Tritium*. O último com os seus círculos é inspirado na decoração gálica, sendo também utilizado nas composições metopadas. É generalizado no século II em detrimento dos outros dois estilos.

Para além destes estilos principais, existem outros tantos esquemas decorativos, como os de friso contínuo ou de losango, bem como uma vasta lista de motivos decorativos, como rosetas, aras, figuras humanas e divinas, vários animais, etc.

Relativamente às marcas de oleiro, as formas com mais estampilhas são as lisas e na sua maioria no fundo interno do prato 15/17 e da taça 27. Nas formas decoradas são

---

<sup>215</sup> ROMERO CARNICERO, M.; RUIZ MONTES, P. (2005), p. 190; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I.; ROCA ROUMENS, M. (2008), p. 313.

<sup>216</sup> ROMERO CARNICERO, M.; RUIZ MONTES, P. (2005), p. 190; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I.; ROCA ROUMENS, M. (2008), p. 313.

<sup>217</sup> ROMERO CARNICERO, M.; RUIZ MONTES, P. (2005), p. 192.

principalmente feitas à mão livre no molde ficando assim incluídas na decoração (intradecorativas) e mais raramente em cartela. Estão também documentadas marcas de molde.

Apresentam-se na maioria, dentro de cartelas rectangulares e excepcionalmente em *tabula ansata* ou *planta pedis*.

O nome do oleiro e/ou do proprietário da oficina apresentava-se geralmente em três formas: só *nomina*<sup>218</sup>, *dua nomina* (*nomen/cognomen* ou *praenomen/nomen*), ou *cognomina* em que um dos *nomen* podia ser precedido por *Tritiensis*<sup>219</sup>. Na maioria, o texto continha o genitivo precedido a fórmula de *EX OFFICINA*: *EX OFI*, *EX OF*, *EX O*, *EX OF.*, uma abreviatura de *executato* e/ou *officina*<sup>220</sup>.

Actualmente conhecem-se mais de uma centena de marcas de oleiro deste centro produtor e calcula-se que muitas das que faltam confirmar, sejam da mesma procedência. É de destacar os oleiros com maior expressão e difusão, como *Valerius Paternus*, *Caius Lucretius* ou *Lucius*, *Cantaber*, *Miccio*, e *Saturninus* ou *Satur*<sup>221</sup>.

A comercialização da *sigillata* de La Rioja permitiu uma **difusão** a grande escala, sendo identificada em toda a península Ibérica e na Mauritânia Tingitana. Em menor número e em alguns casos de forma irrisória, aparece na zona de Bordéus, Marselha e Narbona, na *Mauritania Caesariensis*, e Óstia<sup>222</sup>. É de realçar, que em certos locais da Bética e da Mauritânia Tingitana, onde existe a forte presença das produções de Andújar, a presença de produções de La Rioja continuam a predominar (como já foi referido anteriormente).

#### 2.4. *Terra sigillata* hispânica tardia

Comparando com o nível de conhecimento actual sobre os fabricos alto-imperiais, as produções tardias ainda envolvem muitas questões. Actualmente, são conhecidas duas grandes áreas de produção de *terra sigillata* hispânica tardia: o vale do Ebro, com olarias identificadas na zona riojana (como Tricio, Najéra, Arrenzana de

---

<sup>218</sup> SÁENZ PRECIADO, M. (1998), p. 154.

<sup>219</sup> FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I.; ROCA ROUMENS, M. (2008), p. 313.

<sup>220</sup> MAYET, F. (1984), p. 112; e SILVA, R. B. da (2005), p. 213.

<sup>221</sup> ROMERO CARNICERO, M.; RUIZ MONTES, P. (2005), p. 194.

<sup>222</sup> ROMERO CARNICERO, M.; RUIZ MONTES, P. (2005), p. 187.

Abajo, entre outros), em Varea, em La Rioja e a zona da Meseta, com as conhecidas olarias do vale do Douro e de *Clunia*, por exemplo<sup>223</sup>

Para estas duas zonas, Paz Peralta cria dois grupos de fabricos – Grupo A e Grupo B – durante a sua investigação sobre a província de Saragoça<sup>224</sup>, revistos em 2008 com novas análises químicas, à semelhança do trabalho de Mayet e Picon nos anos 80<sup>225</sup>.

O início da sua produção ainda suscita algumas questões. Entre meados do século II e inícios do século III d.C. a Hispânia, à semelhança do que acontece no Mediterrâneo, é “invadida” pelas novas produções africanas, que devido ao seu baixo custo e produção/exportação em massa adquirem um forte mercado na península. Na mesma época, o complexo de Los Villares de Andújar pára a sua produção, muito provavelmente por não conseguir competir com os novos produtos, embora se mantenham algumas olarias produzindo formas idênticas às provenientes do norte de África, como seja o caso do tipo Peñaflor<sup>226</sup>. Situação semelhante ocorre no Vale do Ebro, com o fecho de várias olarias, mas a continuação de outras como é exemplo Trício ou a abertura de novas, como já foi referido. Recentemente, escavações em Nájera e Cuenca Alta del Najerrila na região de La Rioja, permitiram identificar produções tardias com cronologias que atingem os séculos IV-V d.C. Ainda em finais do século II e inícios do III tem início a produção das olarias da Meseta<sup>227</sup>.

Como características gerais, a *sigillata* hispânica tardia apresenta pastas laranjas ou vermelho-alaranjadas, de consistência granulosa, com quartzos e micas visíveis macroscopicamente, mas de pequenas dimensões. As argilas calcárias utilizadas para a elaboração da *terra sigillata* alto-imperial deixam de ser usadas e, ocorrendo uma alteração do próprio processo de cozedura, que conduz principalmente à não sinterização do engobe da peça. Todo este processo é estudado por Picon<sup>228</sup>, através da análise de exemplares riojanos, chegando a considerar que do ponto de vista tecnológico não estamos perante uma verdadeira *sigillata*<sup>229</sup>.

---

<sup>223</sup> PAZ PERALTA, J. A. (2008), p. 498-499.

<sup>224</sup> PAZ PERALTA, J. A. (1991).

<sup>225</sup> MAYET, F. (1984).

<sup>226</sup> Ver *supra*.

<sup>227</sup> PAZ PERALTA, J. A. (2008), p. 499.

<sup>228</sup> MAYET, F. (1984).

<sup>229</sup> PICON, M. (1984), p. 306-308.

Formalmente, continuam a ser produzidas formas anteriores, contudo, surgem novas variantes ou novas formas, muitas influenciadas pelas novas produções africanas.

A forte concorrência dos produtos norte africanos é uma situação que se identifica na Praça da Figueira, onde a presença da terra *sigillata* africana surge em contextos flávios, entrando logo em concorrência com os produtos de La Rioja e Andújar. Em comparação com o restante conjunto de terra *sigillata* hispânica, as produções tardias podem ser consideradas residuais à semelhança dos produtos de tipo Peñafior, valendo principalmente pela sua presença.

### **3. Análise Tipológica**

#### **3.1. Produções de tipo Peñafior**

##### **Martínez I**

A forma I de Martínez, como já referimos, é um grupo de imitação de *terra sigillata* de tipo itálico, sendo na sua maioria taças, como as que Martínez define no seu grupo I. O exemplar da Praça da Figueira é um fundo de pé alto, com o arranque da parede bem demarcado (n.º 1). Corresponde à forma I, e pela altura do pé podemos fazer correspondência com a forma Ib/Celti 14, com cronologias para a época cláudio-neroniana<sup>230</sup>.

##### **Martínez III**

Imitação dos pratos de “verniz vermelho pompeiano”, a forma Martínez III é um prato de dimensões variadas (diâmetros entre os 16 e os 32 cm<sup>231</sup>), bordo na sua maioria biselado, paredes concavas e fundo plano. Na Praça da Figueira identificámos quatro fragmentos desta forma. Um bordo de lábio biselado com um diâmetro indeterminado (n.º 2), um fragmento de parede com arranque de fundo plano, de um prato Martínez IIIa ou b (n.º 3), e dois fragmentos de fundo com caneluras na superfície interna (sem desenho) à semelhança dos fragmentos de Chãos Salgados<sup>232</sup>.

---

<sup>230</sup> BUSTAMANTE ÁLVAREZ, M.; HUGUET ENGUITA, E. (2008), p. 303.

<sup>231</sup> QUARESMA, J. C. (2009), p. 76.

<sup>232</sup> QUARESMA, J. C. (2009), p. 76.



### 3.2. Produções de *terra sigillata* hispânica “clássica”

#### 3.2.1. Formas Lisas

##### Drag. 15/17

Este prato, seguido da taça Drag. 27, é a forma mais frequente e mais difundida das produções hispânicas, sendo também a que apresenta maior número de marcas de oleiro. Tanto nas produções de Andújar como nas de La Rioja, a sua influência inicial são os protótipos sud-gálicos, contudo, e uma vez que é das formas cuja produção se estende num longo período de tempo, vai adquirindo características mais peninsulares, chegando a exemplares bastante diferentes dos iniciais.

Para Françoise Mayet, podemos dividir esta forma nas produções de Andújar em três grupos crono-tipológicos<sup>233</sup>. Um grupo inicial de influência sud-gálica com paredes curtas e oblíquas, molduradas tanto no seu interior como exterior, com pés altos de perfil triangular e com cronologias cláudianas e flávias<sup>234</sup>. Um segundo grupo, já com características tipicamente hispânicas, e datável da segunda metade do século I, com formas mais abertas, paredes mais altas e curvadas para o exterior, com a moldura interna mais larga e aplanada, pés mais baixos e de perfil rectangular. O terceiro grupo, mais tardio, apresenta um espessamento das paredes e a extrema redução da altura do pé.

Na colecção da Praça da Figueira, o prato Drag. 15/17 das produções de Andújar é a forma mais frequente, contabilizando todos os fragmentos característicos e os passíveis de assim serem classificados. Foram também identificados exemplares dos três grupos definidos por Mayet, havendo um predomínio claro do segundo grupo de época flávia, seguido do terceiro com cronologias mais tardias.

Podemos identificar o primeiro grupo através do bordo n.º 4. Apesar de não apresentar a parede externa moldurada, apresenta uma pequena canelura no lábio e uma parede fina com uma ligeira inclinação, à semelhança do exemplar n.º 3 da Pl. XXII de Mayet<sup>235</sup>.

O segundo grupo é o mais representado e apresenta diâmetros entre os 18,5 e os 20 cm. A peça n.º 5 tem perfil completo onde é visível a parede fina e ligeiramente

---

<sup>233</sup> MAYET, F. (1984), p. 45.

<sup>234</sup> FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I.; RUIZ MONTES, P. (2005), p. 142.

<sup>235</sup> MAYET, F. (1984), Pl. XXII, n.º 3.

inclinada para o exterior e um pé já baixo. No seu fundo externo podemos ler o grafito A[F]R(*icanus uel icani*), que iremos encontrar também numa taça Drag. 27 como veremos mais à frente. Os bordos n.º 6, 7, 8 e 9, e o fundo n.º 10 representam bem o peso deste grupo, de cronologias flávias.

É seguido do último grupo, datável do fim da produção deste centro, como são exemplos os bordos n.º 11 e 12, com paredes mais espessas, uma moldura interna mais alongada e diâmetros muito superiores aos perfis anteriores (o fragmento n.º 12 tem de diâmetro 32 cm). E por dois fundos, n.º 13 e n.º 14, já muito baixos e com pés pouco visíveis. Este último apresenta ainda um grafito, também na parte exterior do fundo, onde se propõe a seguinte leitura: CLARI(*anus uel ani*). À semelhança do grafito anterior, teria como função identificar o seu proprietário

Nas produções riojanas, este prato aparece no início da actividade oleira e chega até ao século III, segundo Romero Carnicero e Ruiz Montes<sup>236</sup>. Mayet também o divide em quatro grupos formais, mas guarda reservas relativamente a uma eventual evolução crono-tipológica<sup>237</sup>. O primeiro remete para a produção gálica, com presença de lábio demarcado, paredes quase direitas, em alguns casos bastante moldurada, ligação interna de quarto de círculo bem definida e moldura no fundo exterior, característica das produções hispânicas. O segundo grupo já apresenta paredes mais altas, mais oblíquas e lisas e uma moldura interna que tende a alargar. O grupo seguinte é caracterizado principalmente por um aumento dos tamanhos destes pratos. O último grupo, e possivelmente o mais tardio, tem pratos em que a junção da parede com o fundo, a moldura em quarto de círculo, quase não se distingue devido ao seu aplanamento e obliquidade. Outra característica desta evolução é a redução da altura dos pés.

Tal como ocorre com as produções do sul peninsular, a Drag. 15/17 é a forma lisa com maior expressão dos produtos do vale do Ebro, identificada pelos seus vários perfis de bordos, bem como pela moldura interna característica, e nos casos mais antigos, pela externa, sendo possível identificar exemplares de todos os grupos propostos por Mayet.

---

<sup>236</sup> ROMERO CARNICERO, M.; RUIZ MONTES, P. (2005), p. 189.

<sup>237</sup> MAYET, F. (1984), p. 71.

Do primeiro grupo definido por Mayet, destacamos dois bordos de paredes baixas e bastante molduradas – n.º 15 e n.º 16 – com diâmetros entre os 17 e os 20 cm. Ambos de fabrico T4, estão próximos dos modelos flávios<sup>238</sup>.

Do segundo grupo apresentamos um bordo com diâmetro entre os 16 e os 19 cm - o n.º 17, ainda sem qualquer curvatura para o exterior. A raridade da Drag. 18 e o diâmetro do nosso exemplar fortalecem esta classificação. É também representado por algumas molduras internas, de que é exemplo o n.º 18, e que marca principalmente a transição de um tipo para o outro, ainda com paredes finas e moldura pouco alongada.

Do terceiro, destacamos o bordo n.º 19, com 30 cm de diâmetro e paredes mais espessas, mas não tão inclinadas como as do grupo seguinte, e o n.º 23 com 26 cm de diâmetro, muito semelhante ao apresentado por Mayet, com o mesmo diâmetro e as duas caneluras na parede exterior, com marca de *Valerius Paternus et Lapillius*<sup>239</sup>. É de referir a presença de um *Lapillius* nas marcas de oleiro da Praça da Figueira<sup>240</sup>. Mencionamos ainda, os três fundos de pé baixo e pouco visível e com a moldura interna característica deste grupo – n.º 20, 21 e 22.

Os bordos n.º 24, 25 e 26 apresentam diâmetros entre os 23 e os 34 cm, e à excepção do n.º 26, paredes bastantes oblíquas, marcando a passagem para o último grupo de Mayet.

Tal como já foi referido anteriormente, a referida autora não considera os grupos uma evolução crono-tipológica desta forma, não sendo fácil atribuir uma data para o fim exacto da sua produção.

### **Drag. 18**

O prato Drag. 18, ao contrário do prato 15/17, é uma forma rara nas produções peninsulares, sendo uma imitação do seu homónimo da Gália. Segundo Mayet, em La Rioja, a forma “clássica” é um prato de paredes baixas e curvas, com lábio arredondado, ligação da parede com o fundo bem marcada e fundo plano. Contudo, a variante mais frequente tem paredes rectas e oblíquas<sup>241</sup>.

---

<sup>238</sup> MAYET, F. (1984), p. 70-71.

<sup>239</sup> MAYET, F. (1984), Pl. LIX, n.º 37.

<sup>240</sup> SILVA, R. B. da (2005).

<sup>241</sup> MAYET, F. (1984), p. 71.

Fernández García e Ruiz Montes enquadraram-na entre os anos 50 e finais do século II<sup>242</sup>, mas Mayet considera as produções hispânicas mais próximas das formas gálicas flávias<sup>243</sup>.

Na colecção em estudo, podemos identificar dois bordos deste tipo de prato. O n.º 27 apresenta um perfil com lábio arredondado e paredes curvas, sendo visível a moldura externa da ligação da parede ao fundo. Tem 15 cm de diâmetro e o seu fabrico é de boa qualidade – T3 – à semelhança dos produtos sud-gálicos. O n.º 28 tem um perfil semelhante ao anterior mas sem a moldura na parede característica, pelo que pode ser ainda classificado de Drag. 27 que, numa das suas variantes riojanas, também apresenta o quarto de círculo superior com lábio arredondado e parede curva. Contudo, esta variante da taça não atinge diâmetros muito grandes, como os 16 cm do nosso exemplar, o que lhe dá maior probabilidade de ser uma Drag. 18.

### **Drag. 27**

Tal como já referimos, depois dos pratos Drag. 15/17, a taça Drga. 27 é a forma lisa mais produzida e frequente na *Hispania*. O seu perfil composto por dois quartos de círculos faz que seja uma forma de fácil identificação, mesmo quando confrontados com uma parede.

Esta taça é produzida ao longo de todo o período de funcionamento de Andújar e podemos diferenciar dois tipos. Um de influência sud-gálica, de pequenas dimensões de lábio demarcado e quarto de círculo superior bem acentuado e curto, possivelmente de época júlio-cláudia<sup>244</sup>. E um segundo tipo com perfis menos acentuados, sem lábio, e com um quarto de círculo superior que vai igualando em altura o inferior.

Os exemplares exumados na Praça da Figueira com filiação em Los Villares de Andújar apresentam estes dois tipos de perfis. Apesar de nenhum ter o lábio demarcado à semelhança dos produtos gálicos, os bordos de 29 a 32 apresentam diâmetros entre os 8 e os 9 cm e quartos de círculo superior curtos e demarcados. A peça de perfil completo n.º 33 é uma taça de pequenas dimensões, diâmetro de bordo de 9 cm, quarto de círculo superior curto e bem demarcado, com um fundo baixo de perfil sub-triangular, apresentando no seu exterior um pequeno cone característico desta forma nas

---

<sup>242</sup> FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I.; RUIZ MONTES, P. (2005), p. 166.

<sup>243</sup> MAYET, F. (1984), p. 71.

<sup>244</sup> FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I.; RUIZ MONTES, P. (2005), p. 143.

produções de Andújar. São seguidos de dois exemplares que consideramos de “transição” – n.º 34 e 35 – pelos seus diâmetros (10/12 cm e 11,5 cm, respectivamente) e pela boa qualidade das suas pastas e engobeas, com o quarto de círculo superior curto. As peças mais tardias e de maiores dimensões encontram-se melhor representadas quantitativamente – do n.º 36 ao 41, com diâmetros dos 12 aos 14 cm, quarto de círculo inferior mais aberto, bem como o superior, que também sofre um ligeiro aumento de altura.

Como já mencionámos anteriormente, o exemplar n.º 36 também apresenta um grafito onde se pode ler AFRI(*canus uel icani*), semelhante ao do prato Drag. 15/17, sendo bastante provável, que pertencessem à mesma pessoa, ao mesmo serviço.

A vasta produção em *Tritium* leva Mayet a definir quatro grupos, ressaltando novamente para a dificuldade em definir etapas cronológicas<sup>245</sup>. A primeira variante remete mais uma vez para as formas sud-gálicas mas também para as itálicas. Predominam os vasos de pequenas dimensões, com o quarto de círculo superior curto e bem demarcado e lábio de secção arredondada. Os pés são altos e ainda não apresentam a característica moldura hispânica no exterior<sup>246</sup>. A segunda apresenta um aumento das formas, com as paredes do quarto de círculo inferior mais oblíquas e o desaparecimento do lábio. Na variante seguinte, os quartos de círculo equalizam-se em altura e a ligação entre eles vai esbatendo nas paredes mais abertas. O fundo é quase sempre moldurado. Por último, um conjunto de taças de pequenas dimensões e bastante abertas, em que os quartos de círculo parecem um prolongamento um do outro, com pés baixos e paredes grossas.

Relativamente à típica moldura hispânica do fundo externo, Mayet refere a sua ausência nas formas mais pequenas que, em vez de apresentarem um fundo liso (uma característica bastante rara nas produções riojanas), terminam num cone saliente<sup>247</sup>.

Da análise que fizemos às taças provenientes de La Rioja concluímos que o lábio demarcado dos exemplares n.º 42, 43 e 44 e os seus diâmetros entre 10 e 13 cm caracterizam-nos como peças de influência sud-gálica e possivelmente mais antigos. Contudo, ressaltamos não se tratar de um conjunto muito expressivo, ao contrário das formas já tipicamente hispânicas, como são exemplo, os bordos n.º 45 e 46, este último

---

<sup>245</sup> MAYET, F. (1984), p. 72.

<sup>246</sup> ROMERO CARNICERO, M.; RUIZ MONTES, P. (2005), p. 189.

<sup>247</sup> MAYET, F. (1984), p. 72.

já com uma dimensão considerável, com 14 cm de diâmetro, quarto de círculo superior alto e mais aberto em comparação com os restantes grupos, assim como as peças n.º 47 e 48, comparáveis a exemplares publicados por Mayet. Para a referida autora as suas pequenas dimensões e quarto de círculo superior mais aberto que as taças mais antigas são razões que a levam a colocá-las numa grupo à parte.

### **Drag. 33**

Taça de influência gálica, a Drag. 33 hispânica não é uma forma muito difundida. Apresenta um bordo simples, paredes oblíquas e viradas para o exterior, que ligam a um fundo ligeiramente horizontal, de pés baixos, que pode apresentar moldura ou cone saliente.

Foram identificados dois fragmentos desta forma na colecção em estudo, dois fundos de pequenas dimensões com as mesmas características. O n.º 49 com 4 cm de diâmetro, fabrico T4, com o fundo interno com uma ligeira inclinação e o externo com um cone saliente, apresentando ainda o ângulo que o demarca do arranque da parede. Situação semelhante ao exemplar n.º 50, com 4,5 cm de diâmetro, fabrico T1, e apesar de estar bastante fracturado, também é perceptível a sua inclinação, embora no sentido contrário ao exemplar anterior. Mayet apresenta um exemplar muito semelhante, mas de perfil completo<sup>248</sup>. É a inclinação do fundo que nos leva a excluir a sua classificação como Drag. 46, apesar da existência de vasos de pequenas dimensões desta forma.

Esta forma pode ser enquadrada na segunda metade do século I a finais do século II<sup>249</sup>.

### **Drag. 35 e Drag. 36**

Correspondendo a Drag. 35 a uma taça e a Drag. 36 a um prato de perfis semelhantes, são das formas com mais sucesso no Mediterrâneo<sup>250</sup> e que não passaram ao lado das produções hispânicas. São vasos de paredes curvas e bordo em aba pendente que, na maioria dos casos, apresenta uma decoração com um número variável de folhas de água em barbotina.

---

<sup>248</sup> MAYET, F. (1984), Pl. LXVI, n.º 119.

<sup>249</sup> ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., coords. (1999), p. 287.

<sup>250</sup> MAYET, F. (1984), p. 73.

Nas produções de Andújar, tanto a taça como o prato não são formas muito comuns, surgindo um modelo intermédio designado por Drag. 35/36, que se caracteriza por englobar os diâmetros da taça e a altura do prato, ou vice-versa. Principalmente de época flávia, a Drag. 35/36 não apresenta a aplicação característica a barbotina.

Em La Rioja, a taça Drag. 35 apresenta diâmetros entre os 8 e os 12 cm e alturas de 3,5 e 4 cm, enquanto que o prato Drag. 36 apresenta diâmetros de 14 a 17 cm, com alturas maiores que a anterior. Foi ainda produzida a forma intermédia Drag. 35/36.

O início da sua produção na Península Ibérica, segundo Mayet, não está muito longe das cronologias destas formas no sul da Gália que chegam aos mercados do império no principado de Nero<sup>251</sup>. Fernández García e Ruiz Montes enquadram o início da produção de ambas as formas entre os anos de 50 e 60 d.C., antecedendo os períodos de apogeu das próprias produções sudgálicas<sup>252</sup>. O fim de ambas as formas já não é coincidente, terminando a produção da Drag. 35 em meados do século II, e a Drag. 36 previvendo até aos finais do III<sup>253</sup>.

Na Praça da Figueira identificamos quatro exemplares destas formas, um de Andújar e os restantes três de La Rioja. O bordo n.º 51 apresenta uma pequena aba, sem qualquer tipo de decoração. O seu perfil poderia inclui-lo no conjunto das Drag. 46, pela aba quase direita, contudo o diâmetro de 22 cm, fortalece a decisão em considerá-lo um prato 36, bem como a ausência de qualquer decoração<sup>254</sup>.

O conjunto de La Rioja é composto por um bordo com porção de parede, não havendo perfil completo e dois fragmentos de aba. O n.º 52, de fabrico T2, apresenta um engobe brilhante, de boa qualidade, e vestígios da folha de água em barbotina na aba. O seu diâmetro é de 22 cm e aproxima-se de dois exemplares de grandes dimensões, apresentados por Mayet como excepções da Drag. 36<sup>255</sup>. O segundo exemplar, n.º 53, é um fragmento de aba, também de boa qualidade, com vestígios da folha de água, contudo em mau estado de conservação. Apesar de não ser possível determinar o seu diâmetro, a sua espessura indica-nos um prato de grandes dimensões à semelhança do anterior. O n.º 54 é igualmente um fragmento de aba, mas de menores

---

<sup>251</sup> MAYET, F. (1984), p. 74.

<sup>252</sup> MAYET, F. (1984), p. 74: a Drag. 35 tem o seu período de maior consumo em época flávia, e a Drag. 36 tem o seu apogeu já no século II.

<sup>253</sup> ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., coords. (1999), p. 287; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I.; RUIZ MONTES, P. (2005), p. 167.

<sup>254</sup> FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I.; RUIZ MONTES, P. (2005), p. 143.

<sup>255</sup> MAYET, F. (1984), Pl. LXX, n.º 177 e n.º 179.

dimensões. Tal como a aba anterior, não é possível determinar o seu diâmetro e a sua espessura mais fina remete-nos para uma possível taça Drag. 35.

#### **Drag. 44**

A Drag. 44 trata-se de uma taça de bordo ligeiramente côncavo que pode rondar entre os 12 e os 20 cm de diâmetro, pança hemisférica demarcada por uma moldura de perfil triangular na superfície externa, e pés bastante baixos, não sendo uma forma muito frequente, apesar da sua origem gálica. No entanto, o único exemplar recolhido na Praça da Figueira que podemos relacionar com esta forma provém das oficinas de Andújar, onde a taça adquire características peninsulares. O n.º 55 é um fundo de pé baixo, com 7 cm de diâmetro, com o fundo externo horizontal e paredes que arrancam com alguma curvatura. Esta classificação não é assertiva, contudo, analisando os paralelos que encontramos em Mayet<sup>256</sup> e tendo em conta a ausência de Ritt. 8 nas produções do sul peninsular, optámos por esta forma.

#### **Drag. 46**

O único exemplar identificado na nossa colecção como possível Drag. 46 é um fragmento de parede oblíqua (n.º 56) de Andújar e fabrico A1, com arranque da aba e moldura na parede exterior a marcar a ligação ao fundo. Esta taça é uma forma rara em Andújar, e segundo Mayet, a má qualidade dos materiais analisados pela investigadora leva a enquadrar esta forma em pleno século II<sup>257</sup>.

#### **Hisp. 3**

Este jarro de pequenas dimensões, com bico vertedor na pança e uma asa no lado oposto, está identificado na Praça da Figueira através de dois fragmentos de asa de rolo, de fabrico norte peninsular. Propomos a sua classificação como Hisp. 3, que terá tido um curto período de fabrico, entre 80 e 120 d.C.<sup>258</sup>, pois é a única forma asada que não é descrita ou representada graficamente com asas caneladas, ou cuja curvatura apertada

---

<sup>256</sup> MAYET, F. (1984), Pl. XXVI, n.º 53.

<sup>257</sup> MAYET, F. (1984), p. 46.

<sup>258</sup> FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I.; RUIZ MONTES, P. (2005), p. 166.



não encontra paralelos em *Tritium*<sup>259</sup>. A n.º 57 apresenta uma pequena nervura ao longo da peça e tem 0,8 cm de diâmetro, a n.º 58 é lisa e tem o mesmo diâmetro. São ambas de boa qualidade material (fabricos T1 e T4 respectivamente).

#### **Hisp. 4**

A forma Hispânica 4, a seguir ao prato 15/17 e ao 36, é a mais difundida e expressiva das produções riojanas. Prato de paredes curvas e baixas, com uma aba que pode ser horizontal ou ligeiramente curva, e que pode apresentar uma decoração em roletilha, que acaba por ser um dos principais elementos identificativos desta forma.

Devido à boa qualidade dos exemplares, Mayet propõe uma cronologia entre o século I e II, e Roca Roumens e Fernández García entre 40 e 150 d.C.

O conjunto da Praça da Figueira é composto unicamente por três abas e só uma apresenta roletilha (n.º 59), não tendo contudo diâmetro determinável. As outras duas apresentam uma ranhura. O n.º 60 apesar de não ter roletilha, tem 22 cm de diâmetro (diâmetro da aba), enquadrando-o assim nas dimensões definidas por Mayet<sup>260</sup>. O n.º 61 é uma aba horizontal, mas cujo diâmetro de 17 cm (diâmetro da aba) poderá inclui-lo na forma Ludowici Tb, que também apresenta abas horizontais, apesar de menos frequentes, com uma ou duas ranhuras e diâmetros entre os 9/10 cm e os 13/15cm<sup>261</sup>. Contudo, a sua horizontalidade leva-nos a propô-la como Hisp. 4<sup>262</sup>.

Os seus fabricos são T4, T1 e T4, respectivamente, estando de acordo com as características definidas por Mayet.

#### **Hisp. 20**

Garrafa de vários formatos, com diferentes alturas, perfis de bordo e bojo. Apesar de estarem comprovadas em Andújar, tanto na versão lisa como decorada, o seu principal produtor é o centro de *Tritium Magallum*, onde mesmo assim predomina a forma lisa.

---

<sup>259</sup> Mayet descreve várias formas com asas mas nenhuma outra apresenta as características dos nossos dois exemplares: Herm.13, Hisp.1, Hisp.14, Hisp.20 à Hisp.22, Hisp. 32, entre outras. MAYET, F. (1984)

<sup>260</sup> MAYET, F. (1984), p. 78.

<sup>261</sup> MAYET, F. (1984), p. 77.

<sup>262</sup> QUARESMA, J. C. (2009), p. 93.

Em linhas gerais, a Hisp. 20 apresenta um gargalo alto e estreito, bojo troncocónico e uma só asa canelada. Mezquíriz define-a como forma hispânica rara e, pela boa qualidade da sua pasta e engobe, enquadrada entre os finais do século I e finais do II<sup>263</sup>. Roca Roumens e Fernández García definem a sua produção diacronicamente entre 80 d.C. e finais do século II<sup>264</sup>.

O único fragmento no espólio em estudo é um bordo (n.º 62) em fabrico T4, que encontra paralelo na garrafa de Torre de Palma apresentada por Mayet<sup>265</sup>, com bordo extrovertido e moldurado no seu interior e diâmetros muito semelhantes (do da Praça da Figueira tem 7 cm e o de Torre de Palma 6 cm).

### **Hisp. 21**

Forma tipicamente hispânica, a garrafa Hisp. 21 tanto é produzida em Andújar como em *Tritium*, não existindo contudo, grande quantidade de produtos meridionais. Mayet refere que as garrafas eram formas que os oleiros de Andújar “não gostavam muito de fazer”<sup>266</sup>, teriam possivelmente dificuldade em produzir.

Garrafas de bojo ovalóide, bordo trilobado e uma só asa, apresentam algumas variantes: as garrafas altas, com gargalos estreitos, asas caneladas e podendo apresentar uma decoração a roletilha, e as garrafas mais baixas, de bojo e gargalo mais largos.

Para além da existência deste tipo de garrafa em que a parede externa não apresenta qualquer tipo de decoração, também conhecemos a versão decorada a molde<sup>267</sup>.

Mayet apresenta uma cronologia para os finais do século I e primeira metade do século II, referindo ainda a boa qualidade das pastas e dos engobes<sup>268</sup>.

O exemplar da Praça da Figueira é um fragmento de bordo trilobado (n.º 63) de fabrico T2, cujas características se assemelham às boas qualidades materiais que Mayet refere. O diâmetro largo e o colo curto tornam-no um exemplar próximo das versões

---

<sup>263</sup> MEZQUÍRIZ CATÁLAN, M. A. (1985), p. 150.

<sup>264</sup> ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., coords. (1999), p. 287.

<sup>265</sup> MAYET, F. (1984), Pl. LXXXIV, n.º 317.

<sup>266</sup> MAYET, F. (1984), p. 47.

<sup>267</sup> MAYET, F. (1984), p. 85.

<sup>268</sup> MAYET, F. (1984), p. 80.

mais baixas e largas, e tem como paralelo possível a garrafa apresentada por Mayet, proveniente de Itálica<sup>269</sup>.

### **Fundos de Pratos**

Estranhamente, são poucos os exemplares de fundos de pratos que podemos atribuir ao fabrico de Andújar (sete no total), tendo provavelmente como razão a elevada fragmentação do conjunto que, em muitos casos, não permite identificar qualquer tipo de forma. Uma situação que também ocorre com os fundos de taça, como veremos mais à frente. São na sua maioria de perfil rectangular e pé baixo, com diâmetros entre os 6 e os 11 cm, muito provavelmente de pratos Drag. 15/17 – do n.º 64 ao 67 – o primeiro com a moldura típica hispânica, na parte externa do fundo e com uma cronologia mais antiga. A excepção é o fundo n.º 68, de perfil triangular.

Nas produções de La Rioja podemos identificar vários tipos de fundos - do n.º 69 ao n.º 74 – muito provavelmente de Drag. 15/17, a forma com maior expressão quantitativa na colecção, mas também de Drag. 18, Drag. 36, Drag. 46, ou Hisp. 4, todas formas presentes na Praça da Figueira. Alguns exemplares apresentam o característico ônfalo destes centros produtores e todos apresentam vestígios da moldura circular na superfície interna. Os pés altos do n.º 69 e do n.º 71 são também típicos de formas de influência gálica, com cronologias mais antigas.

### **Fundos de Taças**

Identificámos na colecção um considerável número de fundos de taça, de forma indeterminada, muito provavelmente e na sua maioria pertencentes a taças Drag. 27, e Drag. 35, uma vez que não foi identificado qualquer individuo da forma Drag. 24/25. Mesmo assim, não podemos excluir essa possibilidade, dado que as características dos pés destas formas são muito semelhantes.

No que diz respeito aos fundos de taças de produção típica de Los Villares de Andújar, deparamo-nos com os fundos n.º 75, 76 e 77 que apresentam um pé de perfil rectangular e moldurado, de possível Drag. 27 ou Drag. 35, característico dos modelos iniciais e de influência sud-gálica.

---

<sup>269</sup> MAYET, F. (1984), Pl. LXXXII, n.º 295.

Já com diâmetros entre os 3 e os 6 cm, os fundos do n.º 78 ao n.º 84 apresentam pés de perfil rectangular, muito baixos, alguns com o típico cone na superfície exterior, sendo que o n.º 82 apresenta ainda dois grafitos idênticos onde se pode ler em nexo e em ambas as superfícies: RA.

Por último, os exemplares n.º 85 e 86 são de perfil sub-triangular, os quais estão também presentes nas taças Drag. 24/25, Drag. 27 e Drag. 35.

À semelhança do espólio de Andújar, os fundos de taças de La Rioja também são variados e com características que podemos encontrar em grande número de formas, como seja a Drag. 24/25, a Drag. 27, a Drag. 35, entre outras. Os n.º 87 a 90 constituem o grupo que apresenta um pé alto com perfil rectangular e moldurado dos inícios da produção, enquanto que os fundos n.º 91 a 94 têm pés de perfil triangular mantendo-se, na generalidade altos. Grande parte dos exemplares apresenta a moldura na superfície interna, tão característica desta produção.

### **3.2.2. Formas Decoradas**

#### **Drag. 30**

Protótipo peninsular das produções da Gália, a Drag. 30 caracteriza-se por ser um copo, com o bordo ligeiramente inclinado para o exterior, quase sempre moldurado em ambas as faces, bojo cilíndrico e finamente decorado a molde. A semelhança entre o seu tipo de bordo e o da Drag. 29 nem sempre permite uma classificação exacta, sendo por isso essencial a presença de mais elementos característicos.

Na análise do nosso espólio, foram identificados dois fragmentos desta forma com origem em *Tritium*: um bordo e um fragmento de parede. O bordo (n.º 97) apresenta uma ligeira inclinação e apesar de não ter decoração ou qualquer linha de moldura interna, podemos enquadrar o seu diâmetro no grupo que Mayet define entre os 16 e 17 cm<sup>270</sup>. É esta relação que nos dá uma maior probabilidade sobre, por exemplo, a variante Drag. 29/37 que apresenta diâmetros entre os 13 e os 15 cm. Outro factor que poderá atestar esta classificação é a presença de uma parede recta (n.º 98), decorada com uma linha de ovas e pendentes, imitando os exemplares gálicos desta forma.

---

<sup>270</sup> MAYET, F. (1984), p. 83.

O início da sua produção coincidirá com o início da produção de *sigillata* na península, à semelhança do que ocorre com a Drag. 29, terminado nos finais do século I<sup>271</sup>. A própria decoração com óvulos não perdura além do início época flávia<sup>272</sup>.

### **Drag. 37**

A taça Drag. 37 é, sem dúvida, a forma decorada mais produzida e com maior difusão das produções hispânicas, sendo caracterizada pela forma hemisférica da sua pança, e pelo perfil do seu bordo que, tanto nas oficinas do sul peninsular, como nas mais setentrionais, apresenta duas variantes principais: a variante A de bordo vertical e simples, e a variante B de bordo ligeiramente inclinado para o interior e lábio em forma de “amêndoa”.

**Nas produções de Andújar**, a forma Drag. 37, juntamente com a Drag. 29 e a Aj.1, é a taça decorada mais produzida e com maior expressão nos contextos receptores. Apresenta as duas variantes – A e B – sendo a de bordo simples a mais comum e com uma maior variedade de perfis (bordos rectos, ou ligeiramente inclinados para o exterior ou para o interior). Inicialmente terão sido produzidos vasos de pequenas dimensões, com diâmetros entre os 12 e os 13 cm que foram aumentando ao longo da produção para diâmetros superiores a 20 cm e com paredes de maior espessura<sup>273</sup>. Habitualmente decoradas a molde, também existem versões lisas ou decoradas a roletilha, uma produção característica das produções de Andújar e que incluía as taças Drag. 29, 30, 29/30<sup>274</sup>.

No conjunto da Praça da Figueira, é possível identificar cinco exemplares, todos da variante A (um dos quais não apresenta desenho devido à impossibilidade de se obter uma inclinação). A peça n.º 99 apresenta perfil completo, à excepção do fundo. Com 21,5 cm de diâmetro, é uma peça de grandes dimensões com uma gramática decorativa típica destas oficinas. A primeira moldura lisa é seguida de dois frisos decorados, numa junção de dois estilos distintos mas que em muitos casos ocorrem combinados<sup>275</sup>, ou seja: o primeiro no estilo de métopas, separadas por um ramo bifoliáceo contendo no seu interior círculos segmentados, e o segundo no estilo de motivos contínuos, neste

---

<sup>271</sup> MAYET, F. (1984), p. 83.

<sup>272</sup> QUARESMA, J. C. (2009), p. 88.

<sup>273</sup> MAYET, F. (1984), p. 50.

<sup>274</sup> MAYET, F. (1984), p. 47.

<sup>275</sup> SOTOMAYOR, MURO; ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, I. (1999), p.30.

caso, de círculos também segmentados. Ambos os estilos, bem como o motivo circular, são os mais frequentes nesta produção, tendo predominado na última fase de produção (época Flávia)<sup>276</sup>, um facto reforçado pela má qualidade da decoração, sendo visível uma falta de preocupação no esquema utilizado.

Semelhante decoração tem o bordo n.º 100, com 23 cm de diâmetro, que apresenta num primeiro friso, uma decoração com métopas separadas por duas e três linhas onduladas, contendo no seu interior um círculo segmentado. Os bordos n.º 101 e n.º 102, ambos com 20 cm de diâmetro, não apresentam quaisquer vestígios de decoração. Este último exemplar, devido à sua ligeira inclinação para o exterior, pode ainda ser considerado uma variante que Mayet define por Drag. 29/37, cujo perfil pode ter o bordo inclinado da 29 e a pança hemisférica da 37 ou o bordo recto da 37 e a parede carenada da 29. Contudo, é uma forma que só é bem identificada quando se dispõe do perfil completo, não deixando de ser uma variante da Drag. 37<sup>277</sup>.

Em termos cronológicos, é uma forma que terá tido início nos anos 60/70, até ao fim da produção destes fornos<sup>278</sup>.

**A Drag. 37 produzida nas olarias de La Rioja**, tal como já foi referido, também apresenta as duas variantes, sendo a **variante A** a mais abundante e também a que apresenta mais tipos de perfis diferentes. A par de um conjunto significativo de bordos, sem vestígios de decoração e com diâmetros entre os 17 e os 22 cm – do n.º 103 ao n.º 107, surgem as peças decoradas, com diâmetros entre os 18 e os 23 cm, das quais excluimos paredes de possíveis Drag. 37.

A peça n.º 108 apresenta a moldura do bordo lisa, seguido de um friso com uma decoração metopada, com círculos segmentados que no seu interior apresentam uma folha em forma de “coração”, de linha dentada e com um pequeno pé que liga ao círculo (um motivo que até ao momento só encontra um punção do mesmo tipo em Garabito Gomez, Bezares<sup>279</sup>). Alternando com os círculos, só nos foi possível identificar dois motivos: uma ramagem de três folhas e uma folha de palma de sete folhas. A raridade destes motivos, bem como a excelente qualidade da pasta e do engobe desta peça – T3 – remete-nos para uma produção inicial, de clara influência gálica.

---

<sup>276</sup> MAYET, F. (1984), p. 52; SOTOMAYOR, MURO; ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, I. (1999), p. 33.

<sup>277</sup> MAYET, F. (1984), p. 50.

<sup>278</sup> SOTOMAYOR, MURO; ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, I. (1999), p.27.

<sup>279</sup> GARABITO GOMEZ, T. (1978), Tabla 9, n.º 15, p. 513.

Continuando com o estilo contínuo de círculos, a peça n.º 109 apresenta num primeiro friso, a seguir ao bordo liso, uma série de círculos concêntricos de linhas simples, e num segundo friso, vestígios de outra série de círculos, que nos parecem estar decorados com uma figura animal no seu interior, que podia ou não repetir-se nos seguintes. A forma do animal remete-nos para o punção n.º 1905 apresentado por Mayet<sup>280</sup> e que a autora inclui no grupo dos javalis. Também a peça n.º 110 apresenta uma decoração contínua de círculos segmentados e concêntricos.

O bordo n.º 111 oferece unicamente um círculo segmentado com uma roseta de 8 pétalas no seu interior, uma das associações mais típicas das oficinas hispânicas. Contudo, tanto os círculos como as rosetas, pouca informação específica nos dão sobre estas peças, pois não só são os elementos decorativos mais frequentes, como também os mais variados.

Por último, o fundo n.º 112, de pé baixo e paredes bem espessas, com 10,5 cm de diâmetro e vestígios do friso inferior decorado com círculos concêntricos contínuos, que deverá pertencer a uma taça de grandes dimensões.

Está ainda presente um considerável conjunto de peças, cujas características o incluem numa variante da Drag. 37, muito provavelmente à que Mayet definiu como Drag. 29/37, como igualmente ocorre nas produções de Andújar. Este conjunto de fragmentos apresenta bordos de pequenas dimensões, com diâmetros entre os 11 e os 14 cm, alguns dos quais com uma ligeira inclinação do bordo, sugerindo assim a sua possível classificação. É de realçar que estas peças continuam a ser classificadas como Drag. 37, podendo ou não ser de uma variante desta mesma forma. Poderiam ainda ser incluídos na taça Drag. 29, contudo, esta forma, apesar das suas pequenas dimensões, apresenta quase sempre um bordo bastante moldurado até na sua superfície interna<sup>281</sup>, o que não ocorre em nenhum dos exemplares identificados.

Os bordos do n.º 113 a 118 não apresentam quaisquer vestígios de decoração. Já os decorados, do n.º 119 ao n.º 122, apresentam uma temática decorativa comum com um friso ou dois decorados ao estilo de círculos contínuos, todos eles concêntricos, de linhas simples e/ou onduladas. Por último, um fundo (n.º 123) com um diâmetro bastante pequeno (5 cm) e uma decoração metopada no friso inferior, de círculos concêntricos separados por motivos verticais simples.

---

<sup>280</sup> MAYET, F. (1984), Pl. CLXXXII, n.º 1905.

<sup>281</sup> MAYET, F. (1984), p. 82

A **Drag. 37 variante B**, de produção riojana, é a forma que apresenta uma melhor qualidade material (melhores pastas e engobes) bem como decorativa, sendo também a mais rara. As suas dimensões são superiores às restantes formas decoradas (entre os 25 e os 30 cm de diâmetro), com pança hemisférica, bordo virado para o interior, que pode apresentar decoração em roletilha. É o seu lábio em forma de “amêndoa” que a individualiza em relação à variante A e também pode variar de perfil sendo por vezes mais alongado ou mais curto, mais espesso ou fino. Em termos decorativos, pode apresentar até três frisos decorados (o que já é uma raridade) e com qualquer dos estilos principais<sup>282</sup>.

Apresenta uma cronologia alta, comprovada inicialmente em Pamplona e Conímbriga, em contextos flávios e trajanos<sup>283</sup>.

Forma bastante rara nas produções de Andújar<sup>284</sup>, esta variante é representada na Praça da Figueira unicamente pelos produtos de *Tritium* e é composta por seis bordos. O n.º 124 tem um diâmetro de 23 cm, que apesar de não ser comum nesta forma, não é raro e apresenta um friso decorado com círculos e uma figura animal, neste caso uma ave, no interior de cada círculo. O bordo n.º 125 apresenta as mesmas características decorativas, não sendo possível, contudo, identificar o seu diâmetro. Ambos apresentam pastas e engobes de boa qualidade (pastas bem depuradas, engobes homogêneos, brilhantes e aderentes de tipo T2). O exemplar n.º 126 é um pequeno fragmento de bordo, com 21 cm de diâmetro, sem qualquer vestígio de decoração, e fabrico T4.

Foi ainda identificado um bordo – n.º 127 – com decoração a roletilha, inclinado para o interior, mas sem diâmetro. Mayet apresenta um exemplar semelhante mas sem decoração, enquadrando-o nesta variante<sup>285</sup>.

Por último, apresentamos dois exemplares cujo perfil não tem uma identificação tipológica clara. Os bordos n.º 128 e n.º 129 apresentam-se virados para o interior mas com uma ligeira canelura no topo do lábio. Enquanto o primeiro é simples, com um diâmetro entre os 18 e os 26 cm, não apresentando vestígios de decoração, o segundo apresenta um diâmetro de 16 cm, com vestígios de um cordão horizontal sobre o lábio e uma decoração em roletilha num primeiro friso. É seguido por uma série de ovas contínuas, que decoram a parte superior de um friso em estilo metopado, sendo só

---

<sup>282</sup> ROMERO CARNICERO, M.; RUIZ MONTES, P. (2005), p. 191.

<sup>283</sup> MAYET, F. (1984), p. 84; ROMERO CARNICERO, M.; RUIZ MONTES, P. (2005), p. 191.

<sup>284</sup> MAYET, F. (1984), p. 50.

<sup>285</sup> MAYET, F. (1984), Pl. CVIII, n.º 440.



visível a combinação de linhas onduladas e separador em “V” que limitam as métopas. Se para Mezquíríz esta é uma forma distinta mas semelhante à Drag. 29 e à Drag. 37<sup>286</sup>, para Mayet não passa de mais um tipo de perfil que pode ser enquadrado na variante B, pois apresenta o mesmo tipo de bordo em “amêndoa”, as mesmas dimensões, as mesmas decorações, mas com a presença de um cordão decorativo, podendo ter ou não um bico vertedor<sup>287</sup>. Mayet enquadra ainda nesta variante, vários outros tipos de bordos semelhantes, a título provisório, considerando a ausência de perfis completos<sup>288</sup>. Romero Carnicero e Ruiz Montes identificam esta forma como “vasos análogos a la 37b (...), conocidos como formas 40 e 41.”<sup>289</sup>

São ainda de referir dois fundos de perfil triangular, baixos e com diâmetros entre os 6 e os 7 cm, o n.º 130 de fabrico A1, com uma canelura na superfície exterior da parede, correspondente a um friso de uma taça decorada, sendo muito provavelmente de uma taça Drag. 37, à semelhança do fundo n.º 131, de fabrico T1, mas já sem a canelura.

### **Paredes decoradas**

A elevada fragmentação do conjunto levou à existência de um número considerável de fragmentos de parede com vestígios de decoração que, salvo raras exceções, não foi possível identificar e associar a uma forma.

Nas produções de Andújar, podemos constatar o predomínio dos motivos circulares, sejam eles segmentados (do n.º 132 ao n.º 136), de linhas lisas (n.º 137), ou ondulados (n.º 138). São também na sua maioria círculos concêntricos, com um ou dois círculos no seu interior. No exemplar n.º 132, podemos identificar o estilo de métopas, separadas por duas linhas segmentadas, e no exemplar n.º 137, uma decoração contínua de círculos lisos, sem qualquer outra decoração no seu interior. É ainda visível no fragmento n.º 135, vestígios de uma roseta, também muito frequente nestas produções. O n.º 138 é o único que apresenta um motivo animal dentro de um círculo ondulado, sendo visível no friso superior, dois círculos contínuos. Neste centro produtor, os

---

<sup>286</sup> MEZQUÍRIZ CATÁLAN, M. A. (1985), p. 171 a autora identifica esta forma como Hispânica 40.

<sup>287</sup> MAYET, F. (1984), p. 84.

<sup>288</sup> MAYET, F. (1984), p. 84 e Pl. CIX.

<sup>289</sup> ROMERO CARNICERO, M.; RUIZ MONTES, P. (2005), p. 191.

motivos animais são variados e aparecem principalmente em composições metopadas e dentro de círculos, raramente em cenas. A má qualidade do punção não nos permite conclusões mais exactas, podendo ser enquadrado no grupo dos cães apresentados por Mayet, principalmente pela presença de uma cauda e pela ausência de orelhas destacadas<sup>290</sup>.

Nos fragmentos de *Tritium* é claro o predomínio dos motivos circulares, sejam de linhas simples (do n.º 139 ao 144), segmentadas (do n.º 145 ao n.º 151) ou onduladas (n.º 152 e 153), concêntricos com um tipo de círculo ou com mais que um tipo de linha (do n.º 154 ao 167). Alguns fragmentos apresentam círculos em composição, seja ela metopada com motivos verticais a fazer a separação (n.º 168 e 169) ou linhas onduladas (n.º 170), ou em composição contínua de círculos (do n.º 171 ao 177) em alguns exemplares, presente em dois frisos (do n.º 178 ao 180). O motivo circular é já o exemplo da tradição oleira hispânica nestas produções de influências itálicas e sud-gálicas, principalmente. Segundo Sáenz Preciado, este estilo de círculos surge em época Flávia<sup>291</sup>, contudo, a utilização do motivo já é atestado no estilo metopado, um estilo associado ao início da produção nas oficinas de La Rioja.

As rosetas são outro motivo bastante frequente na colecção e sempre presentes no interior de círculos. Podemos identificar rosetas de 4 folhas no fragmento n.º 181<sup>292</sup>, de 6 folhas como o n.º 182, e até de 8 – n.º 168. Contudo, metade dos exemplares decorados com rosetas da Praça da Figueira não apresenta o motivo completo (do n.º 183 ao 188), sendo de destacar o n.º 186, com vestígios de uma roseta de folhas poligonais pouco frequentes e que encontra paralelo no punção n.º 686 apresentado por Mayet<sup>293</sup>.

Os motivos vegetais são os mais numerosos destes centros produtores e, ao longo da produção, vão sendo mais estilizados e mais simétricos. Os exemplos da Praça da Figueira passam por duas palmetas e uma folha não identificada. O n.º 189 é uma palmetas de 7 folhas, alongadas e ligeiramente extrovertidas, muito semelhante ao punção n.º 993 de Mayet<sup>294</sup>. A sua fractura não permite concluir se estaria dentro de algum círculo, à semelhança da palmetas arredondada do n.º 190, e da folha sem

---

<sup>290</sup> MAYET, F. (1984), Pl. LI.

<sup>291</sup> SÁENZ PRECIADO, M. (1998), p. 154.

<sup>292</sup> Semelhantes aos punções apresentados por Mayet (1984), Pl. CL, do n.º 764 ao 771.

<sup>293</sup> MAYET, F. (1984), Pl. CXLVIII, n.º 686.

<sup>294</sup> MAYET, F. (1984), Pl. CLVIII, n.º 993.

paralelos do n.º 191. É ainda de referir o fragmento n.º 192, de boa qualidade material e decorativa, com um punção igual à peça n.º 108.

Como já referimos, os motivos animais também são frequentes e raramente formam cenas. Os tipos de animais também são bastante variados, mas na colecção em estudo, identificamos apenas dois animais distintos: o pato e o javali da peça n.º 109. Nas paredes decoradas identificamos dois fragmentos com animais. O n.º 193 apresenta uma ave, com a cabeça virada para a esquerda, muito semelhante ao punção n.º 1619 de Mayet<sup>295</sup>, dentro de um círculo ondulado. Animal semelhante é o do fragmento n.º 194, também com uma ave, a que a referida autora designa por pato, mas com a cabeça virada para a direita<sup>296</sup>, semelhante ao punção n.º 15 de Trício, apresentado por Garabito Gomez<sup>297</sup>. Este exemplar já não se encontra no interior de um círculo, mas tem ao seu lado vestígio de uma palmeta semelhante ao punção n.º 958 de Mayet<sup>298</sup>, com maior número de folhas (entre 10 a 14), mais direita, e com uma base triangular. Este tipo de palmeta também é bastante comum na decoração do vale do Ebro.

Existe ainda uma grande quantidade de motivos verticais, utilizados não só para dividir os motivos nas composições metopadas, mas em alguns casos utilizados para preencher em completo os próprios frisos. Também podem surgir como motivo alternante com o círculo, tornando esta, uma decoração tipicamente hispânica<sup>299</sup>. Na colecção identificamos principalmente linhas onduladas (do n.º 195 ao 198) ou segmentadas (n.º 199), estas últimas características da produção do oleiro *Annivs Martialis* de Cereceda, Arenzana de Arriba<sup>300</sup>, que produz entre meados a finais do século I. A qualidade do próprio fragmento é consistente com a produção de boa qualidade atestada para esta produção.

Normalmente, também podemos observar a junção de duas linhas segmentadas, seguidas por um motivo em forma de “V”, novamente seguido por duas linhas, como são exemplo os fragmentos n.º 200, 201 e 202. Também estão presentes, motivos em linha com extremidades com motivos geométricos, como é exemplo o n.º 169 e 170, ou com motivos vegetalistas ou em folha, como o presente no fragmento n.º 168, e no n.º 203.

---

<sup>295</sup> MAYET, F. (1984), Pl. CLXXV, n.º 1619.

<sup>296</sup> MAYET, F. (1984), Pl. CLXXV, n.º 1650.

<sup>297</sup> GARABITO GOMEZ, T. (1978), Tabla 9, n.º 15, p. 513.

<sup>298</sup> MAYET, F. (1984), Pl. CLVII, n.º 958.

<sup>299</sup> MAYET, F. (1984), p. 89.

<sup>300</sup> SÁENZ PRECIADO, M.; SÁENZ PRECIADO, C. (2006), p. 196.

Do conjunto de paredes decoradas, não foi possível identificar os motivos decorativos presentes em todos os fragmentos, mas que não deixamos de apresentar até novos dados – do n.º 204 ao 206, sendo de salientar o n.º 207, composto por um círculo segmentado, tendo no seu interior um motivo que não foi possível reconhecer, e o n.º 208, com uma sequência de pequenos motivos geométricos, também não identificados.

### **3.3. Produções de *terra sigillata* hispânica tardia**

#### **3.3.1. Formas Lisas**

##### **Drag. 15/17**

O exemplar n.º 209 da nossa colecção é um bordo de lábio simples, parede bastante aberta e envasada, com 23 cm de diâmetro que, apesar de não apresentar a moldura interna típica desta forma, não nos oferece grandes dúvidas de classificação como um prato Drag. 15/17. Esta forma, que adquire estas mesmas características com uma moldura mais plana que as dos pratos alto-imperiais, deixa de ser produzida em meados do século IV, paralelamente ao fim do fabrico da taça Drag. 27, com quem faz serviço<sup>301</sup>.

##### **Drag. 27**

No conjunto em estudo foi identificado um bordo de lábio simples e paredes curvas, com um diâmetro de 11 cm (n.º 210), cuja definição tipológica não é exacta, sendo uma possível Drag. 27, quer pelo seu diâmetro, quer pelo facto de que a outra taça mais comum do espólio baixo-imperial, a Ritt. 8 ou Palol 10, não apresentar paredes curvas e já tão fechadas como o nosso exemplar.

Como já foi referido, esta forma de grande popularidade no alto-império, deixa de ser produzida em meados do século IV.

##### **Ludowici tb Tardia**

A Ludowici tb é uma taça troncocónica, com uma pequena aba, paredes rectas e bem demarcadas do fundo, do repertório clássico e que se repete em época tardia. Na

---

<sup>301</sup> PAZ PERALTA, J. A. (1991), p. 59-60.

Praça da Figueira podemos identificar um destes bordos, a peça n.º 211 (sem diâmetro), que encontra paralelos em *Turiaso* para contextos do século IV<sup>302</sup>.

### 3.3.2. Formas Decoradas

#### Drag. 37t

Taça de bordo alto e ligeiramente extrovertido, demarcado da pança curva, quase sempre decorada a molde, com um fundo que pode ou não ter a moldura externa característica das peças alto-imperiais de *Tritium*, e um pé quase inexistente. Mayet não o considera uma evolução da forma clássica da Drag. 37, mas sim a junção das características da Drag. 27, 29 e 37<sup>303</sup>.

Na Praça da Figueira identificamos um bordo desta forma, o n.º 212, com 15 a 22 cm de diâmetro, e o fundo n.º 213, este muito mais característico deste tipo de taça, sem pé e com canelura na parede exterior, muito provavelmente de um friso limitativo decorado. Para peças com este tipo de fundo, Paz Peralta atribui uma cronologia entre 380 d.C. e os inícios do século VI<sup>304</sup>.

#### Paredes decoradas

As características tecnológicas destes fragmentos levam-nos a considerar uma cronologia tardia. Ambos os fragmentos – n.º 214 e 215 – apresentam uma decoração bastante semelhante, de temática metopada, onde é visível um separador vertical seguido de um círculo que, em ambos os casos é de linhas simples e concêntrico. Este estilo, apesar de mais raro, continua a ser utilizado no baixo-império, não referindo a ininterrupta utilização do círculo. Podemos observar um punção semelhante ao motivo vertical do fragmento n.º 214, na obra de Mayet<sup>305</sup>.

---

<sup>302</sup> PAZ PERALTA, J. A. (2008), p. 515 e 527.

<sup>303</sup> MAYET, F. (1984), p. 257.

<sup>304</sup> PAZ PERALTA, J. A. (2008), p. 529.

<sup>305</sup> MAYET, F. (1984), Pl. CXXXVIII, n.º 268.

### 3.4. As marcas de oleiro

As marcas de oleiro em *terra sigillata* hispânica da Praça da Figueira contam com 22 exemplares, quatro das intervenções de 1962 e 18 de 1999/2001. Do conjunto, Rodrigo Banha da Silva identificou 5 marcas de oleiros de Andújar e 8 das olarias de La Rioja<sup>306</sup>. Os restantes exemplares não permitiram uma identificação ou uma leitura correcta devido ao seu mau estado de conservação ( do n.º 228 ao 234).

De Andújar foram identificadas as marcas de *C( )A( )* (n.º 216), *C.A( )H( )* (n.º 217 a 219) e *PT* (sem estampa), todos oleiros atestados em época flávia, com cronologias entre 70 e 110 d.C.<sup>307</sup>.

O maior número de marcas corresponde às olarias do vale do Ebro tendo o autor identificado 3 novos punções de oleiros já conhecidos e, possivelmente um novo oleiro. Estão presentes as marcas de: *Flaccus* (n.º 220), oleiro de Trício da década de 60 d.C.; *Lappilius* (n.º 221), com produção atestada em Trício e El Quemao desde os inícios da produção riojana até ao início do século II; *Petronius* ou *Petronius Eros* (n.º 222) cuja marca é nova, bem como o referido oleiro, enquadrado nas produções de La Rioja entre 60 e 150 d.C.; *Saturninus* (n.º 223) de Trício (Arenzana de Arriba) entre os anos de 50 a 110 d.C.; *Scapula* (n.º 224), oleiro possivelmente de Trício e que terá laborado na época de Nero; *Segius Tritiensis* (n.º 225), também de Trício (Arenzana de Arriba) com produções de meados do século I a meados do II; por último, os oleiros *Valerius Maternus* (n.º 226) e *Valerius Paternus* (n.º 227), ambos de Trício, cujas produções estão atestadas para os inícios da produção na região até às primeiras décadas do século II<sup>308</sup>.

Comparativamente às restantes produções alto-imperiais, a *terra sigillata* hispânica apresenta uma menor frequência de marcação e, dentro das produções peninsulares, Andújar apresenta valores muito inferiores aos das olarias de La Rioja. Uma situação que levanta várias questões, como por exemplo, a ausência da marca de determinado oleiro não significa a ausência das suas produções num conjunto em estudo, sendo necessária a análise dos fabricos quer nos centros de produção quer nos centros receptores<sup>309</sup>.

---

<sup>306</sup> SILVA, R. B. (2005).

<sup>307</sup> SILVA, R. B. (2005), p. 214-218 e 221.

<sup>308</sup> SILVA, R. B. da (2005), p. 218-228.

<sup>309</sup> SILVA, R. B. da (2005), p. 212; BUXEDA i GARRIGÓS, J.; TUSEU i BERTRAN, F. (1995), p. 181.

#### 4. Análise do conjunto

Na Necrópole Noroeste de *Olisipo* encontramos um conjunto de *terra sigillata* hispânica que apresenta cronologias e fabricos diversos, como seria de esperar de um porto localizado num ponto estratégico da costa atlântica e que seria uma das principais fontes de abastecimento da capital provincial da Lusitânia.

Podemos contabilizar um total de 1089 fragmentos de *terra sigillata* hispânica – lisa e decorada – onde só 44,5% é classificável, tendo em conta o elevado grau de fragmentação do conjunto.

Classificáveis	N.M.I.	%
Formas Decoradas	134	36,2
Formas Lisas	236	63,8
Total	370	100

Quadro 1: N.º de fragmentos em *t.s.h.* e suas percentagens

Dos fabricos identificados destacam-se os de La Rioja e os de Los Villares de Andújar que apresentam valores percentuais muito semelhantes e que juntos representam 96,2% do total das produções presentes na Praça da Figueira. Seguem-se as produções tardias e de tipo Peñafior que, mesmo juntas, não passam de valores residuais.

	N.º de Fragmentos	%	N.M.I.	% N.M.I
tipo Peñafior	12	1,1	5	1,4
Los Villares de Andújar	523	48,0	142	38,4
La Rioja	528	48,4	214	57,8
TSHt	21	1,9	7	1,9
Indt.	6	0,6	2	0,5
Total	1090	100	370	100

Quadro 2: os centros produtores de *t.s.h.* presentes na Praça da Figueira

O fabrico A1 é entre os grupos de fabrico identificados aquele que apresenta um maior N.M.I. e dentro das produções de Andújar é o grupo com maior número de formas – 6 formas para 3 dos fabricos A2 e A3 em conjunto. As importações de Andújar reflectem um importante consumo apesar de uma laboração de pouco mais de

100 anos, bem como o conhecimento desta produção traduzido na presença de formas raras, também de fabrico A1, como é exemplo o prato Drag. 36 e a taça Drag. 46.

Nas produções de La Rioja não existe um fabrico que se destaque. A única excepção é o fabrico T3 com uma percentagem de N.M.I de 3%, representado principalmente por paredes decoradas de possível Drag. 37, demonstrando a boa qualidade material e decorativa destas formas. Os restantes fabricos apresentam em conjunto um total de 13 formas.

	N.º de Fragmentos	%	N.M.I.	% N.M.I
PÑF1	7	0,6	3	0,8
PÑF2	1	0,1	1	0,3
PÑF3	4	0,4	1	0,3
A1	334	30,6	87	23,5
A2	77	7,1	18	4,9
A3	111	10,2	36	9,7
A	1	0,1	1	0,3
T1	112	10,3	54	14,6
T2	202	18,5	77	20,8
T3	37	3,4	12	3,2
T4	176	16,1	70	18,9
T	1	0,1	1	0,3
Ht	21	1,9	7	1,9
Indt.	6	0,6	2	0,5
Total	1090	100	370	100

Quadro 3: os fabricos de t.s.h. presentes na Praça da Figueira

Do repertório formal identificámos 21 formas, das quais só quatro são decoradas. Entre pratos, tigelas, taças, jarros e garrafas os consumidores de *Olisipo* tinham uma clara preferência pelas formas clássicas, como o prato Drag. 15/17 e a tigela Drag. 27 e, apesar de escassos, também consumiam produtos de influência hispânica como a Hisp. 4, a Hisp. 3 ou as garrafas Hisp 20 e 21, estas últimas três pouco comuns em contextos do ocidente peninsular.



	Formas	N.º Fragmentos	N.M.I.	% N.M.I
Formas Lisas	Drag. 15/17	121	37	10,0
	Drag. 18	2	2	0,5
	Drag. 24/25	1	1	0,3
	Drag. 27	70	38	10,3
	Drag. 33	2	2	0,5
	Drag. 35	1	1	0,3
	Drag. 36	4	4	1,1
	Drag. 44	1	1	0,3
	Drag. 46	1	1	0,3
	Hisp. 3	2	2	0,5
	Hisp. 4	3	3	0,8
	Hisp. 20	1	1	0,3
	Hisp. 21	1	1	0,3
	Ludowici tb	1	1	0,3
	Martínez Ib	1	1	0,3
	Martínez III	4	4	1,1
	Taças	54	54	14,6
	Pratos	80	80	21,6
	Forma Fechada	2	2	0,5
	Total	352	236	
Formas Decoradas	Drag. 30	2	2	0,5
	Drag. 37 (+paredes de possíveis Drag. 29 ou 37)	129	129	34,9
	Drag. 37t	2	2	0,5
	Asa? Bordo?	1	1	0,3
	Total	134	134	
		486	370	100

Quadro 4: as tipologias de t.s.h. presentes na Praça da Figueira (n.º fragmentos, N.M.I e sua percentagem)

Também é clara a preferência pelos pratos em relação às tigelas (35,5% e 26,9%), dominando o prato Drag. 15/17, seguido de forma escassa pelo Drag. 18, o Drag. 36 e a Hisp. 4. A Drag. 27 é a taça de eleição, seguida pela Drag. 24/25, a Drag. 33, a Drag. 35, e a Drag. 46, todas residuais.

Os valores apresentados não chegam para definir uma relação prato/taça, nem o tipo de serviço utilizado, contudo já não é comparável com os serviços sud-gálicos que, em meados do século I, era de duas taças para um prato e, no período flávio, de uma taça para um prato. Em *Olisipo* o predomínio do prato sobre a taça deverá traduzir-se numa nova lógica de dois pratos para uma taça, havendo de igual modo, uma alteração relativa às formas utilizadas nos serviços, com a substituição no serviço 1 dos binómios

de prato Drag. 15/17 e taça Drag. 24/25, e no serviço 2 de prato Drag. 18 e taça Drag. 27<sup>310</sup>, pelo serviço hispânico de prato Drag. 15/17 e taça Drag. 27<sup>311</sup>.

Em termos de preferências de consumo, podemos observar um predomínio das peças de época flávia, apesar da presença de exemplares mais antigos e mais tardios. O prato Drag. 15/17 e a tigela Drag. 27, ambos de produção bética, são as formas de cronologia mais da Praça da Figueira, uma vez que a taça Martínez I só aparece em meados do século I. Assim, temos as produções de tipo Peñaflor em utilização simultânea com as produções “clássicas”.

São rapidamente seguidas pelas formas de influência sud-gálica que marcam o início da produção do centro de La Rioja, havendo uma variedade de formas em relação às formas importadas de Andújar, numa relação de 5 para 12. Temos que observar esta diversidade formal do mesmo prisma que analisamos os valores da presença destes dois centros produtores, ou seja, tendo sempre em consideração o curto espaço de tempo em que Los Villares de Andújar produziu *terra sigillata* hispânica em relação às olarias do vale do Ebro que estão presentes na Praça da Figueira desde exemplares de produção inicial até à mais tardia. Mais uma vez, a ausência de uma estratigrafia coeva, impede uma leitura cronológica de ritmos de importação e de consumo, que daria a conhecer as evoluções dos consumos olisiponenses<sup>312</sup>.

As marcas também representam o gosto pelos produtos flávios, uma vez que a maioria dos oleiros presentes na Praça da Figueira laborou na segunda metade do século I. São também os oleiros de maior difusão dos seus centros produtores<sup>313</sup>.

Os exemplares mais tardios do conjunto são fragmentos de taça Drag. 37t, cuja produção chega até aos finais do século V.

O conjunto ou a quase totalidade das peças provêm de contextos estratigráficos de despejo, de lixeira, correspondendo às Fases III (final), IV e V<sup>314</sup> da necrópole.

Como já foi referido várias vezes, estamos perante um dos principais problemas do estudo da *terra sigillata* hispânica, a ausência de contextos fechados e que permitam uma boa leitura estratigráfica. Contextos de despejo e de destruição como os que

---

<sup>310</sup> POLLACK, M. (2000), p. 70.

<sup>311</sup> AA.VV. (1983); ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., coords. (1999).

<sup>312</sup> Ver o exemplo de J. C. Quaresma para *Miróbriga*.

<sup>313</sup> SILVA, R. B. da (2005), p. 272.

<sup>314</sup> SILVA, R. B. da (2005), p. 249.

podemos encontrar na Praça da Figueira, não nos permitem identificar com certeza a funcionalidade das peças aí exumadas. Teriam uma função funerária à semelhança do que ocorreu nas necrópoles de Monte Novo do Castelinho, da Herdade dos Pocilgais, da Herdade do Reguengo em Vaiamonte, ou na necrópole de Santo André<sup>315</sup>, onde foram identificados vários conjuntos funerários que incluíam *terra sigillata* hispânica, entre outros materiais. Ou uma função doméstica sendo os desperdícios de uma vivência do dia-a-dia, com a utilização do serviço à maneira romana e baixela de origem peninsular.

Das poucas U.E. que contêm *terra sigillata* hispânica e que não correspondem a contextos remexidos e de lixeira, podemos destacar:

- U.E.s [9907], [9908], [8874], [...]: camadas de assentamento do sector norte da “Via Norte” com a presença de *terra sigillata* de “tipo itálico”, sud-gálica e hispânica, apresentando uma cronologia que não ultrapassa a primeira metade do século I d.C. Das produções peninsulares foram identificados três fragmentos de Drag. 27<sup>316</sup>, uma das primeiras formas a ser produzida, tanto nas olarias da Bética, como no vale do Ebro. Este é o momento mais antigo da necrópole com a presença de *terra sigillata* hispânica.
- U.E. [8012]: camada de regularização do sector norte da “Via Norte”, numa reestruturação ocorrida em finais da Fase III (cronologia entre o principado de Cláudio e Nero)<sup>317</sup> e onde foram exumados fragmentos de *terra sigillata* hispânica de Andújar e La Rioja.
- U.E. [8530]: depósito de repavimentação da “via secundária” que ocorre no mesmo momento em que o seu acesso à “via Norte” é encerrado e esta também é repavimentada. A presença de *terra sigillata* africana clara A permite enquadrar esta unidade estratigráfica entre meados e finais do século II e meados do século III<sup>318</sup>. A *terra sigillata* hispânica exumada nesta unidade corresponde a três fragmentos dos principais centros produtores, sendo de destacar um bordo de uma taça Drag. 37 variante B, com uma decoração contínua de círculos com uma ave no seu interior – peça do catálogo n.º 124, uma forma que é produzida em La Rioja entre os anos 70 e 120 d.C.

---

<sup>315</sup> Ver *infra*.

<sup>316</sup> SILVA, R. B. da (2005), p. 237- 9 e Fig.64, n.º 19 e 20.

<sup>317</sup> SILVA, R. B. da (2005), p. 50.

<sup>318</sup> SILVA, R. B. da (2005), p. 52-53.

Uma vez que as restantes condições de depósito não permitem definir cronologias, é de destacar os seguintes dados:

- a presença de produções peninsulares já em meados do século I e na construção do sector norte da “Via Norte”, nomeadamente as taças Drag. 27, que começam a ser produzidas em Andújar em 40 d.C. Se a construção deste sector pouco ultrapassa os meados do século I, a presença destas peças demonstra que a população de *Olisipo* conhecia os novos produtos hispânicos e não tardou em adquiri-los, uma vez que não existe uma grande diferença entre o início desta produção e a sua reutilização secundária;

- a presença de *terra sigillata* africana clara A em contextos dos finais do século II, que terá tido um forte predomínio em *Olisipo*, explicando assim a residual presença de *terra sigillata* hispânica tardia.

Outro factor a ter em conta na análise deste conjunto é o de ser dos primeiros estudos de síntese em relação aos restantes materiais recolhidos na escavação. É necessário ter em conta que estamos perante uma parte da realidade material destes contextos, uma vez que ainda está por estudar grande parte do espólio.

#### IV. O panorama lusitano

A impossibilidade de se obter uma evolução crono-estratigráfica e cronotipológica com o espólio em estudo, encaminha esta investigação para a análise de padrões de consumo principalmente no território da Lusitânia, podendo haver algumas excepções considerando a qualidade dos estudos já efectuados, como são exemplos *Bracara Augusta* e *Baelo*.

Analizando o espaço funerário e a possível proveniência ritual de algumas peças em estudo, podemos encontrar paralelos em algumas necrópoles romanas do mesmo tipo. São exemplos:

- a necrópole de Monte Novo do Castelinho, em Almodôvar, com a presença de Drag. 27 e Drag. 37 decorada no estilo contínuo de círculos. A sua cronologia vai do século II/III ao século IV<sup>319</sup>;

- a necrópole da Herdade dos Pocilgaís, em Fronteira, onde foram identificadas numa das sepulturas 3 taças Drag. 27 e dois pratos Drag. 15/17, cujas semelhanças de fabrico levantam a hipótese da sua compra como serviço<sup>320</sup>. São peças dos finais do século I, inícios do II;

- a necrópole do Monte da Romeira, em Viana do Alentejo, onde prospecções deram a conhecer alguns fragmentos de *terra sigillata* hispânica, na sua maioria decorada<sup>321</sup>;

- a necrópole de Santo André, onde 75% da *terra sigillata* exumada nos enterramentos era de origem hispânica e tendo em conta a descrição das peças, seriam oriundas de La Rioja. Para além do número considerável de exemplares, a realidade formal também é variada, com a presença de pratos Drag. 15/17, 18, 36, Hisp. 4, e taças Drag. 24/25, 27, 33, 35, Ritt. 8, Ludowici tb. A cronologia dos materiais enquadra a necrópole entre meados do século I e todo o século II<sup>322</sup>;

- a necrópole da Herdade do Reguengo, em Vaiamonte, onde só foi identificada *terra sigillata* hispânica e cerâmica comum e, cujas formas repetem as da necrópole de Santo André à excepção de duas Drag. 46 e da *sigillata* decorada (principalmente com

---

<sup>319</sup> FABIÃO, C.; *et Al.* (1998).

<sup>320</sup> CARNEIRO, A. (2005).

<sup>321</sup> CAEIRO, J. S. (1977); CAEIRO, J. S. (1978); CAEIRO, J. S. (1979).

<sup>322</sup> VIEGAS, J. R.; NOLEN, J. U. S.; DIAS, M. L. F. (1981).

motivos circulares). A cronologia do conjunto vai dos finais do século I a meados do II<sup>323</sup>.

No conjunto destas necrópoles podemos identificar um repertório formal muito idêntico ao da Praça da Figueira, à excepção das *sigillatas* de tipo Peñaflor e tardias que não se encontram presentes.

A identificação das cerâmicas de tipo Peñaflor, como já referimos, nem sempre foi fácil ou consensual. Designadas cerâmicas de verniz vermelho-pompeiano ou verniz vermelho tardio (entre outras designações), é possível que existam em muitas colecções, mas que estejam mal classificadas. Contudo, gradualmente têm sido identificados vários locais com esta presença e que, aos poucos, vai ganhando expressão no actual território lusitano.

Com uma zona de distribuição principalmente meridional, a *terra sigillata* tipo Peñaflor tem uma importante expressão na antiga Bética, por aí estarem situados os seus centros de produção que utilizaram principalmente a rede fluvial para a exportação dos seus produtos. Através dos rios Guadiana e Guadalquivir chegaram ao interior da Bética mas também ao interior da Lusitânia, sendo o melhor exemplo o território da própria capital da província, *Emerita Augusta*. Aqui, Jerez Linde identifica vários conjuntos em Cerro de Cogolludo (Badajoz), nas *uillae* de “La Tiesa” e de “Torre Águila”<sup>324</sup>, entre outros. Levanta ainda possibilidade destas produções já circularem nas duas províncias antes da chegada dos produtos do sul da Gália<sup>325</sup>.

Fugindo ao padrão até ao momento conhecido, também podemos encontrar esta produção no sul de França, na península itálica, no norte de África e cada vez mais na faixa atlântica, sugerindo ser transportada como carga secundária, acompanhando as ânforas Dressel 20 (que também eram produzidas em Peñaflor) explicando assim o seu transporte marítimo.

Na sua tese de doutoramento, Catarina Viegas dá a conhecer um importante espólio de cerâmica tipo Peñaflor dos sítios arqueológicos de Faro, *Balsa* e Castro Marim<sup>326</sup>, onde as percentagens do N.M.I. não divergem muito das outras produções hispânicas alto-imperiais, apresentando ainda uma importante diversidade tipológica.

---

<sup>323</sup> CAEIRO, J. S. (1977).

<sup>324</sup> JEREZ LINDE, J. M. (2002); JEREZ LINDE, J. M. (2004).

<sup>325</sup> JEREZ LINDE, J. M. (2004), p. 174.

<sup>326</sup> VIEGAS, C. (2009).

Já na orla atlântica, foram recentemente identificadas as primeiras produções precoces conhecidas em *Salacia*, resultado de uma intervenção de emergência no Alto de São Miguel em Alcácer do Sal<sup>327</sup>. Apesar de residuais (só 3 N.M.I.) não deixam de comprovar este comércio, tal como em Chãos Salgados, *Miróbriga*, onde é apresentado um conjunto essencialmente composto por imitações de *terra sigillata* sud-gálica e de cerâmicas de verniz vermelho pompeiano.

Inéditas são ainda as peças do Teatro Romano de Lisboa e da Casa dos Bicos<sup>328</sup>, à espera de publicação que, juntamente com os exemplares exumados na Praça da Figueira, tornam *Olisipo* o ponto mais ocidental de importação e consumo destas cerâmicas.

Na Lusitânia observamos um tipo de padrão de consumo no que respeita à *terra sigillata* hispânica “clássica”, em que as produções de La Rioja predominam sobre as de Andújar no litoral e este último centro produtor alcança valores superiores no *hinterland* do sul peninsular. Este é um padrão que também ocorre na maioria dos sítios arqueológicos da península ibérica, mesmo em locais sobre a clara influência das produções béticas, como é exemplo a cidade de *Baelo* onde os valores de La Rioja são superiores.

A presença de La Rioja é observável nos contextos lusitanos do litoral ocidental e algarvio, como Castro Marim, *Balsa*, Chãos Salgados, *Olisipo*, ou com uma ligação fluvial como a *uilla* de Povos ou Santarém. Ainda na faixa atlântica mas já na província da Tarraconense é de destacar *Bracara Augusta* e Monte Mózinho, onde a presença dos produtos de Andújar é residual, destacando-se a clara hegemonia de La Rioja. A Ilha do Pessegueiro e a *uilla* do Alto da Cidreira são as principais exceções ao domínio dos produtos do vale do Ebro. Enquanto a *uilla* da península de Lisboa só apresenta importações de Andújar, a unidade fabril da ilha do Pessegueiro mostra uma realidade material bem diferente e de igual interesse, não só pela sua exceção mas pelo panorama de importação que nos apresenta, o qual está também presente em Chão Salgados<sup>329</sup>. Ou seja, uma importante importação de vasos de La Rioja em relação aos produtos de Andújar na segunda metade do século I, que é suplantada por um fornecimento intenso de Andújar no século II e primeira metade do III, com um

---

<sup>327</sup> SEPÚLVEDA, E.; FERREIRA, M.; MATA, V. (2008), p. 281.

<sup>328</sup> SEPÚLVEDA, E.; FERREIRA, M.; MATA, V. (2008), p. 297.

<sup>329</sup> QUARESMA, J. C. (2009), p. 406 e 416.

significativo decréscimo das importações do vale do Ebro. Esta descida das importações em contextos da primeira metade do século II, data a partir da qual os valores de La Rioja não vão além dos “30 indivíduos por decénio”, mantendo-se muito inferiores aos valores de Andújar até ao final desta produção<sup>330</sup>. Mesmo assim, La Rioja predomina no conjunto total, tendo sido para tal fundamental, o apogeu das importações de ambos os centros produtores nas décadas de 60 e 70.

As produções de Andújar no panorama lusitano predominam principalmente no interior, mas de uma forma quase esporádica. É superior no Montinho das Laranjeiras, e quase equiparável em São Cucufate<sup>331</sup>. Contudo, a penetração de La Rioja no interior é evidente, como são exemplos a *uilla* da Tourega, Represas e a cidade de *Ammaia*. A própria capital da província tão próxima deste centro produtor, apresenta valores superiores para as produções de La Rioja. Numa tese de doutoramento inédita e à espera de publicação, a investigadora Macarena Bustamante identifica um importante e numeroso conjunto de *terra sigillata* hispânica proveniente de uma necrópole de *Emerita Augusta*, cujo maior valor de importação recai sobre os vasos do vale do Ebro, concluindo ter Mérida um papel como centro redistribuidor<sup>332</sup>, como já tinha defendido Mayet em 1978<sup>333</sup>

A ausência em muitos estudos da temática de uma diferenciação de fabricos leva a lacunas de informação que não permitem um olhar geral sobre a realidade lusitana. A dificuldade e complexidade desta análise levou à apresentação de vários fabricos no material da Praça da Figueira e cuja origem é identificada não só pelas descrições das pastas e engobes dos centros produtores, mas também pelas formas dos vasos e pela comparação fundamental dos fabricos identificados com as marcas de oleiro do conjunto. Se dentro do mesmo centro oleiro essa comparação pode ser problemática tendo em conta a utilização dos mesmo barreiros, pode ser bastante eficaz na identificação e diferenciação dos dois centros produtores principais.

---

<sup>330</sup> QUARESMA, J. C. (2009), p. 406.

<sup>331</sup> QUARESMA, J. C. (2009), p. 406.

<sup>332</sup> Informação gentilmente cedida pela autora.

<sup>333</sup> MAYET, F. (1984); MAYET, F. (1990).



Condicionada pela forte concorrência da *terra sigillata* africana, a produção de *sigillata* tardia não apresenta valores muito expressivos no território lusitano, à excepção de São Cucufate. Na realidade, a sua presença faz-se sentir principalmente no interior como em Represas, *Ammaia*, Conímbriga, Fronteira ou mesmo com presenças mais residuais na *Egitania* ou *uilla* da Tourega. Mas curiosamente também aparece em contextos do litoral, sempre de forma escassa, mas atestada. Na região de Lisboa surge nas *uillae* de Povos e Castanheira do Ribatejo e um pouco mais a norte, em Santarém. E a sua representação também é pouco variada, resumindo-se principalmente à Drag. 37t e a formas de imitação norte africana.

A sua distribuição no panorama peninsular é essencialmente setentrional e interior, sendo de salientar o exemplo de Chaves ou Terronha de Pinhovelo<sup>334</sup>, onde estas produções tardias dominam os próprios valores das produções alto-imperiais<sup>335</sup>.

---

<sup>334</sup> MAGALHÃES, A. P. (2007).

<sup>335</sup> QUARESMA, J. C. (2009), Anexo 8.

## Conclusão

A análise a que procedemos do conjunto de *terra sigillata* hispânica colectado na Praça da Figueira permitiu esclarecer alguns dos objectivos a que nos havíamos proposto. Em primeiro lugar ressalta a sua baixa representatividade, por comparação com as produções oriundas do sul da Gália e as africanas claras. De notar que os estudos de síntese relativos a estes grupos, executados nos moldes do aqui apresentado, ainda não foram concluídos, mas os dados entretanto disponibilizados sobre os vasos gauleses<sup>336</sup> permite desde já essa leitura, na medida em que só o número de exemplares lisos é superior ao total do hispânico, ocorrendo situação análoga com os vasos africanos<sup>337</sup>.

A importância da *sigillata* do sul da Gália e a do norte de África na cidade de *Olisipo* pode justificar a residual presença das restantes produções peninsulares de *terra sigillata*, mas não lhes retira a relevância no panorama do comércio peninsular. A existência de *sigillata* de tipo Peñafior reforça a ligação comercial entre o porto romano de *Olisipo* e a região do Guadalquivir. Paralelamente, a constatação de produções hispânicas tardias em contextos locais fortalece a ideia de uma contínua importação de produtos peninsulares já em épocas mais tardias, apesar da forte concorrência das produções africanas.

Este é um padrão de consumo que regra geral, é constatado na maioria dos locais do sul peninsular com maior incidência no litoral.

Relativamente às produções de *terra sigillata* hispânica alto-imperial exumadas da necrópole noroeste de *Olisipo*, podemos salientar alguns pontos, que consideramos essenciais: o predomínio da importação de La Rioja face aos produtos de Los Villares de Andújar, a preferência pelos modelos de época flávia e a grande variedade formal, com a presença de peças de excelente qualidade de ambos os centros produtores.

O gosto e a considerável presença de peças e formas flávias remetem para um forte período de importações que terá ocorrido em finais do século I, inícios do II. A presença de uma estratigrafia fiável permitiria, em conjunto com o estudo dos restantes grupos de materiais, perceber melhor esta lógica de ciclos e fluxos de importação, fenómeno que também podemos constatar noutros contextos da Lusitânia meridional.

---

<sup>336</sup> Informação gentilmente cedida por Vanessa da Mata, resultante do trabalho sobre a *terra sigillata* sud-gálica lisa da Praça da Figueira realizado no âmbito de Relatório Final de licenciatura.

<sup>337</sup> Informação fornecida por Rodrigo Banha da Silva.

As formas identificadas com uma diacronia lata em ambas as produções, como são exemplo os pratos Drag. 15/17, as tigelas Drag. 27 e as taças decoradas Drag. 37, apresentam uma evolução formal característica de uma longa laboração, comprovando a existência de um fluxo contínuo de importações durante os períodos de produção de ambos os centros.

Outro ponto a evidenciar é o aprovisionamento da cidade fundamentalmente por via marítima, através das rotas comerciais que ligavam o Mediterrâneo ao Atlântico, justificando a importação de *terra sigillata* de tipo itálico e sud-gálico e, no que diz respeito às produções peninsulares, a importação dos produtos da Bética e do Vale do Ebro. A forte ocorrência de produtos de La Rioja ao longo da costa do sul peninsular, leva a considerar que a via preferencial para o transporte destas produções seria a marítima apesar da existência de uma via terrestre, onde Mérida teria um papel de principal redistribuidor da província. O aprovisionamento de *Olisipo* por meio terrestre terá sido utilizado já em contextos dos séculos III a V, para o abastecimento das hispânicas tardias, tendo em consideração o seu predomínio no norte e interior peninsular, excluindo a linha de costa.

Passando pelo porto de *Gades*, a *terra sigillata* hispânica chegaria aos mercados de *Olisipo* que assumia uma função redistribuidora para o arco atlântico<sup>338</sup>, adquirindo assim um importante papel nas rotas comerciais das províncias ocidentais do império romano.

---

<sup>338</sup> SILVA, R. B. da (2005).

## Bibliografia

AA.VV. (1975) – *A Propos des Céramiques de Conimbriga*. Separata de *Conimbriga*, vol. XIV, Coimbra, Universidade de Coimbra, Instituto de Arqueologia

AA.VV. (1983) – *Monografia: Terra Sigillata Hispanica*. Separata de *Boletín del Museo Arqueológico Nacional*, Monografías, Tomo 1, n.º 2, Madrid, Museo Arqueológico Nacional

AA.VV. (1985) – *Enciclopedia dell' Arte Antica Classica e Orientale. Atlante delle Forme Ceramiche*. II (Ceramica Fine Romana nel Bacino Mediterraneo. Tardo Ellenismo e Primo Empero), Roma

AA.VV. (1994) – *Lisboa Subterrânea*, Electa, Lisboa Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa Capital Europeia da Cultura '94

AA.VV. (1998) – *Terra Sigillata Hispánica: Estado Actual de la investigación*, Universidade de Jaén, Jaén

AAVV. (1999) – *Actas das Sessões do II Colóquio Temático «Lisboa Ribeirinha»* (Padrão dos Descobrimentos, 2 a 4 de Julho de 1997), Divisão de Arquivos da Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa

ALARCÃO, A. (1960-1) – Algumas peças de *terra sigillata* na secção arqueológica do Paço Ducal de Vila Viçosa, in *Conimbriga*, vol. II-III, Coimbra, p. 181-201

ALARCÃO, A. (1983) – Os métodos de investigação laboratorial e o estudo da T.S.H., in *Monografia: Terra Sigillata Hispánica*, Separata de *Boletín del Museo Arqueológico Nacional*, Monografías, Tomo 1, n.º 2, Madrid, Museo Arqueológico Nacional, p. 141-145

ALARCÃO, J. (1987) – *Portugal romano*. 4.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Editorial Verbo.

ALARCÃO, J. (1988) – *O domínio romano em Portugal*. 2.<sup>a</sup> edição, Mem-Martins, Europa-América.

ALARCÃO, J. (1994a) – A cidade de *Balsa*, in NOLEN, J. U. S., ed. - *Cerâmicas e vidros de Torre de Ares. Balsa*, Lisboa, Instituto Português de Museus / Museu Nacional de Arqueologia, p. 1-4

ALARCÃO, J. (1994b) – Lisboa romana e visigótica, in *Lisboa Subterrânea*, Electa, Lisboa Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa Capital Europeia da Cultura '94

ALARCÃO, J.; ALARCÃO, A. (1966) – O espólio da necrópole luso-romana de Valdoca (Aljustrel), in *Conimbriga*, vol. V, Coimbra, p. 7-104

ALARCÃO, J.; ETIENNE, R.; MAYET, F. (1990) – *Les uillas romaines de S. Cucufate (Portugal)*. Paris, Diffusion E. de Boccard

ALMEIDA, M. J.; CARVALHO, A. (2005) – *Uilla* romana da Quinta das Longas (Elvas, Portugal): a lixeira baixo-imperial, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 8, n.º 1

ALONSO SÁNCHEZ, A. (1982) – La terra sigillata hispánica del Museo Arqueológico de Cáceres, in *Norba*, p. 119-128

AMARO, C. (1994) – A Industria conserveira na Lisboa romana, in *Lisboa Subterrânea*, Electa, Lisboa Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa Capital Europeia da Cultura '94

AMORES, F.; KEAY, S. J. (1999) – Las sigillatas de imitación tipo Peñafior. Una série de hispánicas precoces. In ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., coords. (1999) – *Terra sigillata hispánica. Centros de fabricación y producciones altoimperiales*. Universidad de Jaén / Universidad de Málaga, p. 235-52

ARCE, J. (2005) – Antigüedad Tardía hispánica. Avances recientes. *Pyrenae*. 36.1, p. 7-32.

ARCELIN, P.; TUFFREAU-LIBRE, M. (1998) – *La quantification des céramiques. Conditions et protocole. Actes de la table ronde du Centre Archéologique Européen du Mont Beuvray (Glux-en-Glenne, 7-9 Avril 1998)*, (Collection Bibracte; 2)

BAIRRÃO OLEIRO, J.M. (1951) – Elementos para o Estudo da «Terra Sigillata» em Portugal, I: Marcas de oleiro encontradas no país, in *Revista de Guimarães*, vol. LXI, Barcelos

BALTASAR, M. (1984-5) – Marcas de oleiro em *terra sigillata* provenientes de Tróia (Setúbal), in *Al-Mada*, Almada, 4-5, p. 14-16

BELTRÁN LLORIS, M. (1990) – *Guía de la cerámica romana*. Zaragoza, Libros Pórtico

BERNAL CASASOLA, D.; RIBERA I LACOMBA, A., eds. (2008) – *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión*, Cádiz, Universidad de Cádiz

BORDET, M. (1995) – *Síntese de História Romana*, Edições Asa, Lisboa

BOUBE, J. (1965) – *Le terra sigillata hispanique en Maurétanie Tingitane. I : Les marques de potier*, col. Etudes et Travaux d'Archéologie Marocaine, n.º 1, Rabat, Direction des Musées et Antiquités du Maroc

BOUBE, J. (1966) – *Le terra sigillata hispanique en Maurétanie Tingitane : supplément au catalogue des marques de potiers*, in *Bulletin d'Archéologie Marocaine*, n.º 6, p. 116-143

BOUBE, J. (1968-1972) – *Le terra sigillata hispanique en Maurétanie Tingitane : supplément II au catalogue des marques de potiers*, in *Bulletin d'Archéologie Marocaine*, n.º 8, p. 67-108

BOURGEOIS, A.; MAYET, F. (1991) – *Fouilles de Belo. VI (Les sigillées)*, in *Collection de La Casa de Velásquez*, Archéologie n.º XIV, Madrid

BUGALHÃO, Jacinta, (2001) – *A indústria romana de transformação e conserva de peixe em Olisipo (Narc)*, in col. *Trabalhos de Arqueologia*, n.º 15

BUSTAMANTE ÁLVAREZ, M.; HUGUET ENGUITA, E. (2008) – Las cerámicas “Tipo Peñaflor”, in BERNAL CASASOLA, D.; RIBERA I LACOMBA, A., eds. – *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión*, Cádiz, Universidad de Cádiz, p. 297-306

BUXEDA i GARRIGÓS, J.; TUSEU i BERTRAN, F. (1995) – Revisió crítica de les bases cronològiques de la *terra sigillata* hispànica, in *Pyrenae*, n.º 26, p. 171-88

CABALLERO ZOREDA, L. (1982) – Una muestra de cerámicas sigillatas claras e hispánicas tardías de Mérida, in *HOMENAJE A SÁENZ DE BURUAGA*, Institución cultural "Pedro de Valencia", Diputación de Badajoz, p. 177-195

CAEIRO, J. S. (1977) – O espólio arqueológico da Herdade do Reguengo, Vaiamonte, in *O Arqueólogo Português*, série 3, vol. 7-9, p. 227-241

CAEIRO, J. S. (1978) – A sepultura n. 3 da necrópole da Herdade do Reguengo (Vaiamonte), in *Setúbal Arqueológica*, vol. 4, p. 203-210

CAEIRO, J. S. (1979) – O espólio arqueológico da Herdade do Reguengo (Vaiamonte): I - materiais dispersos, in *Revista Conimbriga*, vol. XVIII, Coimbra

CAEIRO, J. O. (1984) – Cerâmica romana do Monte da Romeira (Viana do Alentejo), in *al-madan*, n.º 4-5, p. 17-18

CANTOS CARNICER, A.; SÁENZ PRECIADO, J. C. (2007) – Hallazgo de un molde de *terra sigillata* hispánica en *Caesaraugusta* (Zaragoza), in *Caesaraugusta*, n.º 78, p. 481-486

CARDIM RIBEIRO, José (1994) – *Felicitas Ivlia Olisipo* – algumas considerações em torno do catálogo *Lisboa Subterrânea*, in *al-madan*, série 2, n.º 3, Julho, Centro de Arqueologia de Almada, Almada

CARNEIRO, A. (2005) – Espólio da necrópole romana da Herdade dos Pocilgais, in *O Arqueólogo Português*, série 4, vol. 23, p. 283-320

CARNEIRO, A.; SEPÚLVEDA, E. (2004) – *Terra Sigillata* Hispânica Tardia do concelho de Fronteira: exemplares recolhidos entre 1999 e 2003, In *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 7, n.º 2, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, págs. 435-458

CARNEIRO, S.; LOPES, R. (2005) – *Terra sigillata* das intervenções de emergência no centro histórico de Chaves (1999-2000), in *Revista Aquae Flaviae*, n.º 33, p. 92-130

CARVALHO, T. P. (1993) – *A terra sigillata de Monte Mozinho (contributo para a história económica do povoado)*, in col. *Cadernos do Museu*, vol. 3, Museu Municipal de Penafiel, Penafiel

CARVALHO, T. P. (1998) – *O sitio romano da Bouça do ouro, Boelhe*, in col. *Cadernos do Museu*, vol. 4, Museu Municipal de Penafiel, Penafiel

CARVALHO, T. P. (2002) – Monte Mozinho: A terra sigillata recuperada do Sector B, in *Portugália*, Nova Série, Vol. XXIII, Fac. De Letras do Porto, Porto

CORTEZ, F. R. (1951) – *Da “Terra Sigillata” Tardia encontrada em Portugal*, Viseu, Centro de Estudos de Etnologia Peninsular

DELGADO, M. (1985) – Marcas de oficinas de *sigillatas* encontradas em Braga. II, in *Cadernos de Arqueologia*, Série 2, n.º 2, p. 9-40

DELGADO, M.; MAYET, F.; ALARCÃO, A. M. (1975) – *Fouilles de Conimbriga. IV (Les sigillées)*, Paris, Diffusion E. de Boccard.

DELGADO, M.; SANTOS L. (1984) – Marcas de oficinas de *sigillatas* encontradas em Braga. I, in *Cadernos de Arqueologia*. Série 2., n.º 1, p. 49-70

DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L. (2000a) – Vestígios de uma unidade de transformação do pescado descobertos na Rua dos Fanqueiros, em Lisboa, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 3, n.º 1, p. 181-205



DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L. (2000b) – Elementos sobre o cemitério do adro da Igreja de S. Domingos, in *Arqueologia e história*, Vol. 52, p. 59-71

DIAS, L. F. (1976-7) – *Terra sigillata* de Mirobriga, in *Setúbal Arqueológica* Setúbal, 2-3, p. 361-410

DIAS, L. F. (1978) – As marcas de *terra sigillata* do castelo de Alcácer do Sal, in *Setúbal Arqueológica*. Setúbal, 4, p. 145-54

DIAS, L. F. (1995-7) – *Terra sigillata* da uilla romana de Povos (Vila Franca de Xira). Estudo preliminar, in *CIRA*, Vila Franca de Xira. 7, p. 13-24

ESCRIVÁ TORRES, V. (1989) – *La cerámica romana de Valentia. La Terra Sigillata hispánica*, in *Série Arqueológica Municipal*, 8, Valência, Ajuntament de Valência

FABIÃO. C.; *et Al.* (1998) – Necrópole romana do Monte Novo do Castelinho (Almodôvar), in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 1, n.º 1, p. 199-220

FARIA, J. C.; FERREIRA, M.; DIOGO, A. M. (1987) – Marcas de *terra sigillata* de Alcácer do Sal, in *Conimbriga*, vol. XXVI, p. 61-76

FERNANDES, L. (2007) – Teatro Romano de Lisboa: os caminhos da descoberta e os percursos da investigação arqueológica, in *al-madan*, série 2, n.º 15, p. 28-39

FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I. (1984) – Cuencos decorados en T.S.H. dentro de la produccion inicial de Andújar: las formas decoradas hemisfericas, in *Cuadernos de Prehistoria de la Universidad de Granada*, 9, p. 261-84

FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I. (1985) – Características decorativas de QVARTIO. Un alfarero del centro de produccion de Los Villares de Andújar (Jaén), in *Cuadernos de Prehistoria de la Universidad de Granada*, 10, p. 391- 412

FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I. (1986) – Repertorio tematico de la *Terra Sigillata Hispánica* decorada de Los Villares de Andújar (Jaén), in *Cuadernos de Prehistoria de la Universidad de Granada*, 11, p. 355-89

FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I. (1991-92) – TITI OPPI y la segunda generation de alfareros de Los Villares de Andújar (Jaén), in *Cuadernos de Prehistoria de la Universidad de Granada*, 16-17, p. 401-13

FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., ed. (1998a) – *Terra sigillata hispánica. Estado actual de la investigación*. Universidad de Jaén (Colección Martínez de Mazas. Serie Estudios)

FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I. (1998b) – Características de la sigillata fabricada en Andújar. In FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., ed. (1998a) - *Terra sigillata hispánica. Estado actual de la investigación*. Universidad de Jaén (Colección Martínez de Mazas. Serie Estudios), p.49-104

FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., ed. (2004) – Alfares y producciones cerámicas en la povincia de Jaén. Balance y perspectivas. In: BERNAL, D.; LAGÓSTENA, L., eds. – *Figlinae baeticae. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la bética romana (ss. II a.C. – VII d.C.). Actas del Congreso Internacional (Cádiz, 12-14 de noviembre de 2003)*. Vol. II. (BAR International Series; 1266), p. 239-72

FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I.; *et Al.* (1997) – *Isturgi* romana y su territorio: la producción de *terra sigillata* y su difusión. Resultados de la producción arqueológica superficial en el yacimiento de Los Villares de Andújar y su entorno (1996), in *Anuario Arqueológico de Andalucía*, série II/Actividades Sistemáticas y Pontuales, p. 145-50

FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I.; *et Al.* (1999) – El centro de producción de *terra sigillata* hispánica de Los Villares de Andújar (Jaén). Síntesis de los resultados obtenidos en la campaña de 1999. *Anuario Arqueológico de Andalucía*, série II/Actividades Sistemáticas y Pontuales, p. 41-6.

FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I.; GUERRERO LÉON, G. (1994) – Cerámicas romanas del Museo Arqueológico y Etnográfico de Los Vélez, Profesor Guirao: Las

producciones de Terra Sigillata, in *Arqueologia en la comarca de Los Vélez (Almería): homenaje al prof. Miguel Guirao Gea*, p. 145-167

FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I.; MORALES DE LA CRUZ, M. (2004-2005) – Hacia una estructuración de la producción en el complejo alfarero de los Villares de Andújar (Jaén). Nuevos datos aportados por las probinas, in *CVDAS. Revista de Arqueología y Historia*. 5-6, p. 45-64

FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I.; ROCA ROUMENS, M. (2008) – Producciones de *Terra Sigillata* Hispánica, in BERNAL CASASOLA, D.; RIBERA I LACOMBA, A.; eds. – *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión*, Cádiz, Universidad de Cádiz, p. 307-332

FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I.; RUIZ MONTES, P. (2005) – Sigillata hispánica de origen bético. In: ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., coords. – *Introducción al estudio de la cerámica romana. Una breve guía de referencia*. Servicio de Publicaciones de la Universidad de Málaga/Asociación Cultural CVDAS (Monográfico nº 1 de CVDAS, revista de Arqueología e Historia)

FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I.; RUIZ PARRONDO, A.; RUIZ MONTES, P. (2002-2003) – Indicios de jerarquización en el centro de producción de los Villares de Andújar (Jaén), in *CVDAS. Revista de Arqueología y Historia*, n.º 3-4, p. 59-73

FERREIRA, S. V. (1969) – Marcas de oleiro em território português, in *O Arqueólogo Português*, Lisboa, Série 3, n.º 3, p. 131-79

FONSECA, C. P. (2004) – A terra sigillata do fundeadouro de Tróia, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 7, n.º 1, p. 421- 449

GARABITO GOMEZ, T. (1977) – Las zonas de comercialización de los alfares romanos riojanos, in *Berceo*, n.º 93, p. 155-170

GARABITO GOMEZ, T. (1978) – *Los Alfares Romanos Riojanos. Produccion y Comercializacion*, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Bibliotheca Praehistorica Hispana, n. ° 16, Madrid

GARABITO GOMEZ, T. (1983) – El centro de producción de sigillata hispánica tardía en Nájera, in *Cuadernos de investigación: Historia*, tomo 9, fasc. 1, p. 187-198

GARABITO GOMEZ, T.; LUEZAS PASCUAL, R. A.; SOLOVERA, M. E. (1994) – La oficina de *Maternus Blandus* (Tricio, La Rioja). La producción de imitaciones de platos de engobe interno rojo pompeiano, in *Estrato*, n.º 5, p. 70- 75

GARABITO, T.; SOLOVERA, M. E. (1975) – *Terra sigillata* hispanica de Tricio. I (Moldes), in *Studia Archaeologica*, 38, Valladolid: Facultad de Filosofía y Letras

GARABITO, T.; SOLOVERA, M. E. (1976a) – *Terra sigillata* hispanica de Tricio. II (Marcas de Alfarero), in *Studia Archaeologica*, 40, Valladolid: Facultad de Filosofía y Letras

GARABITO, T.; SOLOVERA, M. E. (1976b) – *Terra sigillata* hispanica de Tricio. III (Formas Decoradas), in *Studia Archaeologica*, 43, Valladolid: Facultad de Filosofía y Letras

GARABITO, T.; SOLOVERA, M. E. (1985) – Los nombres de los ceramistas romanos de La Rioja: nuevas aportaciones, in *2º Coloquio sobre la Historia de La Rioja, Logroño, 2-4 Octubre, 1985*, vol. 1, p. 117-128

GARABITO, T.; SOLOVERA, M. E.; PRADALES, D. (1986) – Hallazgo de un alfar romano del siglo IV en Tricio (Septiembre-85), in *Berceo*, n. ° 110-111, p. 63-74

GARABITO, T.; SOLOVERA, M. E.; PRADALES, D. (1989) – El alfarero *Segius Tritiensis*, in *Gerión*, n.º 2 extra, p. 441-459

GARCÍA BROSÁ, G. (1999) – Mercadores y negociadores: Simples comerciantes?, in *Pyrenae*, 30, p. 173-90

GASPAR, M. A.; GOMES, A. M.; SEQUEIRA, M. J.; SILVA, R. B. (2000) – Arqueologia urbana em Lisboa?, in “*Terrenos*” da Arqueologia da Península Ibérica, *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, Porto, ADECAP

HARRIS, E. C. (1991) – *Principios de estratigrafía arqueológica*, Barcelona: Editorial Crítica

JEREZ LINDE, J. M. (2002) – Prospecciones arqueológicas en la villa romana de “La Tiesa” (Lobón, Badajoz): Las cerámicas, in *Revista de estudios extremeños*, vol. 58, n.º 1, p. 11-30

JEREZ LINDE, J. M. (2004) – La *T. S.* Hispánica precoce o “Tipo Peñaflor”, su incidencia en el territorio emeritense y dos marcas inéditas del M. N. A. R. de Mérida, in *Anas*, n.º 17, p. 161-178

JEREZ LINDE, J. M. (2006) – *Terra sigillata* hispánica tardía del Museo Nacional de Arte Romano de Mérida, in *Cuadernos emeritenses* n.º 35, Museo Nacional de Arte Romano, Asociación de Amigos del Museo, Fundación de Estudios Romanos, Mérida

JUAN TOVAR, J. C. (1983) – Elementos de Alfar de Sigillata Hispánica en Talavera de la Reina (Toledo). Alfares de Sigillata en la cuenca del Tajo, in *Terra Sigillata Hispánica, Monografías Arqueológicas*, Separata de *Boletín del Museo Arqueológico Nacional*, Monografías, Tomo I, n.º 2, Madrid, Museo Arqueológico Nacional, p. 165-175

JUAN TOVAR, J. C. (1997) – Las industrias cerámicas hispanas en el Bajo Imperio. Hacia una sistematización de la Sigillata Hispánica Tardía. In *Congreso Internacional La Hispania de Teodosio*, vol. 2, p. 543-68

JUAN TOVAR, J. C. (2000) – *La terra sigillata* de Quintanilla de la Cueva. In: GARCÍA GUINEA, M. A., dir. – *La villa de Quintanilla de la Cueva (Palencia). Memoria de las excavaciones 1970-1981*. Junta de Castilla y León/Diputación de Palencia, p. 45-122

JUAN TOVAR, J.C. (1992) – Terra Sigillata Hispánica, in *Arcóbriga II- Las Cerámicas Romanas*, Institución Fernando El Católico, Saragoça, p. 35-134

KEAY, S.; CREIGHTON, J.; REMESAL RODRÍGUEZ, J. (2000) – *Celti (Peñaflor). The Archaeology of a Hispano-Roman Town in Baetica*, in *University of Southampton Department of Archaeology*, nº 2, Oxford, Oxbow Books

LEITE, A.C. (1987) – Lisboa Romana, in *Arqueologia no Vale do Tejo*, Instituto Português do Património Cultural, Lisboa, p. 82-86

LOPES, M.C. (1994) – *A Sigillata de Represas – Tratamento Informático*, in col. *Conimbriga, Anexos 2*, Coimbra, Universidade de Coimbra, Instituto de Arqueologia

LOPEZ RODRÍGUEZ, J. R. (1985) – *Terra sigillata hispánica tardia decorada a molde de la Península Iberica*, Salamanca.

LUEZAS PASCUAL, R.; ANDRÉS VALERO, S. (1993) – Nuevos datos sobre un posible alfar de cerámica romana en Várea (Logroño, La Rioja), in *Berceo*, nº 124, p. 73-88

MACHADO, R. (2005) – *Terra Sigillata Hispânica Decorada proveniente das Escavações da Praça da Figueira (1999-2001)*, Relatório Final para a obtenção do grau de Licenciada em História, variante Arqueologia, Universidade Nova de Lisboa / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

MADRID FERNÁNDEZ, M. (1999a) – Primers resultats de l'estudi de la ceràmica *terra sigillata* de Baetulo: Circulació ceràmica i aportacions cronològiques a la ciutat, in *Pyrenae*, 30, p. 147-172

MADRID FERNÁNDEZ, M. (1999b) – Les marques de potiers sur la *Terra Sigillata* de la ville romaine de Baetulo (Badalone, Barcelone), in *SFECAG, Actes du congrès de Fribourg*, p. 279-289

MAGALHÃES, A. P. (2007) – A *Terra Sigillata* Hispânica Tardia de Terronha de Pinhovelo: o comércio e o povoamento, in *Terras Quentes*, 4, p. 7-50

MANTAS, V.G. (1999) – Olisipo e o Tejo, in *Actas das Sessões do II Colóquio Temático «Lisboa Ribeirinha» (Padrão dos Descobrimentos, 2 a 4 de Julho de 1997)*, Divisão de Arquivos da Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa, p. 15-41

MÁRQUEZ MORENO, C. (1985) – Terra sigillata hispánica de los talleres riojanos en la provincia de Cordoba, in *2º Coloquio de historia de La Rioja, Logroño, 2-4 Octubre*, vol. 1, p. 155-162

MARTIN ALMAGRO; LAMBOGLIA, N. (1959) – La estratigrafia del decumano A de Ampurias, in *Ampurias*. Barcelona. XXI, p. 1-24

MARTÍNEZ GONZÁLEZ, M. M. (2005) – La producción de *Terra Sigillata* Hispánica Tardia en el área riojana. Valoración arqueológica de los datos disponibles, in *Iberia*. 8, Universidad de la Rioja, p. 113-134

MARTÍNEZ RODRÍGUEZ, F. (1989) – Las cerámicas beticas de imitación tipo Peñaflor: bases para el estudio de un nuevo grupo de epoca altoimperial, in *Boletín de la Asociación Española de Amigos de la Arqueología*, n.º 26, p. 60-65

MAYET, F. (1973) – Marques de potiers sur sigillées hispaniques à Conímbriga, in *Conimbriga*, n.º 12, Coimbra, Universidade de Coimbra, Instituto de Arqueologia, p. 5-65

MAYET, F. (1975) – Les Sigillées Hispaniques, in *Fouilles de Conimbriga*, vol. IV, *Les Sigillées*, Diffusion E. De Boccard, Paris

MAYET, F. (1984) – *Les céramiques sigillées hispaniques. Contribution à l'histoire économique de la Péninsule Ibérique*, Paris: Diffusion de Boccard, 2 vols.

MAYET, F. (1990) – Méride: capitale économique?. In *Les villes de Lusitanie romaine. Hiérarchie et territoires (table ronde internationale du CNRS, le 8-9 Décembre 1988)*. Paris: CNRS, p. 207-13

MEZQUIRIZ CATÁLAN, M. A. (1958) – *La excavación estratigráfica de Pompaelo. I. Campaña de 1956*. Pamplona: Institución “Príncipe de Viana”

MEZQUÍRIZ CATÁLAN, M.A. (1961) – *Terra Sigillata Hispánica*, col. Monografías sobre Cerámicas Hispánicas, Tomo I, The William L. Bryant Foundation, València

MEZQUIRIZ CATÁLAN, M. A. (1978) – *Pompaelo. II*. Pamplona

MEZQUÍRIZ CATÁLAN, M.A. (1983a) – Cerámica Sigillata Hispánica. Historia y Criterios Tipológicos, Separata de *Boletín del Museo Arqueológico Nacional*, Monografías, Tomo 1, n.º 2, Madrid, Museo Arqueológico Nacional

MEZQUÍRIZ CATÁLAN, M.A. (1983b) – Tipología de la Terra Sigillata Hispánica, Separata de *Boletín del Museo Arqueológico Nacional*, Monografías, Tomo 1, n.º 2, Madrid, Museo Arqueológico Nacional, p. 123-131

MEZQUÍRIZ CATÁLAN, M.A. (1983c) – Alfar romano de Bezares, in *Cuaderno de investigación: Historia*, tomo 9, fasc. 1, p. 167-174

MEZQUÍRIZ CATÁLAN, M. A. (1985) – *Terra sigillata Ispanica*. In AA.VV. - *Enciclopedia dell'Arte Antica Classica e Orientale. Atlante delle Forme Ceramiche. II* (Ceramica Fine Romana nel Bacino Mediterraneo. Tardo Ellenismo e Primo Impero), p. 97-174



MEZQUÍRIZ CATÁLAN, M.A. (2004) – Hallazgo de un taller de *sigillata* hispánica en Bezares (Logroño), in *Trabajos de arqueología de Navarra*, n. ° 17, p. 403-410

MONTESINOS i MARTÍNEZ, J. (1992) – *Terra sigillata* en Valentia: productos hispánicos, in *Estudios de Arqueología Ibérica y Romana. Homenaje a Enrique Pla Ballester*, València: Diputación Povincial de Valencia (Série de Trabajos Vários; 89), p. 469-537

MORAIS, R. (1997-8) – Importações de cerâmicas finas em *Bracara Augusta*: da fundação até à época Flávia, in *Cadernos de Arqueologia*, Série 2, 14-15, p. 47-135

MORAIS, R. (2005) – *Autarcia e comércio em Bracara Augusta. Contributo para o estudo económico da cidade no período Alto-Imperial*, 2 vols, Braga: U.A.U.M. (Escavações Arqueológicas; 2)

MORAIS, R. (2010) – *Bracara Augusta*, Braga, Câmara Municipal de Braga

MOUTINHO ALARCÃO, A. (1958) – *Sigillata hispânica em museus do Norte de Portugal*, Separata da *Revista de Guimarães*, n.º 68, Guimarães, Sociedade Martins Sarmento

MOUTINHO ALARCÃO, A. (1971) – *Terra sigillata* do Museu Machado de Castro, in *Conimbriga*, vol. X, Coimbra, p. 45-78

NOLEN, J. S. (1988) - A *uilla* romana do Alto de Cidreira (Cascais) – os materiais, in *Conimbriga*, vol. XXVII. Coimbra, p. 61- 140

NOLEN, J. S. (1997) – *Balsa*, uma cidade romana no litoral algarvio, in *Noventa Séculos Entre a Serra e o Mar*, IPPAR, Lisboa

NOLEN, J.; REAL. F. C. S. (1994) – A «*terra sigillata*» hispânica, in NOLEN, J. et al. - *Cerâmicas e vidros de Torres d'Ares. Balsa*, M.N.A., p. 91-6

NUNES RIBEIRO, F. (1959) – *Terra Sigillata* encontrada nas Represas-Beja, in *Arquivo de Beja*, vol. XV, p. 71-121

ORFILA, Margarita (1993) – *Terra Sigillata Hispanica Meridional*, in *Arquivo Español de Arqueologia*, n.º 66

ORFILA, Margarita (1995) – Producciones de Sigillata no Clásica en la Bética? La llamadas sigillatas paleocristianas de Cástulo, in *IV Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispanica*, Barcelona

PALOL, P.; CORTES, J. (1974) – *La uilla romana de La Olmeda. Pedrosa de la Vega (Palencia). Excavaciones de 1969 y 1970*. Comisaría de Excavaciones Arqueológicas, Dirección General de Bellas Artes y Archivos, Ministerio de Cultura, Madrid

PAZ PERALTA, J. A. (1991) – *Cerámica de mesa romana de los siglos III al VI d.C. en la provincia de Zaragoza (terra sigillata hispánica tardía, african red slip ware, sigillata gálica tardia y phocaeen red slip ware)*. Zaragoza: Institución Fernando El católico

PAZ PERALTA, J. A. (2008) – Las producciones de *terra sigillata* hispánica intermedia y tardia, in BERNAL CASASOLA, D.; RIBERA I LACOMBA, A., eds. – *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión*, Cádiz, Universidad de Cádiz, p. 497-539

PEREIRA, Vítor (1997) – *Terra sigillata da Póvoa do Mileu (Guarda): primeira abordagem*, in *Revista Cultural Praça Velha*, C.M. Guarda, Guarda

PICON, M. (1984) – Recherches sur les compositions des sigillées hispaniques. Techniques de fabrication et groupes de production, in MAYET, F. – *Les céramiques sigillées hispaniques. Contribution à l'histoire économique de la Péninsule Ibérique*, Paris: Diffusion de Bocard, vol.1, p. 303-318

PIMENTA, J.; MENDES, H. (2007) – A escavação de um troço da via romana “*Olisipo-Scallabis*” (em Vila Franca de Xira), in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 10, n.º 2

POVEDA NAVARRO, A. (1999) – Las producciones de *terra sigillata* hispánica y su comercialización en el Sureste de *Hispania*, in ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., coords. – *Terra sigillata hispánica. Centros de fabricación y producciones altoimperiales*. Universidad de Jaén / Universidad de Málaga, p. 209-230

PRADALES CIPRÉS, D. (1984) – Marcas y grafitos aparecidos en la *terra sigillata* hispánica procedente del yacimiento romano de Arcaya (Álava), in *Veleia*, 1, p. 192-215

PRADALES CIPRÉS, D. (1987) – *Terra sigillata hispánica de Arcaya, Alava. Estudio de las formas lisas y decoradas*, Vitoria/Gasteiz, Universidad del País Vasco (*Veleia*; anejos nº 3)

PRADALES CIPRÉS, D. (1988) – Orígenes y distribución de la *terra sigillata* hispánica del País basco. Su distribución, in *Congreso de Historia de Euskal Herria, II congreso mundial vasco*, p. 297-324

PRADALES CIPRÉS, D. (1993) – Orígenes y distribución de la *terra sigillata* en Andalucía. Nuevos datos para el comercio cerámico en la Antigüedad, in *Actas del I coloquio de Historia Antigua de Andalucía, Córdoba, 1988*, II, p. 143-187

QUARESMA, J. C. (1999) – *Terra sigillata* africana, hispânica, focense tardia e cerâmica africana de cozinha de *Mirobriga* (Chãos Salgados, Santiago do Cacém), in *Conimbriga*, vol. XXXVIII, Coimbra, p. 137-200

QUARESMA, J. C. (2003) - *Terra sigillata sudgálica num centro de consumo: Chãos Salgados, Santiago do Cacém (Mirobriga?)*, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia; 30)

QUARESMA, J. C. (2005) – S. Pedro (Coruche): novos dados para o processo de romanização do vale do Sorraia na época augustana e júlio-cláudia, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 8, n.º 2, p. 429-448

QUARESMA, J. C. (2009) – *Economia antiga a partir de um centro de consumo lusitano. Terra sigillata e cerâmica africana de cozinha em Chãos Salgados (Mirobriga?)*, Dissertação para a obtenção do grau de Doutoramento em História (Especialização em Arqueologia), Universidade de Lisboa / Faculdade de Letras, Departamento de História

QUINTEIRA, A. J. F. (1998) – Estação arqueológica de Azeitada (Almeirim), in *Conimbriga vol. XXXVII*, Coimbra, p. 151-83

RASCÓN MARQUÉS, S.; *et Al.* (1994) – Grafitos sobre *terra sigillata* hispánica hallados en un vertedero del siglo I en la Casa de *Hippolytus (Complutum)*, in *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autonoma de Madrid*, 21, p. 235-270

RAUX, S. (1998) – Méthodes de quantification du mobilier céramique. État de la question et pistes de réflexion. In ARCELIN, P.; TUFFREAU-LIBRE, M. (1998) – *La quantification des céramiques. Conditions et protocole. Actes de la table ronde du Centre Archéologique Européen du Mont Beuvray (Glux-en-Glenne, 7-9 Avril 1998)*(Collection Bibracte; 2), p. 11-16

RIBEIRO, I. (2007) – *Terra Sigillata Hispânica da Praça da Figueira: os vasos lisos*, Relatório Final para a obtenção do grau de Licenciada em História, variante Arqueologia, Universidade Nova de Lisboa / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

ROCA ROUMENS, M. (1976) – *Sigillata Hispánica Producida en Andújar (Jaén)*, Jaén: Instituto de Estudios Giennenses / Exma. Diputacion Provincial

ROCA ROUMENS, M. (1978) – Algunas consideraciones en torno a las influencias itálicas en la sigillata hispánica, in *Cuadernos de Prehistoria de la Universidad de Granada*, III, p. 285-302

ROCA ROUMENS, M. (1991-92) – A propósito de ciertas formas, en T.S.H., fabricadas en el centro de producción de Los Villares de Andújar (Jaén), in *Cuadernos de Prehistoria de la Universidad de Granada*, 16-17, p. 389- 400

ROCA ROUMENS, M. (1998a) – Historia de la investigación de *terra sigillata* hispánica. In FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., ed. (1998) - *Terra sigillata hispánica. Estado actual de la investigación*. Universidad de Jaén (Colección Martínez de Mazas. Serie Estudios), p. 13-30

ROCA ROUMENS, M. (1998b) – Reflexiones acerca de las estructuras de producción de sigillata en el centro de Andújar. In FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., ed. (1998) - *Terra sigillata hispánica. Estado actual de la investigación*. Universidad de Jaén (Colección Martínez de Mazas. Serie Estudios), p. 105-122

ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I. (1987-88) – Probinas: ensayos de fabricación de sigillata en el centro de Los Villares de Andújar (Jaén), in *CPUG*, 12 - 13, p. 205-29

ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., coords. (1999) – *Terra sigillata hispánica. Centros de fabricación y producciones altoimperiales*. Universidad de Jaén / Universidad de Málaga

ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., coords. (2005) – *Introducción al estudio de la cerámica romana. Una breve guía de referencia*. Servicio

de Publicaciones de la Universidad de Málaga/Asociación Cultural CVDAS (Monográfico nº 1 de CVDAS, revista de Arqueología e Historia)

ROCA ROUMENS, M.; SOTOMAYOR, M. (1983) – Los alfares romanos de Los Villares de Andújar (Jaén). Campaña de 1981. *Noticiario Arqueologico Hispanico*, 15, p. 271-282.

RODRIGUES, Pérez; ROZAS, Maria (1989) – Nuevos datos acerca de la produccion de Terra Sigillata Hispánica Tardía, in *Boletin del Seminario de Estudios de Arte y Arqueologia*, Universidad de Valladolid, Valladolid

RODRÍGUEZ MARTÍN, F. G. (1996) – *Materiales de un alfar emeritense: paredes finas, lucernas, sigillatas y terracotas*, Merida: Museo Nacional de Arte Romano. (Cuadernos Emeritenses; 11)

ROMERO CARNICERO, M. (1985) – *Numancia. I. La terra sigillata*, Madrid: Ministerio de Cultura (Excavaciones Arqueológicas en España; 146)

ROMERO CARNICERO, M. (1998) – La *terra sigillata* hispánica en la zona septentrional de la Península Ibérica. Algunas reflexiones acerca de su estudio y grado de conocimiento, in FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., ed. (1998) - *Terra sigillata hispánica. Estado actual de la investigación*. Universidad de Jaén (Colección Martínez de Mazas. Serie Estudios), p. 189-208

ROMERO CARNICERO, M. (1999) – Producciones singulares de *terra sigillata*, in ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., coords. (1999) – *Terra sigillata hispánica. Centros de fabricación y producciones altoimperiales*. Universidad de Jaén / Universidad de Málaga, p. 253-258

ROMERO CARNICERO, M.; RUIZ MONTES, P. (2005) – Los centros de producción de T.S.H. en la zona septentrional de la Península Ibérica, in ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., coords. – *Introducción al estudio de*

*la cerámica romana. Una breve guía de referencia*. Servicio de Publicaciones de la Universidad de Málaga/Asociación Cultural CVDAS (Monográfico nº 1 de CVDAS, revista de Arqueología e Historia)

SÁENZ PRECIADO, J. C. (1992) – Marcas de alfarero aparecidas en las excavaciones de Santa María de El Juncal (Irún – Guipúzcoa), in *Caesaraugusta*, n.º 69, p. 75-96

SÁENZ PRECIADO, J. C. (2000) – Las primeras producciones de sigillata hispánica. ASIATICVS y M.C.R.: dos alfareros precoces en *Bilbilis* (Calatayud, Zaragoza), in *SALDVIE*, n.º 1, p. 283-94

SÁENZ PRECIADO, J. C. (2007) – Nuevas perspectivas en el estudio de la *terra sigillata* hispánica, in *Caesaraugusta*, n.º 78, p. 387-394

SÁENZ PRECIADO, M. (1998) – El complejo alfarero de *Tritium Magallum* (La Rioja): alfares altoimperiales, in FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., ed. (1998) – *Terra sigillata hispánica. Estado actual de la investigación*. Universidad de Jaén (Colección Martínez de Mazas. Serie Estudios), p. 123-164

SÁENZ PRECIADO, M. (1999) – Inicio de la campaña arqueológica en el término de “El Quemao” (Tricio) afectado por las obras de ensache y mejora de la LR 430 y de la LR 113 a Arenzana de Abajo, in *Estrato*, 10, p. 20-21

SÁENZ PRECIADO, M. (2000a) – El Quemao (Tricio): nuevo conjunto alfarero romano excavado en el valle del Najerilla (La Rioja), in *CVDAS*, 1, p. 121-31

SÁENZ PRECIADO, M. (2000b) – Avance sobre la excavación del centro alfarero romano de “El Quemao” (Tricio, La Rioja), in *SALDVIE*. 1, p. 295-302

SÁENZ PRECIADO, M. (2001-2) – Un nuevo horno de cerámica romana hallado en el término municipal de Villaseca (La Rioja), in *SALDVIE*. 2, p. 383-388

SÁENZ PRECIADO, M. (2005) – Últimas investigaciones sobre los alfares de *terra sigillata* en La Rioja, in: Coll Conesa, J. (dir.) – *Recientes investigaciones sobre producción cerámica en Hispania*. Valencia: Amigos del Museo Nacional de Cerámica y Artes Suntuarias González Martí, p. 61-74

SÁENZ PRECIADO, M.; SÁENZ PRECIADO, C. (1999) – La *terra sigillata* hispánica altoimperial, in ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., coords. (1999) – *Terra sigillata hispánica. Centros de fabricación y producciones altoimperiales*, Universidad de Jaén / Universidad de Málaga, p. 61-136

SÁENZ PRECIADO, M.; SÁENZ PRECIADO, C. (2006) – El centro de la Cereceda (Arenzana de Arriba, La Rioja). Las producciones del alfarero de las hojas de trébol y del alfarero de los bastoncillos segmentados, in *SALDVIE*, n.º 6, p. 195-211

SEPÚLVEDA, E. (2003) – *Terra sigillata* hispânica facetada da Quinta das Longas, Elvas, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 6, n.º1, p. 287-297

SEPÚLVEDA, E.; et Al. (2002) – A cronologia do circo de *Olisipo*: a *terra sigillata*, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 5, n.º 2, p. 245-275

SEPÚLVEDA, E.; AMARO, C. (2007) – Casa dos Bicos 25 anos depois: marcas de oleiro em *terra sigillata*, in *al-madan*, série 2, n.º 15, adenda electrónica VIII

SEPÚLVEDA, E.; FARIA, J.C.; FARIA, M. (2000) – Cerâmicas romanas do lado ocidental do Castelo de Alcácer do Sal, 1: *terra sigillata*, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 3, n.º 2, p. 119-152

SEPÚLVEDA, E.; FERREIRA, M.; MATA, V. (2008) – O espólio cerâmico romano do Alto de São Miguel (Alcácer do Sal): intervenção arqueológica urbana de emergência, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 11, n.º 2, p. 271-300



SEPÚLVEDA, E.; GOMES, N.; SILVA, R. B. (2003) – Intervenção arqueológica urbana na Rua dos Douradoures / Rua de S. Nicolau (Lisboa), 1: a *terra sigillata*, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 6, n.º 2, p. 401-414

SEPÚLVEDA, E.; RIBEIRO, I. (2009) – O espólio de cerâmicas finas de mesa, vidros e lucernas, in. BATALHA, L.; *et Al.*, coords. (2009) – *A uilla romana da sub-serra de Castanheira do Ribatejo (Vila Franca de Xira). Trabalhos arqueológicos efectuados no âmbito de uma obra da EPAL*, Lisboa, EPAL

SEPÚLVEDA, E.; SOUSA, E.M.; SOUSA, V.C. (2003) – Cerâmicas finas romanas do Museu Municipal Leonel Trindade (Torres Vedras). II: a *terra sigillata*, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 6, n.º 1, p. 299-321

SERRANO RAMOS, E. (1979) – *Sigillata Hispánica de los hornos de Cartuja (Granada)*, Valladolid: Universidad- Valladolid (Studia Archaeologica; 57)

SERRANO RAMOS, E. (1983) – Dispersión de la *Sigillata* Hispánica fabricada en los talleres de la Bética, in *Boletín del Museo Arqueológico Nacional (Madrid)*, I, 2, p. 151-157

SERRANO RAMOS, E. (1999a) – Producciones hispánicas precoces, in ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., coords. (1999) – *Terra sigillata hispánica. Centros de fabricación y producciones altoimperiales*, Universidad de Jaén / Universidad de Málaga, p. 231-234

SERRANO RAMOS, E. (1999b) – Centros productores de T.S.H. en las provincias de Granada y Málaga, in ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., coords. (1999) – *Terra sigillata hispánica. Centros de fabricación y producciones altoimperiales*, Universidad de Jaén / Universidad de Málaga, p. 137-68

SERRANO RAMOS, E. (2005) – Producciones locales e importaciones en la *Malaca* romana del siglo III a.C. al VII d.C., in *Mainake*, 37, p. 209-226

SERRANO RAMOS, E. (2007) – La Terra Sigillata Hispánica en el territorio malacitano, in *Baetica*, n.º 29, p. 217-249

SERRANO RAMOS, E.; ATENCIA PAEZ, R. (1981) – Marcas de alfarero sobre *terra sigillata* en la provincia de Málaga, in *Baetica*, n.º 4, Universidad de Málaga, p. 89-114

SERRANO RAMOS, E.; ATENCIA PAEZ, R.; BELTRAN FORTES, J. (1987) – Marcas de alfareros sobre *terra sigillata* en la provincia de Málaga (II), in *Baetica*, n.º 10, Universidad de Málaga, p. 219-26

SILVA, A. R. (2001) – A *terra sigillata* da uilla de Frielas, in *al-madan*, série 2, n.º 10

SILVA, C. T.; SOARES, J. (1993) – *Ilha do Pessegueiro. Porto Romano da Costa Alentejana*, Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza

SILVA, R. B. da. (1999) – Urbanismo de Olisipo: A zona ribeirinha, in *Actas das Sessões do II Colóquio Temático «Lisboa Ribeirinha» (Padrão dos Descobrimentos, 2 a 4 de Julho de 1997)*, Divisão de Arquivos da Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa, p. 43-67

SILVA, R. B. da (2005) – *As “marcas de oleiro” em terra sigillata da Praça da figueira. Uma contribuição para o conhecimento da economia de Olisipo (séc. I a.C.-séc. II d.C.)*, Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Arqueologia (Especialização em Arqueologia Urbana), Universidade do Minho / Instituto de Ciências Sociais

SOLOVERA, M. E. (1983) – El centro de producción de sigillata hispánica de Arenzana de Abajo, in *Cuadernos de investigación: Historia*, tomo 9, fasc. 1, p. 175-186

SOTOMAYOR MURO, M. (1977) - *Marcas y estilos en la sigillata decorada de Andújar (Jaén)*, Jaén: Instituto de Estudios Giennenses

SOTOMAYOR MURO, M. (1983) – Problemas de atribución y cronología de vertederos de TSH, in *Terra Sigillata Hispánica*, Separata de *Boletín del Museo Arqueológico Nacional*, Monografías, Tomo 1, n.º 2, Madrid, Museo Arqueológico Nacional, p. 137-140

SOTOMAYOR MURO, M. (1998) – Los Villares de Andujar. Historia de la investigación, IN FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., ed. (1998) – *Terra sigillata hispánica. Estado actual de la investigación*. Universidad de Jaén (Colección Martínez de Mazas. Serie Estudios), p.31-48

SOTOMAYOR MURO, M.; *et Al.* (1981) – II. Los alfares romanos de Los Villares de Andújar (Jaén, campaña 1978-1979), in *Noticiario Arqueológico Hispánico*, 11, p. 307-368

SOTOMAYOR, MURO; *et Al.* (1984) – El centro de producción de *Terra Sigillata Hispánica* de Los Villares de Andújar, Jaén. Campaña de 1982, in *Cuadernos de Prehistoria de la Universidad de Granada*, 9, p. 235-60

SOTOMAYOR, MURO; PÉREZ CASAS, A.; ROCA ROUMENS, M. (1976) – Los alfares romanos de Andújar (Jaén). Dos nuevas campañas, in *Noticiario Arqueológico Hispánico* (Arqueología; 4). Madrid: Dirección General del Patrimonio Artístico y Cultural, p. 111-48.

SOTOMAYOR, MURO; ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, I. (1999) – Centro de producción de Los Villares de Andújar (Jaén), in ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., coords. (1999) – *Terra sigillata hispánica. Centros de fabricación y producciones altoimperiales*. Universidad de Jaén / Universidad de Málaga, p. 19-60

SOTOMAYOR, MURO; ROCA, M.; SOTOMAYOR, N. (1979) – Los alfares romanos de Andújar. Campañas de 1974, 1975 y 1977, in *Noticiario Arqueológico Hispánico*, 6, p. 441- 498

SOUSA, É. M. de (1992) – *Terra sigillata hispânica tardia da Villa de Santo André de Almoçageme (Colares, Sintra)*, 1992

TUSET i BELTRÁN, F.; BUXEDA i GARRIGÓS, J. (1995) – La cerámica *terra sigillata* hispánica avanzada (TSHA) de Clunia: segunda mitad del s. II – s. III d.C., in *Congresso de Arqueologia Peninsular*, Vol. 5, (Trabalhos de Arqueologia e Etnologia; 35-1), p. 355-368

VAQUERIZO, D.; GARRIGUET, J. A.; VARGAS, S. (2005) – “*La Constancia*”. *Una contribución al conocimiento de la topografía y los usos funerarios en la Colonia Patricia de los siglos iniciales del Imperio*, Córdoba: Servicio de Publicaciones. Universidad de Córdoba (Arqueología Cordobesa, 11)

VARGAS CANTOS, S.; MORENO ALMENARA, M. (2004) – Nuevas perspectivas para el estudio de la cerámica de imitación tipo Peñaflor en Colonia Patricia Corduba, in BERNAL, D.; LAGÓSTENA, L., eds. – *Figlinae baeticae. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la bética romana. Actas del Congreso Internacional (Cádiz, 12-14 de noviembre de 2003)*. Universidad de Cadiz (BAR International Series; 1266), p. 721-726

VIEGAS, C. (2003) - *Cerâmica, economia e comércio: a terra sigillata da alcáçova de Santarém*. Lisboa: IPA (Trabalhos de Arqueologia; 26)

VIEGAS, C. (2006) – *A cidade romana de Balsa (Torre de Ares – Tavira): (I) a terra sigillata*. Tavira: Câmara Municipal de Tavira

VIEGAS, C. (2009) – *A ocupação romana do Algarve: estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*, Dissertação para a obtenção

do grau de Doutorado em História (Especialização em Arqueologia), Universidade de Lisboa / Faculdade de Letras, Departamento de História

VIEGAS, J. R.; NOLEN, J. U. S.; DIAS, M. L. F. (1981) – A necrópole de Santo André, in *Conimbriga*, vol. XX, Coimbra, p. 5- 180